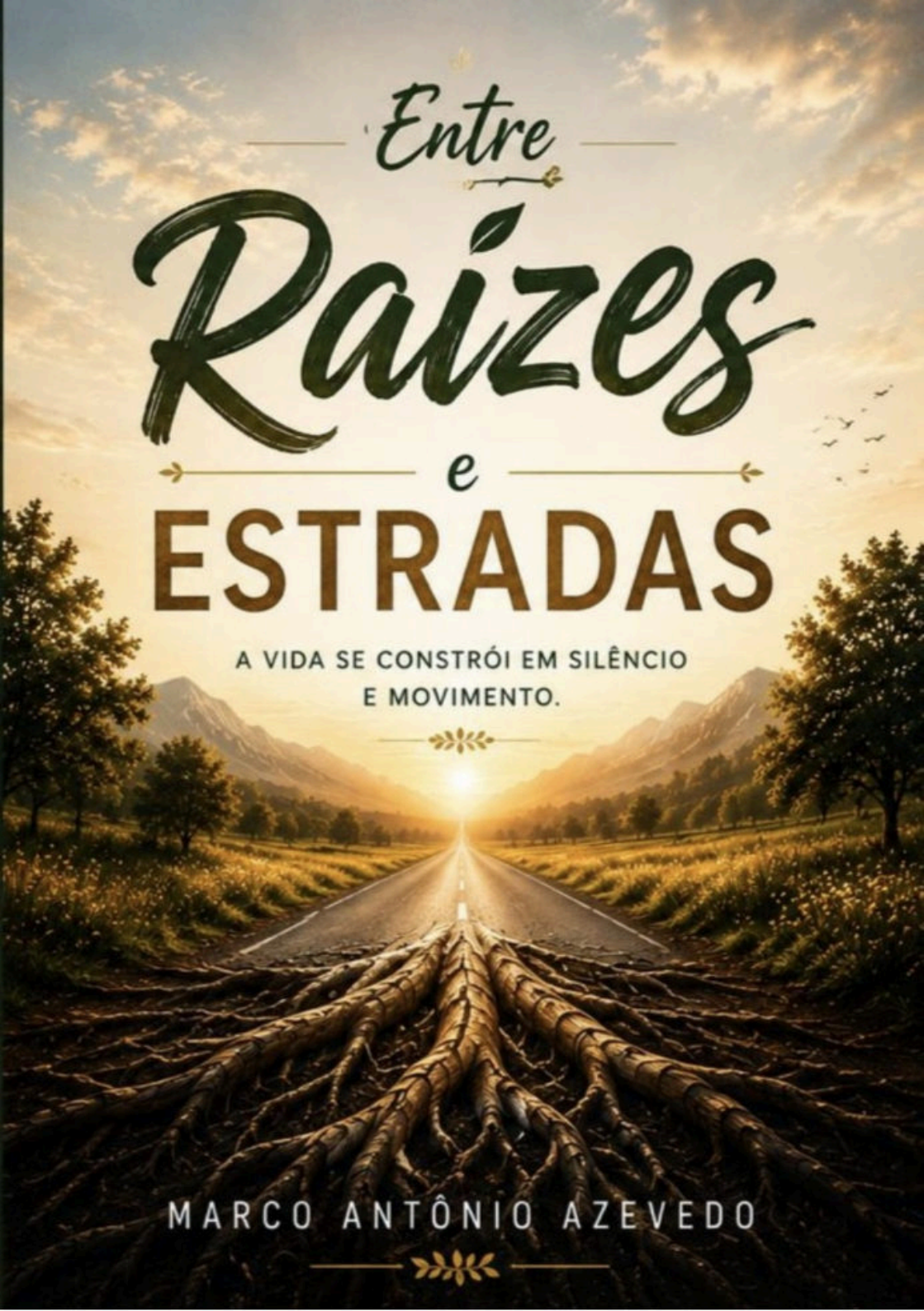

Entre
Raízes
e
ESTRADAS
A VIDA SE CONSTRÓI EM SILÊNCIO
E MOVIMENTO.
MARCO ANTÔNIO AZEVEDO

Marco Antônio Silva de Azevedo

Entre Raízes e Estradas

"Toda vida começa antes da memória"

Publicação Independente
Porto Alegre - RS
2026

Sumário

Dedicatória 5
Prefácio 9
Prólogo.....11
O Começo de Tudo 11
Parte I — As Raízes..... 17
Capítulo 1 — As Raízes de Minha História 18
Capítulo 2 — Os Primeiros Passos 24
Capítulo 3 — A Primeira Aventura 27
Capítulo 4 — A Goiabeira e o Laço de Dois Irmãos 30
Capítulo 5 — O Pinheiro Que Anunciava o Natal 33
Capítulo 6 — O início na Escola Primária 37
Capítulo 7 — A Semente do Encanto 44
Capítulo 8 — As Tardes que Moldaram um Futuro 50
Capítulo 9 — À Beira do Lago, Aprendi a Cuidar 55
Capítulo 10 — O Passeio que Definiu um Caminho 61
Capítulo 11 — Entre Trilhos e Silêncios 65
Capítulo 12 — A Caixa, o Pai e o Cinema 68
Capítulo 13 — O Carnaval, os Pastéis e o Amigo 73
Capítulo 14 — A Casa Onde a Infância Começou a Alargar..... 79
Capítulo 15 — O Freio Era no Grito 82
Capítulo 16 — O Ritual das Manhãs 88

Capítulo 17 — A Estrada e o Improvável 93
Capítulo 18 — Quando o Ar Ficou Pesado (1962) 96
Capítulo 19 — O Silêncio (1964) 100
Capítulo 20 — Quando o Olhar Começou a Escolher 107
Capítulo 21 — A Cidade Dentro de Mim 111
Capítulo 22 — O Terreno, a Casa e as Raízes 114
Capítulo 23 — A Coragem em Dia de Chuva 121
Parte II — As Primeiras Estradas 125
Capítulo 24 — Quando a Casa Começou a Silenciar 126
Capítulo 25 — O Ano em que a Infância se Encerrou 130
Capítulo 26 — Entre o Dever e o Sonho 135
Capítulo 27 — Entre o Trabalho, os Livros e a Madrugada 139
Capítulo 28 – Memórias do Bom Fim 142
Capítulo 29 — Quando a Adolescência Pediu Carona 148
Interlúdio I 153
Parte III — Construindo o Caminho.......155
Capítulo 30 — Entre o Despertar e o Amparo 156
Capítulo 31 — Quando o Caminho Começou a se Reconhecer 160
Capítulo 32 — O Natal Que Chegou Depois 166
Capítulo 33 — Quando o Acaso Virou Projeto de Vida.. 171
Capítulo 34 — Da Construção ao Habitar 177

Memória da primeira ocupação, do silêncio noturno e do tempo necessário para que uma casa se tornasse lar..... 177

Capítulo 35 — A Casa em Plena Vida 181
Capítulo 36 — Quando o Amor Mudou de Forma 185
Capítulo 37 – O Peso das Escolhas 189
Capítulo 38 – Quando o Silêncio Começa a Falar 193
Interlúdio II 196
Parte IV – As Colheitas da Estrada 198
Capítulo 39 – Quando o Amor Chega Sem Avisar 200
Capítulo 40 — O Cantinho do Imbé 205
Capítulo 41 — Paternidade e o Privilégio do Tempo 210
Capítulo 42 — O Lugar Que Tinha o Meu Jeito 214
Capítulo 43 — O Presente dos Primeiros Passos 219
Capítulo 44 — Cristiane: Amor e Presença 225
Capítulo 45 — Inahzinha: o amor que permanece 234
Epílogo 239
"Toda vida começa antes da memória" 242

Dedicatória

Este livro não começa em mim — começa antes, num tempo em que eu ainda era apenas promessa.

Nas mãos de minha mãe, Inahzinha, raiz profunda que me ensinou a permanência do amor — esse amor que não se rompe com o tempo, que resiste ao silêncio e floresce mesmo nas ausências.

E nas marcas de meu pai, Carlos, estrada aberta sob meus pés, ensinando que viver também é partir, é perder-se para então se encontrar, é transformar cada despedida em movimento.

Entre Raízes e Estradas, tornei-me travessia — lugar onde o passado respira e o futuro aprende a nascer.

À Cristiane, minha companheira, que escutou minhas palavras muitas vezes antes mesmo que elas tivessem voz, que acolheu meus silêncios como quem guarda sementes e, com delicadeza e coragem, me ensinou que lembrar também é um ato de amor — e que escrever é fazer o tempo permanecer. A ela, sou eternamente grato pelos presentes

que a vida me trouxe através do nosso amor e que hoje fazem parte, de forma legítima e indissolúvel, da minha história.

Aos meus irmãos e irmãs — Cristina (a Tina), Marco Aurélio (o Corélio), José Carlos (o Nêne), Simone (a Moninha), Anfilóquio (o Fifi) e Sonia (a Sônia, *in memoriam*) — e à minha irmã Caroline, que a vida me revelou pelos caminhos de meu pai, pela presença que permanece na cumplicidade dos dias e na saudade que não se desfaz.

Meus filhos, Marcos e Pedro, minhas noras, Aline, Luna e Marília, e meus netos e netas — Maria Antônia, Kaio, Flora, Bruno, Ian e João Pedro — são o futuro que me atravessa, a continuidade do que sou reinventado em novos passos, novos risos, novos começos.

E, pela vida e pelo amor que encontrei ao lado de Cristiane, recebi também presentes que o coração transformou em laços legítimos. Gabriel chegou como um filho emprestado, mas o tempo, a convivência e o afeto fizeram dele, verdadeiramente, um filho do coração — e hoje o considero

meu filho, sem qualquer distinção. Com ele veio Evelin, que se tornou minha nora pelo mesmo laço de amor e pertencimento. E, mais recentemente, chegou Miguel, filho de Gabriel e Evelin, meu neto, que também recebeu de mim o lugar legítimo que o amor reserva aos netos. São vínculos que talvez não tenham começado pelo sangue, mas que o amor tornou verdadeiros, profundos e permanentes.

E em mim ainda vive a força de minha avó Adelina, como um sussurro antigo que sustenta, como um gesto que o tempo não apaga, lembrando que há sabedorias que não se explicam — apenas se herdam, se sentem, se carregam.

Carrego também todos aqueles que, mesmo de passagem, deixaram fragmentos de si em minha história — porque ninguém atravessa a vida sozinho, e todas memórias são feitas de encontros e momentos.

Este livro é, assim, um lugar de retorno: entre o que fui e o que ainda ecoa, entre lembranças e afetos, entre o que passou… e o que permanece.

Porque, no fim, somos feitos de raízes que nos sustentam, de estradas que nos chamam e das travessias que, silenciosamente, nos revelam quem somos.

Prefácio

Este livro nasce da memória — esse território sensível onde o tempo não se organiza em datas, mas em afetos, encontros e marcas deixadas pelo viver. Ao revisitar o início da minha vida, não busco apenas recordar fatos, mas compreender os caminhos que me trouxeram até aqui e reconhecer as pessoas que deram sentido a cada etapa dessa trajetória.

Minha história começa na família, base primeira de afeto e aprendizado. Estende-se pelos irmãos que compartilharam o crescimento, pelos filhos que trouxeram novos significados à existência e pelos netos, como sementes do amanhã, expressão viva da continuidade do embrião familiar, onde o passado se renova e o futuro encontra raízes. Somam-se a essas presenças tantas outras que, de forma duradoura ou passageira, participaram da construção de quem me tornei. Amizades, amores, encontros breves e vínculos profundos coexistem no paginar deste livro, todos igualmente importantes em seu tempo e propósito.

As conquistas que aqui relato — pessoais e coletivas — nunca foram solitárias. Assim como os desafios, elas foram

atravessadas por relações humanas, escolhas conscientes e experiências profissionais que ultrapassaram o campo do trabalho para se transformarem em espaços de troca, respeito e aprendizado mútuo.

Ao longo da minha caminhada, preferi edificar caminhos de entendimento a levantar barreiras. Sempre que possível, escolhi o diálogo, a proximidade e o encontro. Por onde passei, deixei laços e levei comigo histórias, gestos e ensinamentos que permanecem vivos na memória. Este livro é, portanto, mais do que um relato pessoal: é o testemunho de uma vida construída em relação e um convite para que o leitor também atravesse suas próprias memórias, reconheça suas pontes e revisite seus caminhos.

PRÓLOGO

O Começo de Tudo

Era fim de tarde, no décimo dia de março de 1953, quando o mundo pareceu fazer uma pausa — breve, quase imperceptível — para me receber. A luz que atravessava as janelas do Hospital Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre, tinha a cor exata dos começos: um dourado que não anuncia nada, mas promete tudo. Foi nesse instante que cheguei: 4,95 quilos e 53 centímetros de contingência e esperança, um pequeno gigante lançado à vida sem saber que já trazia consigo histórias costuradas antes mesmo do primeiro sopro.

Diziam que eu nascera imenso, quase desmedido, e que por isso ganhei um prêmio simbólico do Banco Agrícola Mercantil. Uma honraria curiosa, dessas que a vida oferece sem explicar. Mas nenhum troféu embrulhado em papel seria comparável ao presente que realmente importava: o olhar atento, luminoso e cheio de amor daqueles que aguardavam minha chegada como quem protege uma chama recém-acesa.

Minha mãe, Inah, tinha então pouco mais de trinta anos — jovem, inteira, já profundamente entregue ao exercício silencioso do cuidar. Sua profissão, naquele tempo, era o lar: os filhos, a casa, os dias longos que começavam cedo e raramente terminavam à noite. Mas era justamente à noite que outra Inah despertava. Quando o cansaço pedia descanso, ela abria livros, cadernos, sonhos. Estudava para ser normalista movida por uma convicção íntima de que ensinar era mais do que um ofício: era um chamado.

Foi assim que, entre panelas e cadernos, colo e palavras, ela construiu o caminho que a levaria, em meados da década de 1960, à formação como professora das séries iniciais. Alfabetizadora por excelência, ensinaria muitas crianças a ler o mundo — inclusive a mim e a meus irmãos. Cada letra aprendida em casa carregava algo de afeto, algo de paciência, algo de esperança. Em suas mãos, o alfabeto nunca foi apenas uma técnica: era cuidado, era futuro.

Inah foi meu primeiro porto — e talvez o mais seguro que já tive. Mulher de fibra suave equilibrava força e ternura como quem segura um livro pela capa e, ao mesmo tempo, afaga

uma criança. Em casa, seu ofício assumia outra forma: não o de ensinar palavras, mas o de cultivar caráter. Era ela quem, com gestos pequenos e firmeza delicada, acendia em nós o desejo de aprender, crescer, transformar-nos. Sua herança não se media em bens ou posses — essas coisas frágeis que o tempo dissolve — mas em exemplos silenciosos, em raízes profundas, em um amor que parecia não ter início nem fim.

Gosto de imaginar — talvez inventar, talvez lembrar — que, ainda nos primeiros segundos da minha vida, ela tenha sussurrado ao meu ouvido: *"Filho, aprenda, cresça e seja digno. Mas nunca esqueça: o amor é a raiz de tudo."* Essas palavras, reais ou sonhadas, acompanharam-me desde então como um norte invisível, um farol constante mesmo nos dias mais turbulentos.

Meu pai, Carlos, tinha vinte e nove anos e trazia consigo o peso e a dignidade do trabalho. Era securitário, homem de estrada e de compromisso, conhecedor das distâncias percorridas entre uma casa e outra, entre uma conversa e outra, entre a necessidade e a esperança. Durante o dia, trabalhava; à noite, sentava-se nos bancos do curso científico,

acreditando — talvez sem saber — que estudar também era uma forma de cuidar do futuro da família.

Mais tarde, já noutra etapa da vida, esse mesmo homem ingressaria na Faculdade de Direito, vindo a se formar no final da década de 1970. Mas naquele março de 1953, ele era, sobretudo, esforço em movimento, presença que se construía no ir e vir, coragem que não fazia alarde. Feito de tentativas, disciplina e sonho, Carlos representava a estrada: aquela que exige passos firmes, mesmo quando o destino ainda não está claro.

O hospital borbulhava em passos, vozes e presságios. Mas nada disso me tocava. Meu universo inteiro cabia no calor da mão de Inah, no horizonte inquieto que era Carlos, e nessa certeza muda que inaugurava a minha existência: começava ali um enredo tecido de amor, estudo e perseverança.

Era 10 de março de 1953. E naquele instante, entre o choro e o silêncio inaugural, nasceu mais do que um menino. Nasceu também o fio invisível que me uniria para sempre à ternura de uma mãe que alfabetizava vidas e ao esforço honesto de um pai que aprendia, passo a passo, a construir o seu caminho.

Nasci de dois amores distintos — um raiz, outro estrada.

A partir daquele momento, sem que eu pudesse saber, comecei a escrever minhas próprias páginas. Não com palavras, mas com passos incertos, gestos pequenos e silêncios cheios de sentido. Cada dia vivido tornou-se uma linha invisível; cada escolha, um parágrafo; cada afeto, uma marca definitiva no papel do tempo.

Essas memórias, agora reunidas, não nasceram prontas. Foram sendo escritas lentamente, no compasso da infância, nas dúvidas da juventude, nos aprendizados da vida adulta. Algumas páginas são claras e serenas; outras, marcadas por rasuras, perdas e recomeços. Todas, porém, carregam a mesma tinta: a da experiência vivida.

É dessas páginas — iniciadas naquele fim de tarde de março de 1953 — que nasce este livro. Um esforço de lembrar, compreender e dar sentido ao caminho percorrido. Ao abrir estas memórias, retorno ao ponto inicial, não para reviver o passado como ele foi, mas para entendê-lo como ele me formou.

Assim começa esta travessia: a história de uma vida escrita pelo tempo, sustentada pela raiz do amor e conduzida pela estrada do aprender.

Parte I — As Raízes

Capítulo 1 — As Raízes da Minha História

Conhecer as próprias origens é, de certa forma, procurar compreender os caminhos que nos trouxeram até aqui. Nem sempre, porém, temos a oportunidade de conviver com aqueles que vieram antes de nós. Algumas histórias chegam por meio de relatos familiares; outras permanecem guardadas em fotografias, nomes e lembranças fragmentadas, como peças de um passado que tentamos reconstruir ao longo da vida.

Minha convivência com meus avós, tanto paternos quanto maternos, foi limitada. Ainda assim, seus nomes e suas histórias fazem parte das minhas origens. Pelo lado paterno, estavam **Constantino Francisco de Azevedo** e **Maria Evangelina Lacerda de Azevedo**, carinhosamente chamada de vó Nini. Pelo lado materno, estavam **Anfilóquio Germano da Silva** e **Adelina do Carmo Coelho da Silva**.

Não cheguei a conhecer meu avô materno, Anfilóquio, e meu avô paterno, Constantino. Já minha avó Adelina, minha avó Nini e minha mãe, Inah, foram referências importantes na minha trajetória. Cada uma, à sua maneira, contribuiu para os valores que procurei levar comigo ao longo da vida.

Constantino Francisco de Azevedo — A Justiça, a Solidariedade e o Valor da Educação

Meu avô paterno, **Constantino**, era filho de portugueses. Dele guardo o legado que me foi transmitido pelas narrativas do meu pai e de meus tios — Paulo, Plínio, Carlos (meu pai) e o primogênito José. Constantino herdou vastas extensões de terras, mas as adversidades e as duras circunstâncias da época fizeram com que esse patrimônio se perdesse. No entanto, sua verdadeira e imperecível riqueza foi investida no futuro dos seus quatro filhos, para os quais nunca mediu esforços em garantir o acesso aos estudos. Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, mas a memória familiar o descreve como um homem de presença firme e rude, contudo guiado por uma justiça inabalável e um coração profundamente solidário.

Maria Evangelina Lacerda de Azevedo — Vó Nini

Minha convivência com minha avó paterna, **Maria Evangelina Lacerda de Azevedo**, carinhosamente chamada de vó Nini, foi relativamente pequena. Ela morava com seu filho primogênito, José, meu tio, médico e irmão de meu pai.

Guardo dela a imagem de uma mulher meiga, de poucas palavras, que parecia encontrar nos pequenos gestos uma maneira muito própria de expressar seus sentimentos. Não era necessário falar muito para demonstrar afeto. Sua forma de se aproximar dos netos era simples, delicada e repleta de ternura.

Lembro-me de sua preocupação em nos agradar, oferecendo-nos, sempre que possível, alguma guloseima. Eram pequenos mimos, talvez singelos aos olhos dos adultos, mas que representavam manifestações de carinho e atenção.

Embora não tenhamos compartilhado tantos momentos quanto eu gostaria, vó Nini permaneceu entre as lembranças da minha história familiar. Sua meiguice e seu jeito discreto de demonstrar amor mostram que, muitas vezes, o afeto não precisa de grandes declarações: ele se revela nas pequenas delicadezas do cotidiano.

Anfilóquio Germano da Silva — A Farda, a Generosidade e a Vocação

Da minha linha materna, a figura de meu avô, **Anfilóquio Germano da Silva**, chegou até mim por meio das lembranças e dos relatos de minha mãe. Homem de duas

grandes vocações, era médico veterinário e serviu com dedicação e orgulho como Major do Exército Brasileiro.

Segundo minha mãe, ele personificava uma combinação marcante: era um homem muito generoso, mas que, moldado pela farda e pela vida militar, mantinha uma postura bastante disciplinadora. Ao lado de minha avó Adelina, construiu um lar pautado pelo amor e pela retidão, criando seus três filhos biológicos — João, Raul e Inah (minha mãe) — e estendendo esse mesmo afeto incondicional ao querido Moisés, a quem adotaram e criaram como filho com imensa dedicação.

Sendo Inah sua única filha mulher, a relação entre os dois tinha um encanto todo especial. Ele a chamava carinhosamente de *"Mexirica"*, um apelido carinhoso que nasceu pelo fato de minha mãe estar sempre cheirosinha. Esse pequeno detalhe revela que, por trás da disciplina rigorosa exigida pela farda, batia o coração de um pai profundamente amoroso e atento às delicadezas do lar.

Adelina do Carmo Coelho da Silva — A Força de Nunca Desistir

Se minha avó paterna, vó Nini, permanece nas minhas lembranças pela meiguice e pelos pequenos gestos de

carinho, minha avó materna, **Adelina do Carmo Coelho da Silva**, ocupa um lugar especial na minha história pela força de seu caráter e pela perseverança que transmitia por meio de seu exemplo.

Portuguesa de nascimento, Adelina chegou ao Brasil aos cinco anos de idade. Ainda menina, atravessou o oceano para iniciar uma nova etapa da vida em uma terra que, com o passar dos anos, também se tornaria sua. Mais tarde, casou-se com meu avô Anfilóquio, dando continuidade à história de sua família.

Quando penso em minha avó, a primeira característica que me vem à lembrança é sua fibra. Era uma mulher cuja história me ensinou que as dificuldades fazem parte da caminhada, mas não precisam determinar o nosso destino.

Foi com ela que aprendi o valor da perseverança e a importância de não desistir diante das adversidades. Esse ensinamento tornou-se uma referência para a minha própria trajetória. Ao longo da vida, compreendi que a determinação para seguir em frente, mesmo quando os caminhos se tornam difíceis, é uma das forças que nos permitem superar obstáculos e continuar acreditando no amanhã.

Nem sempre percebemos, enquanto estamos vivendo, a dimensão dos ensinamentos recebidos das pessoas que amamos. Com o passar dos anos, entretanto, algumas lições ganham um significado ainda maior. Olhando para trás, reconheço em minha avó Adelina uma dessas referências: uma mulher cujo exemplo me ajudou a compreender que perseverar é continuar caminhando, mesmo quando a estrada apresenta dificuldades.

Ao lado de minha mãe, Inah, ela e todos os que vieram antes formaram as bases dos valores que procurei levar comigo ao longo da vida.

Capítulo 2 — Os Primeiros Passos

Meus primeiros passos não são lembranças minhas, mas lembranças que caminham até mim pela voz doce de minha mãe, Inah — ou Inahzinha, como era chamada com carinho pelos meus tios e familiares. São histórias que ela contava com brilho nos olhos, como quem revive a cena toda vez que a pronuncia, trazendo o passado para o presente com a força simples da memória.

Eu tinha cerca de um ano e meio, idade em que o mundo ainda é mais alto do que nós e tudo ao redor parece feito de descobertas intermináveis. Naquele tempo, habitava e convivia em nossa casa um cachorro chamado Dick, um Collie de pelos longos e macios, amigo fiel do meu irmão mais velho e, sem que ninguém planejasse, meu primeiro companheiro de caminhada.

Segundo minha mãe, eu tinha um fascínio imediato por aquele cachorro. Não era apenas curiosidade infantil — era quase amizade à primeira vista. Dick parecia compreender meu equilíbrio inseguro, minhas mãos pequenas procurando

apoio. Em vez de se afastar, permanecia ali, firme e paciente, como se soubesse que eu precisava dele.

Ela contava que meus primeiros passos aconteceram assim: eu, agarrado aos longos pelos dourados de Dick, erguia-me com esforço, respirava fundo, inclinava-me para a frente… e, com a ajuda daquele amigo silencioso, dava um passo. Depois outro. E mais um. Meio cambaleante e meio corajoso — mas sempre segurando firme naquele companheiro de quatro patas.

Dick avançava devagar, atento, como quem conduz uma missão importante. Do outro lado da sala, minha mãe observava com o coração dividido entre o riso e a emoção. Dizia que meus olhos brilhavam, como se eu estivesse descobrindo a liberdade ou, talvez, apenas saboreando o triunfo de permanecer em pé sem cair.

A cada ameaça de tombo, Dick parava. Seu corpo sólido e quente era meu equilíbrio. Seus pelos, meu corrimão. Sua presença, meu incentivo silencioso.

Foi assim que caminhei pela primeira vez: não entre braços humanos, mas guiado por um amigo fiel, emprestado por meu irmão — um guardião inesperado, que me ensinou a andar antes mesmo que eu soubesse falar.

Minha mãe sempre repetia essa história com um orgulho manso, daqueles que só as mães conhecem. Dizia que, desde pequeno, eu já demonstrava coragem — mas uma coragem que nunca caminhou sozinha, sempre acompanhada da confiança no outro.

E talvez seja verdade. Meus primeiros passos nasceram apoiados em alguém. E desde então, aprendi — ainda que sem saber — que caminhar é um exercício de equilíbrio: entre a autonomia e o amparo, entre a raiz que sustenta e o caminho que chama.

Capítulo 3 — A Primeira Aventura

Lá pelos idos de 1958, quando o mundo ainda cabia inteiro nos meus olhos de criança e o bairro IAPI era o limite do meu universo, vivi minha primeira grande aventura — e também meu primeiro grande susto. Eu tinha cerca de cinco anos, aquela idade em que tudo parece enorme, misterioso e irresistível.

Na rua em frente à casa onde morávamos, um caminhão estacionava semanalmente, sempre imponente, sempre atraindo meu olhar. Era grande, ruidoso, cheio de detalhes que minha imaginação infantil transformava em histórias. A cerca-viva do jardim era minha moldura preferida: eu espiava por entre suas folhas e, naquele quadro verde, observava o caminhão como quem contempla um gigante adormecido.

Até que, certo dia, o acaso resolveu abrir a porta para algo maior. Eu e os amigos da vizinhança, movidos pela eterna busca por aventuras simples, aproximamo-nos do caminhão. E, de perto, tudo parecia ainda mais fascinante: o cheiro de ferro, o brilho gasto da lataria, o eco oco da caçamba vazia.

Para mim, era como explorar um território proibido — e, por isso mesmo, irresistível.

Meus amigos, mais ousados — ou talvez apenas mais altos — conseguiram subir na caçamba. Riam, pulavam, celebrando aquela conquista improvisada. Foi então que mãos inquietas encontraram a trava da tampa lateral. Um movimento impensado. Um gesto breve. E a pesada tampa se desprendeu de repente.

Não me lembro do barulho exato. Lembro apenas do impacto. Um golpe seco nas costas, a dor misturada ao susto, o ar escapando do meu corpo. Em seguida, tudo virou um redemoinho de vozes assustadas, passos apressados, braços que me erguiam com cuidado e urgência.

O susto foi tão grande quanto o amor dos meus pais quando souberam do ocorrido. Lembro-me do olhar deles — mais aflito do que o meu próprio — enquanto eu era levado ao Pronto Socorro. Foram dez longos dias de internação; dias que, para uma criança, parecem meses, e que, para um pai e uma mãe, tornam-se uma eternidade silenciosa.

Mas lembro-me também da presença deles, constante como o sol que nasce todos os dias. As mãos que acariciavam minha testa, as palavras mansas que tentavam transformar dor em coragem, os silêncios cheios de sentido, que diziam mais do que qualquer discurso.

Aquela aventura, nascida da inocência e do fascínio, deixou marcas que não vejo, mas ainda sinto. Foi ali que aprendi, talvez pela primeira vez, que o mundo, ao mesmo tempo em que encanta, também exige cuidado. E aprendi, sobretudo, que o amor de uma família pode ser mais forte do que qualquer queda.

Assim, naquele ano de 1958, eu — menino curioso do IAPI — descobri que crescer é também reconhecer os limites invisíveis entre a ousadia e o perigo. E que toda aventura verdadeira carrega, além do risco, uma lição que permanece.

Mas isso… era apenas o começo.

Capítulo 4 — A Goiabeira e o Laço de Dois Irmãos

A infância tem lugares que se tornam sagrados — não porque alguém os consagrou, mas porque ali ficaram guardadas as primeiras aventuras, os primeiros medos e a primeira forma de amar. Para mim e para minha irmã Tina — diminutivo carinhoso de Cristina — esse lugar era a goiabeira que crescia orgulhosa no quintal de casa.

Eu era seu irmão mais velho por apenas um ano, mas naquela diferença pequena morava uma responsabilidade enorme, sentida com toda a intensidade do meu coração de menino. Tina era travessa, atrevida, dona de um brilho indisciplinado no olhar. E a goiabeira era o seu reino. Subia nos galhos como quem enfrenta o mundo, rindo, equilibrando-se, às vezes desafiando até mesmo o vento.

Eu ia atrás — não apenas para brincar, mas para cuidar. Havia em mim a sensação clara de que era meu dever protegê-la, como se a vida, ainda tão cedo, já me ensinasse que ser irmão é, antes de tudo, ser guardião.

Subíamos juntos: ela com coragem demais, eu com medo demais por nós dois. Às vezes, Tina me provocava com aquele sorriso travesso de quem queria ir mais alto, só para testar o coração do irmão. E conseguia. Sempre conseguia.

Mas muito do que aprendemos, aprendemos do jeito que a vida ensina às crianças: de repente, sem aviso, e quase sempre com um susto no meio.

Foi em um desses dias cheios de risos e pequenas ousadias que tudo aconteceu. Tina, num salto rápido da árvore, desceu antes de mim. Eu ainda segurava um galho quando ouvi o grito. Ela havia pisado em um caco de vidro escondido na terra, e o corte abriu-se em seu pé pequeno e frágil.

Lembro do sangue, mas lembro ainda mais da urgência que tomou conta de mim. Corri. Corri com uma pressa que meu corpo de criança talvez nunca tenha sentido de novo. Meu coração batia descompassado, um tambor inquieto entre o medo e a responsabilidade.

Corri em busca de quem sempre soube costurar nossos machucados — não apenas os da pele, mas os da vida: minha mãe, minha heroína silenciosa.

Ela veio firme e serena ao mesmo tempo, como só as mães sabem ser. Limpou o ferimento, enxugou as lágrimas de Tina e, com um único olhar, fez meu coração desacelerar. Havia naquele gesto uma força silenciosa — um cuidado que não se aprende em livros, apenas vivendo, e que só se compreende plenamente muito tempo depois.

A goiabeira continuou lá, testemunha muda da infância que dividimos. Mas naquele dia aprendi duas lições que ficaram guardadas para sempre: que ser irmão é carregar o outro no coração, mesmo quando o medo aperta; e que o amor de uma mãe é o chão firme onde todos os nossos sustos, cedo ou tarde, encontram repouso.

Capítulo 5 — O Pinheiro Que Anunciava o Natal

Não sei precisar o ano — a memória insiste em guardar mais o sentimento do que o calendário —, mas recordo os dias que antecediam o Natal como se fossem feitos de uma luz diferente. Os dezembros da minha infância tinham um brilho próprio: um rumor de festa que se espalhava pela casa, pelos corredores, pelas conversas baixas que meus pais travavam enquanto organizavam detalhes que eu ainda não compreendia.

Meu pai era sempre o responsável por trazer o sinal visível de que o Natal se aproximava: o pinheiro natural. Naqueles anos cinquenta, pinheiros frondosos surgiam nas esquinas como sentinelas verdes à espera de um destino. E ele, com olhar atento e criterioso, escolhia o mais alto, o mais bonito — aquele que enchesse a casa de presença.

Quando o pinheiro atravessava a porta, como um convidado de honra, começava um ritual que, para mim, tinha gosto de encantamento. Minha mãe — a Inahzinha — e meus irmãos mais velhos, Fifi e Sônia, reuniam-se ao redor dele, transformando a sala numa oficina de sonhos. As bolinhas

coloridas refletiam o mundo em miniatura; o algodão, moldado com cuidado, imitava uma neve que só existia no imaginário das nossas festas; as luzes, ainda incertas, piscavam como estrelas ensaiando o próprio brilho.

Ao lado da árvore, o presépio se erguia como um pequeno universo de fé. Cada peça parecia carregar uma história, um silêncio sagrado, uma promessa antiga. Era ali que a infância encontrava sua primeira forma de espiritualidade — não nos sermões, mas no gesto atento, no cuidado com cada detalhe.

E então chegava o dia. O grande dia.

A ceia preparada por minha mãe tinha algo de bênção. Mais do que comida, era símbolo de fartura, de união, de amor traduzido em panelas e temperos. Mas, para mim e para minha irmã Cristina — a nossa Tina — havia outro momento que fazia o coração bater mais rápido: a chegada do Bom Velhinho.

Papai Noel sempre me despertou um misto de fascínio e receio. Eu o observava com olhos atentos, tentando entender como aquela figura tão grande, tão estranha e tão adornada

conseguia ser, ao mesmo tempo, fonte de medo e alegria. Chamava cada filho pelo nome, com uma solenidade que parecia pesar o nosso comportamento ao longo do ano. E, entre conselhos e sorrisos, distribuía os presentes que tanto esperávamos.

Naquele Natal, recebi minha “lambreta” — minha primeira bicicleta, ainda com rodinhas laterais que sustentavam um equilíbrio incipiente. Lembro-me da sensação de tocá-la, como se estivesse recebendo uma promessa de autonomia, um convite ao movimento. Não era apenas um brinquedo: era o primeiro sinal de que eu podia ir mais longe.

Essa lembrança permaneceu comigo como permanecem as coisas fundadoras: silenciosas, mas indestrutíveis. Com o passar dos anos, compreendi que aquele Natal não celebrava apenas o nascimento de Cristo; celebrava também o nascimento de um modo de amar — transmitido por meus pais e que, mais tarde, eu procuraria passar aos meus filhos. Assim como o pinheiro, certas tradições criam raízes profundas e atravessam gerações.

Os Natais mudariam, as casas mudariam, o mundo mudaria. Mas aquele primeiro — o que vive em mim até hoje — foi o que me ensinou que a verdadeira festa não está na data, mas na luz que conseguimos acender dentro da nossa própria casa.

Capítulo 6 — O Início na Escola Primária

Na primeira claridade da década de 1960, quando o tempo ainda se abria como um livro novo, iniciei meus estudos em sala de aula. Cada manhã trazia consigo a promessa silenciosa de um mundo a ser descoberto, e eu, menino, caminhava rumo a ele com o coração cheio de expectativas.

A mudança para o Bairro São Pedro trouxe novos vizinhos, novas ruas, novas distâncias — mas não mudou o lugar onde minha vida escolar começou a ganhar forma. Mesmo morando longe, continuei matriculado na Escola Estadual Gonçalves Dias, no IAPI, como se parte de mim soubesse que ali havia algo que ainda precisava ser vivido. E assim, todos os dias, eu e minha irmã Cristina — a nossa Tina, pequena de tamanho e imensa de energia — embarcávamos na rotina que, para muitos, pareceria grande demais para duas crianças. Mas naquele tempo, autonomia era quase um rito de passagem, um jeito silencioso de a vida dizer: “vai, o mundo te espera.”

Eu com sete anos, ela com seis, caminhávamos juntos até o ponto de ônibus. A rua parecia comprida, cheia de sons que apenas a infância transforma em música: o motor dos

coletivos ao longe, os passos apressados dos adultos, o canto dos passarinhos misturado ao cheiro do pão recém-saído das padarias.

Embarcávamos no ônibus como dois viajantes habituados, ainda que nossas pernas balançassem sem alcançar o chão. Tina segurava firme na barra do banco, os olhos atentos a tudo, enquanto eu fazia um esforço para parecer mais corajoso do que realmente era — afinal, ser o irmão mais velho carregava uma responsabilidade silenciosa.

O trajeto até o IAPI era como atravessar dois mundos: o bairro novo, ainda estranho e por descobrir, e o bairro antigo, onde permanecia a escola que moldaria nossas primeiras letras. A Escola Gonçalves Dias era grande — enorme para o tamanho que eu tinha naquela idade. Pátios espaçosos, quadras cobertas que ecoavam nossas vozes, corredores que cheiravam a madeira, giz e aventuras ainda por viver. Era uma escola com alma, feita de espaços onde a imaginação podia correr livre.

Foi ali, naquele começo dos anos 1960, que iniciei o primeiro ano primário, na turma da Professora Maria de Lourdes —

uma mulher meiga e gentil, cuja doçura parecia aquietar até os medos mais escondidos. Extremada no ato de alfabetizar, ela ensinava como quem acaricia: com firmeza suave, com paciência infinita, com a alegria de quem sabe que cada letra aprendida é uma porta que se abre.

Lembro-me dela organizando a formação da fila antes do ingresso na sala de aula. Os meninos de um lado, as meninas do outro, todos alinhados como pequenos soldados da rotina escolar. Ao toque de sua voz calma, o pátio se transformava em cerimônia. Entoávamos o Hino Nacional com a seriedade própria das crianças que acreditam no poder da música, e assistíamos ao hasteamento da bandeira com o coração batendo mais devagar. Só então, conduzidos pela Professora Maria de Lourdes, adentrávamos a sala — como quem atravessa um portal para o mundo do aprendizado. Tina, ao lado, dava seus primeiros passos no pré-primário, levando consigo aquele brilho inquieto que sempre a acompanhou. Estar junto dela tornava o mundo menos assustador.

A Aventura do Segundo Dia

Mas foi no segundo dia de aula que a vida tratou de nos ensinar que autonomia não significa ausência de sustos. Ao

avistar a parada correta, estiquei o braço e apertei o sinal com toda a confiança de quem acredita que um simples gesto controla o destino de um ônibus cheio. Só que o motorista, distraído ou alheio às intenções de duas crianças, não parou onde devia. Seguiu adiante. E só freou uma parada depois. Lembro-me dos olhos de Tina, enormes de espanto. Seu medo era tão vivo que parecia ter forma.

— E agora? — ela me perguntou com a voz trêmula.

— A gente volta a pé — respondi, tentando sustentar uma firmeza que eu não tinha.

Descemos na parada errada como quem desembarca num território desconhecido. O caminho de volta parecia um desafio gigante, desses que só pode ser vencido de mãos dadas. Tina, com sua imaginação de menina, olhou para mim e perguntou, quase sussurrando:

— “Tu marcaste a estrada com pedrinhas?”

A referência ao conto de João e Maria me alcançou como um sopro doce da infância. E ali, no meio da calçada, mesmo com o mundo parecendo grande demais, eu sorri. Porque ela

realmente acreditava que eu seria capaz de guiá-la usando pedrinhas invisíveis.

— Não precisa, Tina! Eu sei o caminho — eu disse.

E fomos. Dois pequenos irmãos retornando à parada correta, atravessando a calçada como quem desbrava uma floresta imaginária. Quando finalmente chegamos, Tina respirou fundo, e eu também — embora fingisse que tudo não passara de um detalhe sem importância.

Naquele dia, entendi que responsabilidade às vezes nasce antes do entendimento. E Tina aprendeu que, mesmo quando o ônibus erra o destino, existe sempre alguém disposto a caminhar ao seu lado para reencontrar o caminho certo.

O Início de Uma Jornada

Dentro da escola, o medo ficava do lado de fora. Ali, tudo era descoberta. O olhar da Professora Maria de Lourdes parecia dizer que estávamos seguros. O caderno de capa dura continha todos os mistérios do mundo. E o recreio era uma pausa luminosa onde o pátio enorme se transformava em universo.

Com o passar das semanas, a presença da Professora Maria de Lourdes tornou-se não apenas parte da rotina — mas um farol. Havia algo na forma como ela segurava o giz, como se desenhasse no quadro não apenas letras, mas caminhos. Seu sorriso sempre chegava antes da fala, e sua voz chegava antes de qualquer insegurança.

Era ela quem, todas as manhãs, nos conduzia em fila e recebia-nos na porta da sala e dizia:

— Bom dia, meus tesouros.

E o dia começava diferente depois disso.

Às sextas-feiras, ela nos permitia colorir as letras recém-aprendidas, como se o aprendizado precisasse, às vezes, de um pouco de luz. O cheiro da tinta guache misturado ao pó de giz formava um perfume que até hoje carrego comigo, guardado num canto silencioso da memória.

E havia o ritual dos cadernos. Maria de Lourdes passava folha por folha como quem acaricia o esforço de cada criança. Quando encontrava um acerto, comemorava. Quando

encontrava um erro, corrigia sem dureza — como quem diz: “não tem problema, tenta de novo.”

E nós tentávamos. Tentávamos porque queríamos ser dignos do modo como ela acreditava em nós.

Ao mesmo tempo, a convivência com Tina tornava os dias mais vivos. Havia sempre uma descoberta, um comentário engraçado, uma travessura inocente. E cada vez que eu a via distante no pátio, brincando com sua energia quase luminosa, eu entendia que crescíamos juntos — mas cada um à sua maneira, ao seu tempo, no seu brilho.

A escola, a professora, o ônibus, o caminho, o bairro: tudo isso formava um universo próprio, um mapa de lembranças que até hoje sei percorrer de olhos fechados. E ali, naquela primeira claridade dos anos 1960, começou a construção do que um dia eu chamaria de minha história.

Capítulo 7 — A Semente do Encanto

Eu ainda não sabia nomear o que despertava dentro de mim. Aos oito anos, no segundo ano do primário, as emoções surgiam como brotos tímidos que a infância faz nascer sem cerimônia — frágeis, espontâneos, perfumados pelo pó de giz que flutuava na sala e pelo burburinho vivo do recreio. Mas havia algo diferente que se acendia sempre que a professora anunciava os trabalhos em dupla. Quase sempre, éramos colocados juntos: eu e Cecilia.

Cecilia — loirinha, de olhos verdes, com um jeito quase angelical — parecia carregar uma luminosidade própria, daquelas que não se aprendem: simplesmente acontecem. Quando ela se aproximava da minha carteira, inclinando a cabeça para espiar meu caderno ou sorrindo por alguma distração inocente, eu sentia um calor calmo, uma alegria silenciosa que a infância reconhece antes mesmo de compreender. Era como se o dia se abrisse um pouco mais para mim quando ela estava por perto.

Sentar ao seu lado era o meu instante favorito. Dividíamos lápis, folhas e pequenos universos de fantasia, como se nossas

mãos desenhassem não apenas exercícios escolares, mas a primeira forma de afinidade que eu conheceria. A cada atividade, eu aguardava, quase em segredo, a frase da professora:

— Vocês dois, juntos novamente.

No recreio, nossa pequena constelação continuava a orbitar. Partilhávamos a merenda: meu sanduíche, sua maçã, o pedaço de bolo feito pela mãe dela. Mas o sabor vinha menos da comida e mais da partilha — daquela graça suave de dividir o mundo com alguém que fazia a infância parecer maior do que realmente era.

Quando os fins de semana começaram a incluir a presença de Cecilia, percebi que algumas pessoas têm o dom de tornar o tempo mais bonito. Às vezes era ela quem aparecia na minha porta; outras, era eu quem batia na dela. Brincávamos, inventávamos histórias, atravessávamos tardes que pareciam feitas para durar uma vida. Havia algo nela que me dizia, sem palavras, que eu podia ser simplesmente eu — e isso bastava.

Recordo com nitidez um instante quase insignificante. Estávamos desenhando no chão, cercados de lápis de cor espalhados como pequenas estrelas caídas. Ao se inclinar para colorir uma torre do castelo que inventávamos, seu braço roçou o meu. Foi um toque mínimo, um sopro, mas meu coração menino aprendeu ali a pressa, o espanto, o descompasso doce do encantamento. Ela seguiu desenhando, alheia à revolução silenciosa que provocava. E eu descobria, ainda sem linguagem, que existem sentimentos que apenas o silêncio consegue guardar.

Pouco depois, minha família mudou de bairro. E, como acontece quando a infância não tem meios de se reinventar à distância, perdemos contato. Uma troca de escola era, naquele tempo, quase uma despedida definitiva. Um dia eu dividia merendas com Cecilia; no outro, ela já era lembrança — mas uma lembrança que insistia em permanecer acesa.

Hoje, olhando para trás com os olhos de homem, percebo que aquele encantamento infantil tinha uma pureza inimitável. Não foi apenas amizade. Não foi apenas curiosidade. Foi o primeiro aviso de que o coração tinha vida própria — e que às

vezes ele escolhe pessoas que não ficam, mas que permanecem.

Porque Cecilia não deixou só uma memória; deixou um molde. Sem que eu soubesse, ensinou-me que o amor tem mais a ver com leveza do que com espetáculo, mais a ver com calma do que com urgência. Que o afeto se constrói em gestos mínimos — a partilha de um lanche, uma risada, um silêncio confortável — e que é nesse espaço simples que a alma repousa.

Quando penso nos amores da vida adulta, percebo que sempre procurei, consciente ou não, algo que se parecesse com o que senti pela primeira vez: serenidade, cumplicidade, luz mansa. Não o amor que atropela, mas o que se reconhece. O que não pesa. O que soma.

Talvez seja assim que muitos amores de infância se despedem: sem adeus, sem ruído, apenas absorvidos pelo tempo. Mas, mesmo assim, deixam uma herança suave — um perfume que permanece, um eco que nos acompanha pela vida inteira.

E se hoje fecho os olhos, ainda vejo o sorriso de Cecilia, intacto na memória, como se houvesse resistido a todos os anos que vieram depois. Percebo então que não é ela que volto a procurar — mas aquilo que ela despertou em mim.

A convicção de que o amor, para ser verdadeiro. precisa conservar um pouco daquela claridade primeira: a paz de quem chega devagar, o gesto simples que ilumina, a companhia que não exige. E talvez por isso, ainda hoje, quando meu coração escolhe um amor, ele procura — mesmo sem perceber — a delicadeza que um dia encontrei numa menina de olhos verdes no pátio da escola.

No fim das contas, o amor talvez seja essa força discreta que nos visita sem pressa, moldando quem somos e o que buscamos. Ele não se define pela duração, mas pela profundidade com que nos ensina a sentir. O amor verdadeiro, mesmo quando nasce na brevidade da infância, permanece como um farol íntimo que aponta sempre para o essencial: a leveza, a verdade, o gesto que acolhe. E seguimos amando não para reencontrar quem ficou, mas para reencontrar, no

outro, a centelha primeira que um dia nos mostrou que o coração existe para se encantar.

Capítulo 8 — As Tardes que Moldaram um Futuro

Depois dos primeiros encantamentos do coração, a vida começou a me pedir outra forma de atenção. A infância ainda estava ali, inteira e luminosa, mas já não bastava apenas sentir — era preciso aprender a sustentar, com esforço e constância, aquilo que o afeto havia despertado.

1962 chegou como uma dessas viradas silenciosas da vida, que não anunciam tempestades nem foguetórios — apenas acontecem, mudando tudo de lugar sem causar alarde. Eu tinha nove anos, idade em que as coisas começam a fazer sentido, mas ainda carregam a leveza da infância.

A família vivia um tempo de estabilidade, um equilíbrio sereno que meus pais construíram com esforço diário. Era um período bom, seguro, desses que só reconhecemos de verdade quando olhamos para trás.

Foi nesse ano que deixamos o apartamento de três dormitórios e mudamos para uma casa no bairro Jardim Lindóia, um bangalô bonito, harmonioso, levantado em uma região de classe média, onde as ruas eram tranquilas e o ar

parecia mais largo, mais livre. Lembro do dia da mudança como quem revisita um quadro antigo: o movimento dos móveis, o desmonte da rotina, e o perfume de futuro que sempre acompanha as caixas ainda fechadas.

O bangalô impôs um ritmo diferente à nossa vida. Havia mais espaço, mais luz, mais silêncios. Um quintal que parecia não ter pressa, corredores que pediam passos calmos, e uma cozinha que, ao entardecer, recebia o sol por entre janelas amplas. Ali, entre paredes novas e cômodos por descobrir, senti que a infância entrava em outra fase — talvez mais madura, talvez mais cheia de promessas.

Foi também nesse cenário que inauguramos uma nova etapa escolar. A Escola São Judas Tadeu, recém-instalada no bairro Jardim Floresta, parecia tão nova quanto nossa vida naquele ano. Entrar no quarto ano primário em uma escola que ainda cheirava a tinta fresca me dava a impressão de que tudo estava começando de novo — inclusive eu.

Mas o que mais marcou aquele período foram as tardes de estudo com minha mãe. Como boa alfabetizadora, ela tinha uma sensibilidade especial para ensinar — dessas que não se

aprendem em curso algum. Ela sabia transformar o aprendizado em gesto, paciência, cuidado. E foi nesse ano que decidiu me preparar para o exame de admissão ao ginásio, permitido antes mesmo do quinto ano para quem estivesse pronto.

— Eu não sabia se estava pronto.

— Ela sabia.

Toda tarde, ao voltar da escola, eu me sentava com ela a mesa da cozinha. A luz entrava inclinada, dourando a toalha e iluminando os cadernos. O mundo lá fora parecia silencioso, como se respeitasse aquele nosso ritual. Estudávamos até o anoitecer, antes que as sombras tomassem a casa e anunciassem o fim das tarefas. Eram horas de esforço, sim, mas também de cumplicidade. Minha mãe tinha um dom raro: ensinava sem apressar, corrigia sem ferir, exigia sem assustar.

Eu, ainda menino, sentia que havia algo quase sagrado naquele processo. Era como se cada letra, cada número, cada explicação fosse um fio que nos ligava, e que, mais tarde, entenderia como herança. Não a herança concreta — mas a da perseverança, da disciplina, do amor traduzido em ensino.

Lembro-me do som suave das páginas, do arrastar das cadeiras, das pequenas pausas onde ela me oferecia um copo d'água ou perguntava se eu havia entendido mesmo — não se eu havia decorado, mas se havia compreendido. Entre uma explicação e outra, o céu mudava de cor pela janela. Primeiro azul. Depois um amarelo tranquilo. No final, aquele laranja manso que parecia fechar com delicadeza o livro de cada dia.

Enquanto isso, nossos cinco irmãos circulavam pela casa, cada um vivendo seu universo particular, mas sempre sob o mesmo teto de cuidado e abundância simples que meus pais sustentavam com tanto esforço.

No final do ano, cheio de receios e expectativas, fui fazer a prova de admissão. Ainda consigo sentir o peso do lápis na mão, o frio na barriga, e a sensação de estar diante de uma porta que poderia — ou não — se abrir. E ela se abriu. Passei. Passei antes do tempo previsto, antes do quinto ano, antes até de compreender o tamanho da conquista.

Lembro-me do orgulho da minha mãe, não um orgulho barulhento, mas um brilho nos olhos. Um sorriso que dizia mais sobre mim do que eu mesmo conseguia enxergar. Meu

pai também celebrou, à sua maneira: com aquele jeito firme, discreto e honesto que era marca da sua presença.

Assim, com nove anos, me vi diante de uma nova fase da vida estudantil. O bangalô no Jardim Lindóia, a escola nova, as tardes de estudo e a mão segura de minha mãe me conduziam para um caminho maior, que eu ainda não sabia nomear — mas que já caminhava em minha direção.

O ano de 1962 foi isso: um ano de mudanças que não fizeram barulho, mas que ecoariam para sempre. Um ano em que a infância ganhou contornos de responsabilidade. Um ano em que a casa era nova, o mundo era novo, e eu começava a ser um pouco novo também.

Capítulo 9 — À Beira do Lago, Aprendi a Cuidar

A primavera dos anos 60 ainda vive na minha memória, mesmo sem uma data precisa. Era um tempo em que os dias pareciam mais longos, como se o sol tivesse combinado com a infância de demorar-se no céu. O mundo parecia maior, mais generoso, e a vida seguia sem relógio, sem urgência. Eu e minha irmã Cristina — a nossa Tina — passávamos horas a brincar na praça central do Jardim Lindóia, um pequeno loteamento de casas simples, mas cheias de vozes, risadas e sonhos em construção.

No coração da praça existia um lago modesto, cercado por bordas de concreto já gastas pelo tempo e adornado por uma pequena ilha central. Sobre ela, cágados se estendiam ao sol como guardiões imóveis, quase solenes, enquanto peixes — de espécies hoje esquecidas — riscavam a água em movimentos rápidos e inesperados. Chorões antigos abraçavam o lago com seus troncos curvados, e os galhos pendentes desciam como longos cabelos verdes, quase tocando a superfície da água, criando um cenário que misturava realidade e encantamento.

Tina era pura energia. Sapeca por natureza, tinha o riso fácil e a coragem própria dos que ainda não aprenderam a temer o mundo. Gostava de correr, provocar, inventar desafios onde não havia perigo aparente — ou talvez houvesse, mas isso nunca a detinha. Contrastava com ela a imagem sempre impecável que nossa mãe, Inahzinha, fazia questão de manter. Tina estava invariavelmente bem arrumada, como se cada saída de casa fosse um pequeno evento. Vestia, naquele dia, um vestido rodado, leve, que se abria em círculos quando ela girava ou corria, como se dançasse com o vento. A roupa não limitava sua vivacidade; ao contrário, parecia torná-la ainda mais visível.

Nossa mãe tinha esse cuidado silencioso, quase ritual. Antes de irmos para a praça, ajeitava o vestido, alisava o cabelo, verificava se tudo estava no lugar. Era como se tentasse, com esses gestos simples, proteger a filha do mundo — ainda que soubesse, no fundo, que certas aventuras escapam a qualquer zelo.

As brincadeiras eram livres, mas Tina sempre precisava de algo a mais: mais velocidade, mais risco, mais emoção.

Naquele dia, decidiu correr pela borda do lago, equilibrando-se como se estivesse num palco invisível. O vestido rodado acompanhava seus passos, abrindo-se e fechando-se a cada movimento, enquanto ela ria, satisfeita com a própria ousadia. Eu, mais cauteloso, alertava-a sem cessar. Minha imaginação infantil já criava cenários trágicos: quedas irreversíveis, mordidas de tartarugas gigantes, sustos sem retorno.

O inevitável aconteceu.

Num passo mal calculado, Tina escorregou. O vestido, antes gracioso, pesou-se de água, e ela caiu no lago com um som seco, quebrando a tranquilidade do lugar. O lago não era fundo, mas, aos meus olhos, transformou-se num abismo. O choro dela misturava-se ao barulho da água, e o medo tomou conta de mim com uma força que ainda hoje consigo sentir. Por instinto — talvez coragem, talvez desespero — consegui puxá-la para fora, encharcada, assustada, mas viva.

Ela tremia, o vestido agora colado ao corpo, irreconhecível, e o riso sapeca havia dado lugar a um choro sentido, desses que pedem colo e perdão ao mesmo tempo. Mas nada, absolutamente nada, se comparou ao momento seguinte:

enfrentar o olhar da nossa mãe e contar-lhe o sucedido. Foi ali, naquele silêncio carregado, que senti pela primeira vez o peso da responsabilidade — não como castigo, mas como consciência.

Hoje, ao revisitar essa cena com o olhar amadurecido pelo tempo, percebo que aquele episódio à beira do lago foi mais do que uma travessura infantil. Foi um ensaio silencioso da vida adulta que viria. Ali experimentei, ainda menino, a sensação de ser responsável por alguém além de mim mesmo. Não era heroísmo — era amor misturado com medo. E talvez tenha sido nesse instante, puxando minha irmã da água fria, que comecei a aprender a dignidade de cuidar.

Ao longo dos anos, percebo que essa postura nunca me abandonou. No trabalho, nas escolhas difíceis, nos caminhos que exigiam prudência mais do que impulso, aquele menino atento permaneceu presente. Aprendi a observar antes de agir, a medir consequências, a entender que decisões não recaem apenas sobre quem as toma, mas se estendem a outros, muitas vezes de forma irreversível. Assim como naquela tarde

distante, a vida adulta também exige equilíbrio constante sobre bordas estreitas.

Na família, esse aprendizado ganhou contornos ainda mais profundos. Tornar-me pai foi reconhecer, com clareza comovente, o papel que antes eu apenas intuía. Vi-me repetindo gestos da minha mãe — não mais nos vestidos rodados, mas na vigilância silenciosa, na preocupação discreta, no desejo quase impossível de poupar os filhos das quedas inevitáveis. Descobri que educar é acompanhar à margem, atento, sabendo que, em algum momento, será preciso correr, estender os braços e acolher.

Hoje entendo que o homem que me tornei foi moldado por essas pequenas cenas que, à época, pareciam triviais. A responsabilidade que carrego, o compromisso com as pessoas, a seriedade diante da vida e, ao mesmo tempo, a ternura com as fragilidades alheias nasceram ali, naquela primavera dos anos 60. Na água fria do lago ficaram o susto e o choro; fora dele, emergiu uma consciência que me acompanharia para sempre.

Por isso, quando retorno ao Jardim Lindóia pela memória, não vejo apenas minha irmã sapeca correndo com o vestido rodado à beira do lago. Vejo o início de um caminho. Vejo o esboço do pai, do profissional, do homem que aprendeu cedo que amar não é impedir que o outro corra riscos — é estar presente quando ele escorrega. É assumir, com serenidade e firmeza, a tarefa diária de cuidar, mesmo sabendo que nem todas as quedas podem ser evitadas.

Capítulo 10 — O Passeio que Definiu um Caminho

Não sei precisar o ano exato — talvez meados da década de 1960 —, mas sei que foi em Porto Alegre, quando eu ainda era menino, que vivi o primeiro encantamento que, sem que ninguém desconfiasse, moldaria todo o meu futuro profissional e sensível. Os ferro-carris, ou bondes, eram mais do que veículos: eram seres urbanos, metálicos e vibrantes, que pareciam pulsar como artérias da própria cidade.

Fascinado por máquinas e pelas formas como elas dialogavam com os espaços, pedi ao meu pai, durante as férias escolares, que me levasse a andar naquele gigante de rodas de ferro, movido pela energia elétrica que descia, quase mágica, pelos fios suspensos. Ele aceitou — e aquele primeiro trajeto abriu em mim uma vocação que levaria décadas para ganhar nome.

A primeira viagem foi na linha do IAPI, perto do Passo da Areia (Volta do Guerino), onde morávamos. Depois disso, não parei mais. Fiz dos bondes o meu mapa de descobertas, o meu laboratório infantil sobre mobilidade, forma e cidade. Em cada percurso, aprendia — ainda sem compreender

plenamente — as relações entre estrutura urbana, deslocamento, fluxo e convivência.

As principais radiais servidas pelos bondes — Voluntários da Pátria, Borges de Medeiros, Cristóvão Colombo, Benjamin Constante, Protásio Alves, Assis Brasil, João Pessoa, Getúlio Vargas, Bento Gonçalves, 24 de Outubro, e que atendiam entre tantos bairros da Capital, como Auxiliadora, Independência, Glória, Teresópolis, Petrópolis e Partenon — tornaram-se nomes que eu repetia com a sonoridade quase sagrada das primeiras palavras importantes. Todas convergiam para o Centro Histórico, onde o Chalezinho da Praça XV e os quiosques animavam a vida cotidiana diante do Mercado Público. Ali, observar o embarque e desembarque dos passageiros era como assistir ao organismo urbano respirando.

Lembro-me do cobrador distribuindo cédulas de cruzeiro entre os dedos, da pasta com recibos, do tilintar metálico que marcava o ritmo da viagem. Nos finais de linha, a inversão dos encostos dos bancos e a troca das hastes do trolley para

reconectar o bonde aos fios elétricos eram rituais que, para mim, tinham algo de cerimônia.

Muitos anos depois, já adulto, formado arquiteto e dedicado ao estudo da engenharia dos transportes e do planejamento urbano, passei a compreender com clareza aquilo que o meu olhar de menino apenas intuía. Os bondes não eram apenas um meio de deslocamento: eram uma expressão de urbanidade, de integração social e de inteligência ambiental. Silenciosos, elétricos, eficientes, desenhavam uma cidade mais humana — exatamente como hoje voltamos a desejar.

Por isso, quando a década de 1970 chegou e os bondes foram retirados de operação, senti — e ainda sinto — um lamento profundo, quase pessoal. Não apenas como cidadão, mas como aquele menino que havia aprendido a ler a cidade sobre trilhos. O que se desmontava não era apenas uma infraestrutura: era uma visão de cidade que antecipava aquilo que hoje tentamos recuperar com tecnologias não poluentes, modais elétricos, soluções de baixo impacto e estratégias de sustentabilidade ambiental.

A vida urbana segue em transformação e, ao pensar o futuro das cidades, percebo que aquilo que os bondes representavam — energia limpa, integração, simplicidade eficiente — permanece atualíssimo. É como se o passado nos oferecesse, discretamente, um caminho para o amanhã.

E, apesar da retirada dos trilhos, eles nunca desapareceram de mim. Permaneceram traçados na memória e no ofício, orientando cada projeto, cada reflexão, cada escolha sobre a mobilidade que queremos construir. Porque tudo começou ali, naquele passeio com o meu pai, no cheiro leve de eletricidade no ar e no brilho do bonde cortando a cidade. Foi ali que compreendi, ainda sem palavras, que caminhar, circular e pertencer são variações do mesmo gesto. E que movimento e memória, no fundo, são a mesma coisa.

Capítulo 11 — Entre Trilhos e Silêncios

Meu pai nunca foi um homem de muitas palavras. Havia nele um silêncio que não era ausência, mas densidade — como se cada gesto carregasse o peso justo do que precisava ser dito. Sua presença se impunha não pelo volume da voz, mas pela constância do exemplo. Era um homem feito de firmeza e sobriedade, moldado mais pela necessidade do que pelo conforto.

Por vezes, sua maneira de ser parecia dura. Não havia espaço para excessos, nem para desvios prolongados. Mas essa rigidez trazia consigo um cuidado profundo, ainda que discreto. Ele amava pelo gesto correto, pela responsabilidade assumida, pela segurança silenciosa que oferecia aos seus. Seu afeto não se expressava em palavras ou afagos abundantes, mas no chão firme que construía sob nossos pés.

Tinha o dom da organização e da previsão. Observava antes de agir, media consequências, planejava. Via longe. E, sem perceber, ensinava. Não por lições formais, mas pelo modo

como conduzia a vida — como quem traça linhas invisíveis que, mais tarde, revelam um desenho inteiro.

Havia também seus passeios — pequenos deslocamentos que, para mim, tinham a dimensão de aventuras. Caminhadas e viagens simples, muitas vezes de bonde, onde a cidade se revelava pouco a pouco. Sentado ao seu lado, eu aprendia a olhar. As ruas, as casas, os vazios e as construções iam se organizando diante de mim como partes de um mesmo corpo. Ele comentava, observava, explicava sem pressa. E eu, sem saber, aprendia a ver.

Foi nesses trajetos que nasceu meu vínculo com a cidade. Não como cenário, mas como organismo vivo. Entendi que os espaços carregam histórias, que o desenho das ruas influencia a vida das pessoas, que cuidar do lugar é também cuidar de quem o habita. Ali, entre trilhos e silêncios, formou-se o primeiro esboço do que mais tarde se tornaria escolha, ofício, vocação.

Hoje compreendo que meu pai me ensinou a construir antes mesmo de eu saber o que era construir. Ensinou-me que planejar é um gesto de amor, que organizar é uma forma de

proteger, que cuidar é um modo profundo de estar no mundo. Seu legado não se fez em palavras, mas em direção — e é por essa direção que sigo, ainda hoje, caminhando.

Capítulo 12 — A Caixa, o Pai e o Cinema

Quando completei doze anos, surgiu um desejo simples, mas urgente: assistir aos filmes das matinés no Cine Rei. Não era apenas o filme — era o ritual. A fila, o cartaz colorido na fachada, o escuro da sala, o mundo que se abria na tela grande. Mas havia um obstáculo concreto, desses que a infância aprende cedo a reconhecer: o ingresso custava dinheiro, e dinheiro não brotava da vontade.

Foi então que meu pai entrou na história — não como quem resolve, mas como quem ensina.

A ideia da caixa de engraxate não nasceu como imposição. Nasceu como possibilidade. Meu pai não disse "faça", disse "podemos fazer". E esse plural, hoje entendo, já era uma lição. Fomos juntos pensar, medir, cortar, pregar. Ele me ensinava a lidar com a madeira, com as ferramentas, com o cuidado de não desperdiçar material. Eu aprendia mais do que a montar uma caixa: aprendia que o trabalho e o empreender começam antes do ganho.

Mas a lição não terminou na madeira.

Antes de me deixar ir às ruas, meu pai quis ter certeza de que eu sabia engraxar direito. Sentou-se, estendeu os próprios sapatos e observou em silêncio. Corrigiu o excesso de graxa, ensinou o movimento certo da escova, o tempo de espera, o brilho final. E foi ali que veio o ensinamento mais delicado: — *Cuidado para não sujar as meias de quem confia em ti.*

Ele me mostrou como proteger a barra da calça, como limpar os cantos, como terminar o serviço com respeito. Não se tratava apenas de técnica, mas de consideração. O sapato engraxado não podia custar o constrangimento do outro. O trabalho só era digno se preservasse a dignidade de quem o recebia.

A caixa ficou simples, firme, funcional. Nada sobrava, nada faltava. Tinha o espaço para as escovas, a lata de graxa, o pano. Quando a terminei, senti algo novo: não era apenas um objeto — era uma porta.

Nem todos, porém, viram assim.

Alguns membros da família se incomodaram com a ideia de eu estar na rua, engraxando sapatos. Não falavam em tom

duro, mas deixavam escapar comentários carregados de receio e julgamento. Falavam da imagem, do “que vão pensar”, como se o trabalho pudesse diminuir aquilo que éramos.

Eu escutava em silêncio, sem compreender totalmente. Não me sentia envergonhado. Sentia orgulho. Mas percebia que havia ali um desconforto que não era meu.

Foi então que minha mãe entrou em cena.

Com a firmeza tranquila que lhe era própria, ela respondeu que eu não estava fazendo nada de errado, nem indigno. Disse que eu apenas buscava um meio honesto de conseguir o dinheiro para ir ao cinema. Nada além disso. Nada aquém disso. E que não havia vergonha alguma em trabalhar — vergonha seria impedir um filho de aprender.

Não houve discussão longa. Não houve exaltação. Houve verdade. E isso bastou.

Hoje compreendo a dimensão daquele gesto. Minha mãe não me defendeu apenas diante da família. Ela me defendeu

diante do mundo. Ao nomear o que era justo, ela fixou em mim um valor que nunca mais se perdeu: **a dignidade não está no tipo de trabalho, mas na intenção e no modo como ele é feito**.

Passei a circular pelas ruas com a caixa nas mãos, oferecendo meu serviço com timidez e coragem misturadas. Alguns aceitavam, outros não. Havia quem olhasse com indiferença, e havia quem sorrisse com respeito. Cada sapato engraxado era um pequeno acordo silencioso: eu oferecia cuidado, e recebia reconhecimento.

O dinheiro vinha aos poucos. Moedas, trocados, valores pequenos — mas suficientes. Suficientes para o ingresso, para o refrigerante e pipoca ocasional, mas principalmente para a sensação de autonomia. Quando finalmente entrava no Cine Rei, com a caixa deixada do lado de fora da sessão, sentava-me na poltrona com uma alegria que não cabia apenas no filme. Eu estava ali por mérito próprio.

Na tela, heróis, aventuras, amores, cidades distantes. Fora dela, eu aprendia a ser gente.

Hoje, olhando para trás, vejo que aquela caixa de engraxate era muito mais do que um meio de ganhar dinheiro. Era uma escola. Ali aprendi sobre dignidade, esforço, paciência, relação com o outro. Aprendi que o trabalho não diminui — constrói. E que, ao meu lado, tive um pai que ensinou com as mãos e uma mãe que ensinou com a palavra.

Eles não me deram o ingresso. Eles me deram algo maior: **a permissão moral para construir meu próprio caminho**.

Talvez por isso o cinema daquela época tenha ficado tão gravado em mim. Não apenas pelos filmes, mas pelo caminho até eles. Pela cidade percorrida com a caixa na mão. Pela certeza precoce de que sonhos não são negados — são conquistados com honestidade, mesmo quando nem todos entendem.

E assim, entre sapatos engraxados e matinés de domingos, eu começava a entender que crescer não é apenas desejar. É aprender a sustentar o que se faz, com trabalho, respeito e consciência.

Capítulo 13 — O Carnaval, os Pastéis e o Amigo

Houve um tempo em que a casa se ampliou. Não pelas paredes, mas pelas pessoas. Foi quando dona Paulina passou a fazer parte do nosso cotidiano. Mulher de confiança absoluta de meus pais, era presença firme, dessas que não pedem licença para cuidar. Na ausência deles, era ela quem mantinha a ordem — e sua autoridade era plenamente reconhecida, jamais contestada. Havia ali um acordo silencioso, feito de respeito e responsabilidade.

Com dona Paulina veio também seu filho, Paulo.

Paulo tinha idade próxima à minha e, desde o início, passamos a dividir o território natural da infância: as brincadeiras, as ideias improvisadas, as travessuras inevitáveis. Éramos cúmplices daquele tempo em que tudo parece possível e nenhum plano é grande demais para dois meninos atentos ao mundo.

Paulo era um menino negro. Naquele tempo, chamá-lo de *Negrão Paulo* não carregava o peso que hoje sabemos existir em tantas palavras. Era, entre nós, um modo carinhoso,

íntimo, de chamá-lo — tanto que a própria dona Paulina o chamava de negro, sem sombra de ofensa. O tempo ensinou outras leituras, outros cuidados, mas naquela infância havia afeto verdadeiro e ausência de malícia.

Entre tantas vivências compartilhadas, Paulo sempre foi o mais criativo. Foi dele a ideia que transformaria uma brincadeira em pequena aventura urbana: sugeriu que nossas mães fizessem pastéis para que nós dois os vendêssemos durante o desfile de carnaval, no centro de Porto Alegre, mais precisamente na Avenida Borges de Medeiros.

A proposta ganhou corpo rápido. Convencidas — e envolvidas — dona Paulina e minha mãe, Inazinha, passaram a produzir os pastéis com dedicação e carinho. A cozinha virou oficina. O cheiro se espalhou pela casa. Havia ali mais do que comida sendo preparada — havia confiança sendo depositada em dois meninos.

Faltava apenas resolver como transportar tudo aquilo. E foi então que meu pai entrou em cena, como sempre fazia: com engenho tranquilo. Encontrou duas cestas de Natal que estavam sem uso e transformou-as no recipiente perfeito para

carregar os pastéis. Nada improvisado demais. Nada excessivo. Funcional, como ele gostava.

Com os produtos prontos, chegou o grande dia.

Eu, Paulo e meu pai pegamos o bonde em direção ao centro. Para mim, aquele trajeto já era uma aventura. Para Paulo, era também um exercício de observação. E foi observando que ele percebeu algo decisivo: um distribuidor de bebidas vendia refrigerantes consignados ali perto. Bastava buscar, pagar depois, vender antes.

A ideia foi imediata: pastel quente com refrigerante gelado.

As bebidas foram acomodadas em um engradado, e assim ampliamos o negócio. Dois meninos, duas cestas, um engradado e uma cidade em festa. Vendíamos ao público que assistia ao carnaval, entre músicas, serpentinas e risos. O resultado foi um sucesso inesperado. As pessoas compravam, elogiavam, voltavam.

Quando retornamos para casa, as cestas vazias e os bolsos cheios de histórias, ficou claro que precisaríamos repetir a

experiência. E repetimos. As mães produziram mais pastéis. O aprendizado se renovou.

Mas, como tantas coisas da infância, aquela convivência não se anunciou eterna.

Assim como Paulo e dona Paulina haviam chegado à nossa vida, um dia simplesmente não estavam mais ali. Não houve despedida formal, nem explicação clara. Apenas desapareceram do cotidiano, levados por circunstâncias que, à época, eu não compreendia — e que talvez nem os adultos tenham explicado.

Durante muito tempo, Paulo ficou apenas como lembrança: o amigo das travessuras, das ideias ousadas, do carnaval vivido em parceria. Até que, já adulto, soube por outras pessoas que ele havia seguido seu caminho, se encaminhado, conquistado seu espaço e ido trabalhar em uma estatal federal.

A notícia me trouxe uma alegria serena. Não a alegria do reencontro, mas a alegria do reconhecimento. A certeza de que aquele menino criativo, atento e curioso havia se tornado

um homem inserido na vida pública, contribuindo como cidadão.

Percebi então que algumas pessoas não permanecem fisicamente em nossas histórias, mas permanecem como **marcos de formação**. Paulo foi uma delas. Assim como sua mãe, dona Paulina, que ensinou disciplina e cuidado sem jamais deixar de ser afeto.

Hoje entendo que a infância também é feita dessas partidas silenciosas. Pessoas que chegam, transformam algo em nós e seguem adiante. E que crescer é aprender a honrar esses encontros, mesmo quando não sabemos o porquê das ausências.

Naquele carnaval, entre pastéis quentinhos e refrigerantes gelados, eu e Paulo aprendemos sobre trabalho, iniciativa e parceria.

Anos depois, ao saber de seu caminho, aprendi algo maior: **o verdadeiro sucesso é seguir adiante sem perder a dignidade do começo**.

E isso, de algum modo, nos uniu para sempre.

Capítulo 14 — A Casa Onde a Infância Começou a Alargar

Em meados da década de 1960, a vida voltou a nos pedir movimento. Não por inquietação, mas por necessidade. A família havia crescido, os corpos ocupavam mais espaço, as rotinas se sobrepunham, e a casa no Jardim Lindóia já não comportava, com conforto, o número de pessoas que nela viviam. Era uma constatação silenciosa, dessas que se impõem sem conflito: precisávamos de mais lugar para existir.

Foi assim que nos mudamos para o bairro Passo d'Areia, mais precisamente para a Rua Jarí.

A nova casa não tinha pretensões de grandiosidade. Era simples — como quase tudo que realmente importa —, mas oferecia algo essencial: espaço. Quatro dormitórios, uma sala ampla, sala de jantar, cozinha localizada nos fundos e um quintal grande, generoso, desses que convidam a infância a permanecer mais um pouco antes de ceder lugar à adolescência. Ali, finalmente, os sete filhos e o casal de pais podiam se acomodar com menos improviso e mais respiro.

Havia também, nos fundos do terreno, um galpão. Bastou atravessarmos o portão pela primeira vez para que meu irmão mais velho, com a naturalidade de quem reconhece territórios, se declarasse seu morador. Aquele espaço tornou-se, desde o início, um símbolo silencioso de autonomia — um prenúncio de que cada um de nós, aos poucos, buscaria seu próprio canto no mundo.

Mas foi meu pai quem, mais uma vez, imprimiu à casa algo que ia além da arquitetura.

No quintal, decidiu construir um forno de barro. Não um forno qualquer, mas um feito com as próprias mãos, como se fazia antigamente — com tempo, paciência e cooperação. Eu e minha irmã Tina participamos desde o início. Ajudávamos a amassar o barro misturado ao capim, que serviria de liga entre os tijolos e revestimento. Nossas mãos pequenas afundavam na massa fria e irregular, e aquele gesto repetido tinha algo de ritual. O forno foi erguido em arco, tijolo por tijolo, até ganhar forma e sentido.

Mais tarde, ali seriam assados pães e bolos. Mas, antes disso, o forno foi escola. Ensinou-nos sobre trabalho compartilhado,

sobre esperar o tempo certo da argamassa, sobre a beleza de construir algo que não se compra pronto. O fogo que mais tarde aqueceria o pão já aquecia, naquele momento, o sentimento de pertencimento.

Outro espaço da casa recebeu o cuidado atento de minha mãe. No jardim da frente, ela escolheu plantar suas roseiras. Cuidava delas com o mesmo zelo que dedicava à casa e aos filhos: regava, podava, observava. As rosas floresciam como se respondessem à sua presença. Eram delicadas, mas resistentes — como ela. Aquele jardim não era apenas ornamento; era extensão do seu modo de amar.

A casa ficava de frente para uma praça. Esse detalhe, que poderia parecer pequeno, tornou-se decisivo. Era ali que eu e meus irmãos mais novos brincávamos, que novas amizades se formavam, que a vida do bairro nos acolhia. Pouco tempo depois da mudança, os vizinhos já faziam parte do cotidiano, e a praça se tornava uma continuação natural da casa — um território aberto, compartilhado, vivo.

Conosco vieram também dona Paulina e Paulo, seu filho. A presença deles seguia entrelaçada à nossa vida familiar, como

se o destino insistisse em manter unidos aqueles caminhos que já haviam se reconhecido antes. Com eles, novas histórias começaram a se somar ao cotidiano já cheio.

Foi a partir dessa mudança que passei a guardar memórias diferentes. Menos marcadas pela infância pura, mais atravessadas por responsabilidades sutis, por observações mais longas, por uma atenção que começava a se deslocar do quintal para a rua, da casa para o mundo. A casa da Rua Jarí não foi apenas um novo endereço — foi um espaço de transição.

Ali, sem que ninguém anunciasse, a infância começou a alargar. Não se rompeu de imediato, mas passou a dividir espaço com perguntas novas, com silêncios mais densos, com uma curiosidade que já não cabia apenas na brincadeira. Aquela casa acolheu o fim de um tempo e preparou, discretamente, o início de outro.

Guardo essas lembranças com zelo. Não porque a casa fosse especial em si, mas porque nela aprendi, mais uma vez, que crescer não é abandonar o que fomos — é ampliar o espaço interior para continuar sendo, de outra forma.

Capítulo 15 — O Freio Era no Grito

Naquele tempo, a praça em frente da nossa casa, no bairro Passo d'Areia, não era apenas uma praça. Era um mundo inteiro cabendo diante dos nossos olhos de menino. Bastava atravessar a rua para que a vida deixasse de ser comum e se transformasse em campeonato, aventura, invenção e liberdade.

Ali, entre árvores, grama e barrancos, cresciam nossas tardes.

Eu, meus irmãos Marco Aurélio — o eterno Corélio das ruas da infância — e José Carlos, nosso querido Nêne, junto com toda a gurizada da vizinhança, transformávamos aquele pedaço de chão no centro do universo. E entre todas as brincadeiras que preenchiam os dias, nenhuma despertava tanta emoção quanto as corridas de regata.

A regata era nossa máquina de sonhos. Feita de madeira, improviso e coragem, deslizava pela grama como se pudesse voar. Cada menino acreditava possuir o modelo mais veloz, o mais resistente, o mais digno das grandes disputas daquele pequeno mundo que, para nós, parecia imenso.

Na praça havia um grande talude gramado. Hoje talvez parecesse apenas um barranco comum. Mas, na memória, ele permanece gigantesco — uma verdadeira montanha da infância. Do alto, enxergávamos não apenas a descida, mas o próprio desafio. E era ali que a gurizada se reunia, entre gargalhadas, provocações e gritos de incentivo que se espalhavam pelo bairro como música de fim de tarde.

E no meio daquela multidão de pequenos aventureiros estava o Nêne.

Pequeno, magrinho, com seus seis anos recém-chegados ao mundo, carregava nos olhos aquele brilho impossível de esquecer: a mistura perfeita entre admiração e vontade. Observava cada descida como quem assistia aos grandes heróis do cinema. Seu desejo de participar crescia a cada corrida.

— Deixa eu ir! Só uma vez!

Pedia com insistência, enquanto os outros meninos riam e o incentivavam. Ele tentava fazer pose de corajoso, estufava o peito, endurecia o rosto, querendo parecer maior do que realmente era.

Mas eu e o Corélio conhecíamos o perigo escondido naquela aventura.

A descida terminava num trecho traiçoeiro, onde era preciso derrapar a regata no instante certo. Caso contrário, o piloto seguia morro abaixo sem controle, entregue apenas à sorte e à coragem.

— Tu és muito pequeno! — repetíamos.

Mas havia algo impossível de vencer o Nêne: a obstinação silenciosa dos irmãos mais novos.

Insistiu tanto, mas tanto, que o Corélio acabou cedendo. Eu continuei apreensivo. Havia naquele momento uma sensação estranha no ar — como se a praça inteira prendesse a respiração antes de um acontecimento importante.

Os meninos abriram espaço.

O Nêne sentou-se na regata com solenidade, como um piloto prestes a disputar a corrida mais importante da vida. Segurou firme nas laterais. Respirou fundo. Seus olhos denunciavam medo, mas também uma coragem bonita, dessas que só existem na infância.

E então ele desceu.

No começo foi pura glória.

A regata deslizou veloz sobre a grama, enquanto o vento bagunçava seus cabelos e arrancava gargalhadas da gurizada lá em cima. Por alguns segundos, o Nêne parecia voar. Talvez naquele exato instante tenha se sentido gigante. Dono da praça. Dono do mundo.

Até que o medo venceu a coragem.

E então ecoou o grito que jamais esqueceríamos:

— Mããããããe! Mãenzinha querida! Me acudaaaaa!

A voz desceu o talude junto com a regata.

As risadas morreram imediatamente.

Eu senti o coração apertar. O Corélio arregalou os olhos. Ficamos imóveis por um segundo eterno, vendo o pequeno Nêne despencar morro abaixo, sem qualquer controle, agarrado à regata como um náufrago em alto-mar.

Mas a infância, às vezes, também era protegida pelos anjos da praça.

Lá embaixo, alguns meninos mais velhos conseguiram correr e segurar a regata antes que a aventura terminasse em tragédia. O silêncio que veio depois foi breve, mas pesado. Um silêncio de susto, de alívio e de coração disparado.

Então surgiram as gargalhadas nervosas.

O próprio Nêne, ainda ofegante, tentava recompor a dignidade enquanto segurava a regata como se ela ainda pudesse fugir sozinha morro abaixo.

Naquele dia, ele conquistou seu lugar entre os aventureiros da praça.

Fez sua grande descida.

Mas, curiosamente, nunca mais pediu para andar de regata outra vez.

Talvez porque tenha descoberto, ainda menino, uma verdade que só o tempo ensina: certas aventuras nascem apenas para se transformar em memória.

Capítulo 16 — O Ritual das Manhãs

No final da década de 1960, morávamos em um chalé simples, voltado para uma pequena praça comunitária no bairro Passo d'Areia. A casa, embora modesta, era cheia de vida. Nela convivíamos meus pais, meus irmãos e irmãs, além de dona Paulina, uma senhora negra muito querida por nossa família, e seu filho Paulo, que participavam do nosso cotidiano como se fossem parentes de sangue.

Naquele tempo, como acontecia em muitas famílias, cada pessoa tinha sua função dentro da rotina da casa. Havia tarefas silenciosas, quase invisíveis, mas que acabavam se transformando em marcas permanentes da memória. Entre todas elas, nenhuma permaneceu tão viva em mim quanto aquela destinada ao meu irmão Marco Aurélio — ou simplesmente Corélio, como era chamado carinhosamente por todos nós.

Nossa família não era composta apenas por pessoas. Havia também os cães, uma verdadeira matilha que dava movimento ao quintal e preenchia a casa de alegria. Coube ao Corélio a responsabilidade de alimentá-los, incumbência

dada por meu pai e executada por ele com uma dedicação que, aos olhos de hoje, me parece quase ritualística.

Todas as manhãs, pouco antes de sair para a escola, iniciava-se aquilo que meu pai chamava, entre risos, de “o ritual do Marco Aurélio”. Meu irmão atravessava o pátio chamando os cães um a um, numa cadência tão particular que mais lembrava uma canção repetida diariamente.

Primeiro, vinha o Tupy. Depois a Negrinha. Em seguida, a Diana, o Alemão e, por último, o Bob.

Cada nome carregava uma entonação própria, uma pausa exata, uma musicalidade que os animais pareciam reconhecer imediatamente. Bastava ouvirem a voz do Corélio para correrem em direção às panelas, abanando os rabos e disputando espaço ao redor dele. Hoje compreendo que não era apenas comida que esperavam. Era carinho. Era pertencimento.

Mas foi com a Negrinha que o amor do meu irmão pelos animais revelou toda a sua grandeza.

Certa vez, ela foi atropelada e sofreu graves fraturas nas patas traseiras. O acidente foi devastador. A Negrinha perdeu completamente os movimentos e permaneceu caída, sem conseguir se levantar. Diante da gravidade do quadro, meu pai, tomado pela preocupação e pelo sofrimento do animal, acreditou que o mais indicado seria sacrificá-la, evitando uma dor ainda maior.

Ao ouvir aquilo, Corélio reagiu imediatamente. Pediu ao meu pai, quase em desespero, que não permitisse o sacrifício. Disse que queria cuidar dela e tentar sua recuperação.

Dona Paulina então interveio. Com a serenidade e a sabedoria simples que carregava consigo, pediu também que meu pai reconsiderasse. Disse que ajudaria nos curativos, nas bandagens e nos tratamentos caseiros que conhecia tão bem. Ainda hoje me recordo de uma das ervas utilizadas: a arnica, aplicada cuidadosamente como parte daquele esforço coletivo para salvar a Negrinha.

Sensibilizado pelo apelo do filho e pelo apoio firme de dona Paulina, meu pai acabou concordando. Apenas deixou claro

que a responsabilidade passaria a ser compartilhada entre eles.

Foi então que começou uma rotina silenciosa de cuidado, paciência e afeto.

Diariamente, Corélio tratava da Negrinha com uma dedicação impressionante para alguém tão jovem. Aos poucos, muito lentamente, ela começou a reagir. Primeiro pequenos movimentos. Depois algumas tentativas de apoio. Até que voltou a caminhar, ainda limitada, mas viva, resistente e profundamente ligada àquele que se recusara a desistir dela.

A partir dali, a Negrinha passou a seguir meu irmão por todos os cantos do quintal, acompanhando também os demais cães da matilha, como se compreendesse, à sua maneira, que havia recebido uma segunda chance.

Essa lembrança jamais saiu da minha memória.

Mais do que a história de uma cadela ferida, o que permaneceu gravado em mim foi o exemplo silencioso de

amor, compaixão e fidelidade que meu irmão demonstrou ainda tão cedo. Entre tantas imagens da infância e da adolescência, poucas continuam tão nítidas quanto a do Corélio cuidando da Negrinha com a ternura rara de quem já compreendia, mesmo jovem, o verdadeiro valor da vida.

Capítulo 17 — A Estrada e o Improvável

O passeio havia sido pensado com cuidado. Meu pai, sempre atento aos detalhes, decidiu que passaríamos o sábado em Tramandaí. Seria um dia simples, mas cheio de promessa: estrada, mar e aquele sentimento de liberdade que só as pequenas viagens em família conseguiam provocar. Éramos eu, meu irmão Fifi, dois amigos seus e ele — todos acomodados no velho jipe Candango, que mais parecia um companheiro de jornada do que um veículo.

Partimos cedo. A estrada era a ERS-030, ainda estreita, recortando campos abertos e paisagens que pareciam se alongar até o horizonte. O vento entrava pelas janelas, trazendo cheiro de terra, de mato e de aventura. Para mim, menino ainda, aquela travessia tinha algo de épico. Não era apenas uma viagem; era a sensação de estar indo além do conhecido.

Mas foi no caminho de volta que o inesperado nos encontrou.

Sem aviso, um solavanco seco quebrou o ritmo da estrada. Um ruído estranho, metálico, seguido de um silêncio tenso. A roda dianteira do jipe havia se desprendido e, num movimento quase surreal, seguiu adiante, rolando sozinha pela estrada, como se tivesse vontade própria. O tempo pareceu desacelerar naquele instante.

Meu pai reagiu com uma calma que jamais esquecerei. Sem levantar a voz, pediu que todos se deslocassem para o lado direito do veículo, equilibrando o peso para evitar que o jipe tombasse. Seu tom era firme, seguro, quase sereno. Obedecemos sem questionar. Havia algo na sua postura que transmitia confiança absoluta, mesmo diante do imprevisto.

O jipe, manco e pesado, foi diminuindo a velocidade até parar no acostamento. Só então o silêncio foi rompido. Meu pai desceu, avaliou a situação e pediu que meu irmão fosse buscar a roda, que repousava alguns metros adiante, caída entre a vegetação à margem da estrada. Era como se tudo fizesse parte de um roteiro improvisado, mas perfeitamente conduzido.

Ali, à beira da estrada, ele se abaixou, examinou os parafusos, pensou por alguns instantes. Depois, com a calma de quem transforma dificuldade em solução, retirou um parafuso de cada uma das outras rodas e os utilizou para fixar novamente a que havia se soltado. Um improviso engenhoso, nascido da experiência e da confiança no próprio saber.

Voltamos à estrada devagar, atentos, mas inteiros. O restante do caminho foi feito em silêncio — não por medo, mas por respeito ao que acabara de acontecer. A aventura tinha sido real, concreta, quase iniciática. Para mim, aquele dia marcou algo definitivo: a compreensão de que coragem não é ausência de risco, mas a capacidade de agir com lucidez quando ele surge.

Mais tarde, compreendi que aquele episódio dizia muito sobre meu pai. Diante do imprevisto, ele não se desesperava; organizava. Diante do perigo, pensava. Diante do medo, protegia. E, sem saber, ensinava.

Aquela viagem não foi apenas um passeio a Tramandaí. Foi uma lição silenciosa sobre responsabilidade, engenho e

cuidado — um aprendizado que seguiu comigo muito além daquela estrada, ecoando em cada escolha que fiz ao longo da vida.

Capítulo 18 — Quando o Ar Ficou Pesado (1962)

Eu tinha nove anos e ainda não sabia dar nome às coisas que não se explicavam. A infância, naquele tempo, era feita de rotinas simples: escola, rua, casa, horários marcados pela voz dos adultos e pelo sino invisível das obrigações. Mas naquele ano de 1962 algo mudou — não de forma clara, não de maneira anunciada — mudou no ar.

Lembro-me de sentir que os adultos estavam diferentes. Falavam mais baixo. Interrompiam frases quando eu entrava na sala. O rádio, sempre presente, parecia mais ligado do que de costume, como se dele viesse não apenas música ou notícias, mas um aviso constante. Não compreendia as palavras difíceis — crise, governo, legalidade, poder — mas compreendia o silêncio que elas deixavam depois de ditas.

Na escola, os professores estavam atentos demais. Alguns mais sérios, outros inquietos. O recreio seguia igual, as brincadeiras continuavam, mas havia um fundo estranho, uma sensação de que o mundo dos adultos estava desarrumado. Era como se a ordem invisível que sustentava tudo — aquela

que faz a criança acreditar que o amanhã será igual ao hoje — tivesse sofrido um abalo.

Em casa, percebia olhares trocados, conversas que cessavam, visitas inesperadas. Meu pai escutava o rádio com atenção quase solene. Minha mãe, mesmo tentando preservar a normalidade, deixava escapar um cansaço diferente, um cuidado maior com as palavras. Eu não entendia o motivo, mas sentia: **algo estava errado**.

Não havia medo declarado. Havia inquietação. Uma espécie de espera.

Hoje, adulto, sei exatamente o que atravessava aquele tempo. Sei que o país vivia uma encruzilhada política profunda, que a democracia brasileira era testada em seus limites, que forças se moviam para conter ou romper uma ordem constitucional. Sei, sobretudo, que aqui no Rio Grande do Sul, sob a liderança de Leonel Brizola, levantava-se um movimento em defesa da legalidade, da Constituição, do direito de governar conforme a vontade expressa do povo.

Mas em 1962 eu não sabia quem era Brizola. Não sabia o que era legalidade. Não sabia o que estava em jogo.

Eu apenas sentia.

Sentia que os adultos carregavam um peso invisível. Sentia que as ruas estavam mais atentas. Que o rádio falava mais alto do que nós. Que o país, embora distante do meu quarto de menino, havia entrado dentro de casa.

Talvez tenha sido ali, sem que eu percebesse, que aprendi uma lição silenciosa: **o mundo não é tão estável quanto parece**, e a ordem que nos protege pode ser frágil. Talvez tenha sido naquele ano que compreendi — não com palavras, mas com sensação — que a vida coletiva importa, que decisões tomadas longe de nós atravessam paredes, atravessam lares, atravessam infâncias.

A adolescência começava assim: não com um marco claro, mas com uma percepção. A de que crescer também é pressentir. E de que, mesmo sem entender, o corpo e a memória sabem quando a História passa perto dema

Capítulo 19 — O Silêncio (1964)

Eu tinha onze anos completos quando o dia 31 de março chegou. Não chegou como chegam os dias comuns — com a naturalidade de quem apenas substitui o anterior —, mas como algo que se anuncia sem avisar, alterando o peso do ar e o ritmo das pessoas. Eu ainda não sabia que datas podiam carregar destino. Mas senti.

Naquela manhã, acordei como sempre. A casa da Rua Jarí ainda guardava os sons conhecidos: passos nos corredores, o tilintar discreto de utensílios, vozes que se cruzavam. Mas havia algo diferente — um cuidado excessivo, um silêncio que se estendia mais do que o habitual. Não era ausência de som; era contenção.

Os adultos falavam pouco. Quando falavam, baixavam a voz. Quando percebiam nossa presença, mudavam de assunto. O rádio permanecia ligado mais tempo que o normal, como se fosse necessário escutá-lo com atenção redobrada, como se dele dependesse alguma orientação invisível. Eu não compreendia as palavras que surgiam — intervenção,

governo, forças armadas, ordem —, mas compreendia perfeitamente o efeito que produziam: inquietação.

Na escola, o ambiente também não era o mesmo. As professoras estavam mais sérias, menos disponíveis ao sorriso fácil. O pátio continuava sendo espaço de brincadeira, mas havia um limite novo, não dito, pairando sobre tudo. Como se o mundo dos adultos tivesse invadido, discretamente, o território da infância.

Eu sentia algo próximo ao medo, mas ainda não era medo pleno. Era uma apreensão difusa, uma sensação de que algo grande estava acontecendo — grande demais para que eu pudesse alcançar, mas suficientemente próximo para me afetar. Era como ouvir um trovão distante sem ainda ver a tempestade.

Em casa, meu pai escutava o rádio com atenção concentrada. Não havia comentários longos, nem explicações. Minha mãe mantinha a rotina, mas seus gestos estavam mais contidos, como se cada palavra precisasse passar antes por um filtro invisível. Eu observava tudo em silêncio, tentando montar um sentido com fragmentos.

Naquela idade, a gente ainda acredita que os adultos sabem exatamente o que estão fazendo. Mas naquele dia percebi — talvez pela primeira vez — que eles também tateavam. Que havia coisas que nem eles controlavam totalmente. Essa percepção, embora silenciosa, foi profunda.

Eu não sabia que o país entrava em um período longo de exceção. Não sabia o que era um golpe. Não sabia o que estava sendo interrompido ou iniciado. Mas senti que algo se fechava. Como uma porta que se fecha sem bater, mas que muda completamente a circulação do ar.

Lembro-me de olhar pela janela da casa e perceber a rua igual — os mesmos postes, as mesmas árvores, a mesma praça em frente. E, ainda assim, tudo parecia diferente. Como se o mundo externo tivesse mudado de lugar sem mover um único objeto.

Hoje, com o distanciamento que o tempo permite, sei exatamente o que aquele menino de onze anos pressentiu. Sei que ali começava um longo período de silêncios impostos, de medos não ditos, de palavras cuidadosas. Sei que aquele dia marcaria gerações inteiras — inclusive a minha.

Mas naquele 31 de março, eu era apenas um menino atento. Um menino que começava a entender que a História não mora apenas nos livros: ela entra pelas frestas da casa, pelo rádio ligado, pelas conversas interrompidas. Ela se infiltra no cotidiano e ensina, cedo demais, que nem tudo é estável.

Talvez tenha sido ali que aprendi, sem ainda saber nomear, que o silêncio também é uma forma de linguagem. Que há momentos em que o que não se diz pesa mais do que qualquer discurso. E que crescer, muitas vezes, começa assim: quando percebemos que o mundo é maior, mais frágil e mais complexo do que nos haviam contado.

Aquele 31 de março não me roubou a infância de imediato. Mas a deslocou. A partir dele, algo em mim passou a observar mais, a escutar melhor, a desconfiar das aparências de normalidade. Foi o dia em que entendi — ainda sem palavras — que a vida coletiva pode mudar de rumo de um dia para o outro.

E que ninguém, nem mesmo uma criança, atravessa a História sem ser tocado por ela.

Com o avanço da adolescência, aquela sensação difusa não se dissolveu — ao contrário, ganhou imagens. Algumas vinham de fora, atravessando a janela do quarto ou da sala. Outras, da tela ainda em preto e branco do noticiário.

Lembro-me dos aviões militares cortando o céu, em voos baixos, ruidosos, impondo presença. Não eram aviões comuns. Havia neles algo de demonstração, de força exibida. Eu parava para olhar, tentando decifrar o que significavam. À noite, no noticiário, surgiam imagens que me inquietavam ainda mais: tanques posicionados nas ruas, soldados armados, sacos de areia empilhados diante de prédios públicos, como se a cidade estivesse se preparando para um confronto que nunca nos era explicado.

Esses sinais despertaram em mim uma curiosidade insistente. Eu perguntava aos meus pais. Perguntava com a franqueza própria de quem ainda acredita que toda pergunta tem resposta. Mas as respostas vinham sempre incompletas, contidas, evasivas. Às vezes um “isso já passou”, outras vezes um simples “não é coisa para criança”, mesmo quando eu já não me sentia tão criança assim.

Anos depois, já adulto, voltei a perguntar. Não por insistência ingênua, mas por necessidade de compreensão. Queria entender o que havia atravessado aquela casa, aquele tempo, aquele silêncio. As respostas, porém, permaneceram semelhantes. Meus pais desviavam o assunto, minimizavam, encerravam a conversa com um pedido que soava definitivo:

— Esquece isso.

Não era falta de memória. Era escolha. Uma escolha moldada pelo medo, pela prudência, pela experiência de quem aprendeu que certas lembranças custam caro demais. Com o tempo, compreendi que aquele silêncio não era indiferença, mas proteção. Não apenas proteção dos filhos — mas de si mesmos.

Foi assim que entendi, tardiamente, que o que não me foi contado também me formou. O silêncio reiterado, o pedido para esquecer, a recusa em reviver — tudo isso ensinou que há períodos da História que não se apagam facilmente, e que muitas feridas não cicatrizam com palavras.

Talvez por isso eu tenha desenvolvido, ao longo da vida, essa necessidade de compreender estruturas, sistemas, decisões coletivas. Talvez por isso eu tenha aprendido a observar antes de falar, a ler os sinais antes de formular juízos. O menino que via aviões de guerra no céu e tanques na televisão aprendeu que o poder se manifesta não apenas pelo que mostra, mas pelo que cala.

E assim, mesmo sem respostas claras, aquelas imagens permaneceram. Não como trauma, mas como alerta. Um aprendizado silencioso de que existem tempos em que perguntar é perigoso — e tempos, mais raros e preciosos, em que lembrar se torna um ato de coragem.

Capítulo 20 — Quando o Olhar Começou a Escolher

A adolescência não chegou como ruptura. Veio como ajuste de foco. O mundo continuava ali — as mesmas ruas, a mesma casa, os mesmos trajetos —, mas algo em mim havia mudado de posição. Eu já não caminhava apenas por hábito; caminhava observando. Já não aceitava as coisas apenas porque eram assim; começava a me perguntar por que eram assim.

O silêncio que se instalara nos anos anteriores não se dissolveu. Transformou-se em atenção. Passei a perceber os detalhes do cotidiano com uma curiosidade quase silenciosa: o funcionamento dos serviços, os horários que organizavam a vida das pessoas, os deslocamentos repetidos, os fluxos invisíveis que sustentavam a rotina da cidade. Nada disso era estudo formal. Era percepção.

Caminhar pela cidade tornou-se um exercício de leitura. As calçadas falavam, os ônibus contavam histórias, as praças revelavam usos e ausências. Eu observava quem chegava cedo, quem esperava, quem dependia de algo que nunca falhasse. Sem ainda formular conceitos, compreendia que a

vida coletiva é feita de engrenagens delicadas — e que, quando uma falha, muitas outras sentem.

A escola seguia como obrigação e possibilidade. Já não era apenas espaço de aprender conteúdos, mas território de convivência, comparação, inquietação. Os professores, alguns mais rígidos, outros mais inspiradores, passaram a ocupar um lugar diferente: não apenas autoridades, mas referências. Eu começava a distinguir quem ensinava apenas a matéria e quem ensinava a pensar.

Em casa, o ambiente permanecia estável, mas mais silencioso. Meus pais seguiam firmes em seus valores, ainda que cautelosos nas palavras. O que não era dito continuava ensinando. Aprendi, observando-os, que responsabilidade não precisa de alarde, e que prudência não é covardia — é leitura do tempo.

Foi também nessa fase que comecei a perceber a cidade como algo que se constrói — e não apenas como algo dado. Obras surgiam, outras desapareciam. Serviços mudavam. Algumas decisões pareciam melhorar a vida; outras, dificultá-la. E,

mesmo sem compreender os bastidores, eu sentia os efeitos. A cidade deixava de ser pano de fundo para tornar-se questão.

Talvez por isso eu tenha desenvolvido cedo um senso de pertencimento que não era apenas afetivo, mas ético. Eu me sentia parte de algo maior — não no sentido abstrato, mas concreto. Sabia que o funcionamento da cidade interferia diretamente na vida das pessoas. E que cuidar desse funcionamento era, de alguma forma, cuidar das pessoas.

A adolescência também trouxe escolhas pequenas, mas reveladoras. O que observar. Onde estar. Com quem conviver. Passei a valorizar mais os gestos consistentes do que os discursos grandiosos. Mais o fazer correto do que o falar bonito. Talvez porque tivesse aprendido, ainda menino, que o excesso de palavras nem sempre protege — e que, às vezes, é o silêncio que sustenta.

Não havia ainda uma profissão desenhada, nem um plano claro. Havia, sim, um modo de estar no mundo que se consolidava: atento, responsável, curioso, comprometido com o coletivo. O menino que aprendera a cuidar da irmã, a trabalhar cedo, a observar a cidade e a sentir o peso da

História começava a entender que escolhas individuais nunca são apenas individuais.

Hoje, olhando para trás, reconheço que esse foi o período em que meu olhar começou a escolher. Não por decisão consciente, mas por inclinação. A cidade, as pessoas, os sistemas, o cuidado com o que é comum — tudo isso passou a me chamar. E eu, sem ainda saber, comecei a responder.

A adolescência seguiu seu curso, com dúvidas, descobertas e aprendizados. Mas algo essencial já estava assentado: eu não caminharia apenas para mim. O mundo que me formou exigia, em troca, atenção, compromisso e responsabilidade.

E foi assim — sem pressa, sem anúncio — que o silêncio da infância começou a se transformar em direção.

Capítulo 21 — A Cidade Dentro de Mim

Depois daquele ano em que o ar ficou pesado, nada voltou exatamente ao lugar anterior — embora tudo aparentasse normalidade. A infância seguiu seu curso, os dias retomaram seus horários, a escola continuou exigindo cadernos organizados e lições decoradas. Mas algo havia se deslocado dentro de mim. Eu não saberia dizer o quê. Apenas sentia que passei a olhar mais.

Olhar as ruas deixou de ser um hábito distraído. Caminhar pelos bairros passou a ter um sentido novo, ainda indefinido. Eu observava as calçadas, os postes, os trilhos, os ônibus que cruzavam a cidade carregando pessoas que eu não conhecia, mas que, de alguma forma, pareciam ligadas a mim. Havia um mundo funcionando ali, silencioso e complexo, sustentando vidas inteiras — e eu começava a pressenti-lo.

A cidade, antes cenário, tornava-se personagem.

Talvez por ter percebido tão cedo que forças invisíveis atravessavam casas e infâncias, comecei a prestar atenção em tudo aquilo que mantinha a ordem do cotidiano. Os horários

do transporte, o fluxo das ruas, os prédios públicos, as escolas, os hospitais. Nada disso me era ensinado como assunto, mas tudo me era oferecido como experiência. E eu absorvia.

Havia também um cuidado que surgia sem que eu o nomeasse. Um respeito silencioso pelas pessoas. Pelos trabalhadores que madrugavam. Pelos que dependiam de serviços que nunca falhavam — ou não deveriam falhar. Eu não falava em planejamento, nem em políticas públicas, nem em responsabilidade social. Falava apenas em justiça, ainda que sem a palavra.

A adolescência se anunciava assim: menos ingênua, mais atenta. Eu começava a compreender que viver em sociedade era partilhar estruturas, confiar em sistemas, depender do esforço coletivo. E que, quando algo falhava lá em cima, era aqui embaixo — nas ruas, nas casas, nas rotinas — que se sentia primeiro.

Não foi uma escolha consciente. Foi uma formação silenciosa.

Enquanto outros meninos se encantavam apenas com o imediato, eu me demorava no funcionamento das coisas. Gostava de entender caminhos, trajetos, conexões. Gostava de saber por onde se chegava, como se mantinha, quem cuidava. Talvez porque já tivesse aprendido, ainda criança, que nada é eterno se não houver quem sustente.

Hoje sei que ali começava a se moldar não apenas um interesse, mas um compromisso. Um olhar voltado ao coletivo. Uma sensibilidade para o espaço comum. Um entendimento precoce de que cidades não são apenas lugares — são pactos.

E percebo, com a distância que o tempo permite, que aquele menino de passos ainda inseguros já ensaiava o adulto que viria a trabalhar com estruturas, fluxos, planejamento, responsabilidade. Que já compreendia, mesmo sem saber explicar, que cuidar da cidade é cuidar das pessoas.

A adolescência, afinal, não começou com um rompante ou um gesto marcado. Começou com um olhar mais demorado sobre o mundo. E com a certeza silenciosa de que **pertencer também é cuidar**.

Capítulo 22 — O Terreno, a Casa e as Raízes

Se meu pai representava a firmeza silenciosa, minha mãe carregava consigo uma inquietação prática, quase visionária. Havia nela uma preocupação constante com o amanhã — não como abstração, mas como chão. Um chão concreto, nosso, que nos libertasse da instabilidade dos aluguéis e nos desse algo que fosse, ao mesmo tempo, abrigo e pertencimento.

Até então, nossa vida era feita de passagens. Morávamos de aluguel, e cada casa parecia provisória, como se nos fosse emprestada apenas por um tempo curto demais para criar pertencimento. Havia sempre um endereço, mas nunca a certeza de permanência. O chão sob nossos pés existia, mas não era nosso. Éramos, sem perceber, uma família em trânsito, carregando histórias em caixas e expectativas em silêncio.

Minha mãe queria um espaço somente nosso. Não por vaidade ou conforto excessivo, mas por dignidade. Uma casa onde não dependêssemos da vontade alheia, onde o futuro não pudesse ser interrompido por um aviso de despejo ou por um reajuste inesperado. Essa ideia a acompanhava com

persistência, mesmo quando parecia distante demais da nossa realidade.

Foi então que veio a promoção no Estado. Professora dedicada, ela recebeu a progressão funcional que reconhecia seu tempo de serviço e seu compromisso com a educação. Junto com a promoção, veio um valor retroativo — a diferença acumulada de salários. Para muitos, seria apenas um dinheiro extra. Para ela, tornou-se possibilidade.

Aquele montante transformou-se, quase intuitivamente, numa espécie de poupança. Não era dinheiro para gastar; era dinheiro para fundar. Em conversa com meu pai, decidiram que aquele valor deveria ser o início de algo maior. E assim compraram um terreno. Um pedaço de chão ainda vazio, sem paredes, sem telhado, mas já carregado de intenção.

A casa ainda não existia — mas já estava toda desenhada na cabeça da minha mãe.

Foi nessa mesma lógica de atenção e oportunidade que surgiu um episódio que nunca esqueci. No bairro onde morávamos, uma casa estava sendo demolida. Todos os dias, ao passar

pelo local, era possível ver tijolos, portas, janelas e madeiras sendo retirados e amontoados, destinados ao descarte. Minha mãe observava aquilo com o olhar de quem enxerga além do óbvio.

Num desses dias, aproximou-se do local da obra e perguntou ao mestre de obras o que fariam com aquele material. A resposta veio simples, quase automática: iria tudo para o descarte da prefeitura. Ela não hesitou. Perguntou, então, se poderiam doar aquele material. Explicou que estava construindo uma casa em um terreno recém-adquirido e que tudo seria reaproveitado com cuidado.

O mestre de obras ponderou por alguns instantes e respondeu que sim — poderia doar. Mas havia uma condição: tinha dois dias para retirar tudo dali.

Dois dias. Para muitos, aquilo encerraria a conversa. Para minha mãe, foi apenas o começo.

Ela assumiu o compromisso ali mesmo, com a naturalidade de quem já havia decidido antes. Não havia caminhão contratado, não havia equipe organizada, não havia garantias

— havia apenas a convicção de que aquela era uma chance que não se desperdiça.

O que se seguiu foi um esforço coletivo, silencioso e determinado. Meu pai, nós, os filhos, alguns amigos — todos mobilizados para retirar, carregar, separar, empilhar. Tijolo por tijolo, porta por porta, janela por janela. Não era apenas material de construção que estava sendo transportado; era futuro sendo montado aos poucos.

Minha mãe acompanhava tudo com atenção quase cerimonial. Conferia, organizava, pensava adiante. Cada peça reaproveitada era uma vitória discreta contra a escassez. Cada viagem feita era um passo a mais em direção à casa que ainda não existia, mas que começava a se tornar real.

Com o material reunido, o sonho ganhou corpo. O projeto e grande parte da execução ficaram nas mãos de meu pai — homem autodidata, habilidoso, daqueles que aprendem fazendo e aperfeiçoam errando. Na construção civil, como em tantas outras áreas da vida, ele se guiava pelo senso prático e pela responsabilidade.

Para dar início à obra, contou com a ajuda de dois pedreiros amigos. Ainda assim, a construção era coletiva. Cada um de nós recebeu uma tarefa, como se a casa já nos ensinasse, desde o início, o valor da participação. A mim coube, após a escola, o trabalho quase meditativo de desentortar pregos e separá-los por tamanho. Minha mãe limpava as tábuas, passava nelas um óleo cujo nome o tempo apagou, e as organizava com cuidado, como quem prepara algo precioso.

Enquanto isso, meu pai se dedicava às fundações com atenção quase solene. Cada medida, cada alinhamento, cada decisão carregava a consciência de que aquele não seria apenas um abrigo, mas o lugar onde nossa história ganharia continuidade.

E assim, dia após dia, a casa foi surgindo.

Em um tempo que hoje me parece quase irreal — apenas dez meses — a construção ficou pronta. Simples, mas firme. Tinha três dormitórios, um banheiro, cozinha e copa, onde partilhávamos as refeições e o cotidiano. Havia também uma sala de estar, espaço de encontro, conversa e acolhimento. À frente dela, uma pequena varanda, discreta, quase tímida, mas

essencial: era ali que o mundo de fora encontrava o nosso dentro.

Mais do que cômodos, aquela casa tinha sentido. Mais do que paredes, tinha intenção. Mais do que telhado, tinha permanência.

Hoje, olhando para trás, entendo que aquela casa começou a ser construída muito antes do primeiro alicerce. Começou no gesto de guardar, na coragem de perguntar, na capacidade de reconhecer oportunidade onde outros viam descarte. Começou no olhar atento de uma mulher que sabia que estabilidade não cai do céu — constrói-se.

Ali, finalmente, criamos raízes.

Com o passar dos anos, percebi que aquela obra silenciosa continuou sendo erguida dentro de mim. O cuidado com o futuro, o respeito pelo esforço coletivo, a atenção aos detalhes que sustentam o todo — tudo isso atravessou o tempo e reapareceu nas escolhas que fiz, na forma como trabalhei, constituí família e compreendi responsabilidade. Assim como aquela casa, aprendi que nada verdadeiramente sólido nasce

do improviso vazio, mas da soma de pequenos gestos repetidos com constância e propósito.

Essa casa não foi apenas abrigo físico. Foi lição. Ensinou-nos que dignidade se ergue com trabalho, que planejamento é uma forma de amor, e que o futuro, quando cuidado com atenção, responde. Sem discursos ou alarde, meus pais nos mostraram que é possível transformar promoção em chão, descarte em parede, esforço coletivo em lar.

E essa casa, silenciosa e firme, guarda ainda muitos capítulos. Eles seguem ali, pacientes, esperando o tempo certo para emergir da memória.

Capítulo 23 — A Coragem em Dia de Chuva

A casa estava pronta. Habitável. Nossa. Depois de meses de esforço, improvisos e aprendizados, passamos a ocupá-la com o cuidado de quem sabe que o que foi conquistado com dificuldade exige atenção redobrada. Os primeiros dias tinham algo de cerimonial: o cheiro da madeira recente, o eco diferente dos passos, o silêncio que só uma casa recém-habitada conhece. Era o início de uma nova fase — e ainda aprendíamos a morar ali.

Tudo parecia precioso demais para ser tratado com descuido. Cada móvel tinha lugar pensado, cada canto carregava expectativa. A casa deixava de ser projeto para se tornar cenário da vida. E foi justamente nesse momento, quando acreditávamos ter atravessado a parte mais difícil, que veio a prova.

Veio a chuva.

Não uma chuva breve, dessas que passam rápido e deixam apenas o chão úmido, mas uma chuva insistente, contínua, dessas que testam telhados, paredes e, sem que se perceba,

também as pessoas. Ao chegarmos da escola, eu e meus irmãos encontramos a casa reagindo como podia: a água encontrava frestas, escorria pelas telhas reaproveitadas e caía dentro dos cômodos.

Sem compreender totalmente a gravidade do problema, mas movidos por um zelo quase instintivo, espalhamos panelas, bacias e recipientes pelo chão e sobre os móveis. Queríamos proteger o que havia sido conquistado com tanto esforço. A casa, ainda tão jovem, parecia chorar por dentro.

As telhas, vindas da demolição que tanto havia ajudado a erguer nosso lar, agora revelavam seus limites. Não eram compatíveis com o caimento do telhado projetado por meu pai. O improviso servia apenas como alívio momentâneo — um gesto infantil diante de um problema adulto.

Quando minha mãe chegou, encontrou aquela cena: móveis afastados, recipientes espalhados, o som ritmado das gotas ecoando pelos cômodos. Inahzinha parou à porta. Observou tudo em silêncio. Não houve reprovação nem desalento. Em seu olhar havia a mesma firmeza serena que tantas vezes sustentara nossa família.

Meu pai já havia identificado a origem do problema. Tecnicamente, a falha era clara. Humanamente, o desafio era maior: não havia mais recursos disponíveis. Tudo o que fora conquistado com a promoção no Estado já estava investido naquela casa. Ainda assim, minha mãe sabia que aquela situação não poderia se repetir. A casa precisava resistir — e nós com ela.

Foi novamente Inahzinha quem tomou a frente.

Sem alarde, sem queixas, foi em busca de uma solução. Procurou uma casa de materiais de construção, conversou, explicou, abriu sua história como quem abre a própria casa. Os preços eram altos, as condições de pagamento distantes da nossa realidade. Para muitos, ali terminaria a tentativa.

Mas ela não se deu por vencida.

Conversando com o proprietário, conhecido como seu Manoel, relatou o que havia acontecido naquele dia de chuva: as goteiras, as panelas espalhadas, o esforço das crianças para salvar móveis e roupas. Falou com verdade, sem exageros. E talvez tenha sido isso que tocou fundo.

Seu Manoel quis ver. Foi até nossa casa, observou o telhado, os sinais da infiltração, os vestígios daquele improviso silencioso. Diante da realidade, sensibilizou-se. E tomou uma decisão que marcou para sempre minha memória.

Ofereceu todas as telhas necessárias a preço de custo de fábrica. Parceladas. Financiadas diretamente, dentro das possibilidades da minha mãe. Mais do que isso, garantiu a colocação das telhas, resolvendo de forma definitiva o problema que ameaçava nosso recém-conquistado lar.

Naquele dia, não foi apenas o telhado que se firmou. Algo mais profundo se consolidou. Aprendi, ainda menino, que coragem não é ausência de medo, mas insistência diante da dificuldade. Aprendi que dignidade abre portas. E que a força de uma mulher pode sustentar uma casa inteira.

Essa cena nunca saiu da minha memória. Inahzinha sempre foi assim: referência, inspiração, norte. Em dia de sol ou de chuva, foi ela quem nos ensinou que, diante das tempestades, não se recua — permanece-se de pé.

Parte II — As Primeiras Estradas

Capítulo 24 — Quando a Casa Começou a Silenciar

O tempo das primeiras travessias.

"Crescer é aprender que algumas ausências falam mais do que muitas presenças."

O início da minha adolescência chegou de mansinho, como chegam as mudanças que não anunciam a própria importância. Não houve rupturas abruptas, apenas despedidas discretas, quase silenciosas, que aos poucos redesenharam o mapa da nossa casa e da nossa convivência. A primeira a seguir seu próprio caminho foi Sônia, a irmã mais velha, que se casou e partiu para São Paulo. Pouco depois, foi a vez de Fifi — nome herdado com carinho do nosso avô Anfilóquio — que também se casou e levou seus passos para o interior do Rio Grande do Sul.

Com essas partidas, a casa passou a respirar de outro modo. Dos sete irmãos, restamos cinco sob o mesmo teto. Éramos três rapazes — eu, Marco Antônio, Marco Aurélio e José Carlos — e duas meninas, Cristina e a caçula Simone. Eu já atravessava os primeiros umbrais da

adolescência, cursando o então chamado segundo grau; Cristina concluía o ginásio; os menores ainda percorriam o caminho curto até o grupo escolar, com mochilas maiores que seus próprios corpos. A casa seguia viva, mas algo nela havia mudado: um silêncio novo, quase imperceptível, passara a habitar os corredores.

A rotina mantinha sua ordem — horários, refeições, tarefas divididas — e, ainda assim, nada era exatamente igual. Crescer, eu começava a perceber, era aprender a conviver com ausências, compreender que certos vazios também educam. A infância se despedia sem alarde, como quem fecha uma porta com cuidado para não acordar quem dorme.

Foi nesse tempo que o mundo começou a se alargar. As amizades ganharam densidade, deixaram de ser apenas companhia e tornaram-se território de descobertas. A vida já não se resumia à casa e à escola; havia algo mais pulsando, chamando para fora.

Eu e Cristina caminhávamos juntos nessa travessia. Dividíamos não só os dias, mas também os primeiros interesses, os olhares curiosos, as expectativas silenciosas. Surgiram então as reuniões dançantes — encontros simples, quase inocentes, realizados em casas de amigos ou pequenos salões de bairro. A música preenchia o ar, os discos giravam na vitrola, e cada canção parecia marcar o ritmo apressado dos nossos corações jovens.

Não havia excessos, apenas a delicadeza dos começos: a escolha cuidadosa da roupa, o nervosismo contido, o desejo de ser visto e reconhecido. Eram rituais discretos, mas profundos, ensaios para a vida adulta que se aproximava com passos lentos e firmes.

Cristina atravessava esse tempo com a leveza que sempre lhe pertenceu. Eu, por minha vez, descobria que crescer era também aprender a conviver com expectativas, com silêncios e com a beleza inquieta das primeiras emoções. Eram dias simples, mas densos de significado — dias em que a juventude não se anunciava pela idade, mas pela

sensação íntima de que algo, dentro de nós, havia começado a mudar para sempre.

Capítulo 25 — O Ano em que a Infância se Encerrou

O ano de 1970 chegou como um golpe seco, inesperado, desses que não pedem licença para mudar o rumo de uma vida. A família, até então sustentada por uma rotina que parecia sólida, foi surpreendida por uma ruptura profunda: meus pais decidiram se separar. A notícia caiu como um vendaval silencioso, espalhando incertezas por todos os cantos da casa. Para nós, filhos, foi um choque difícil de compreender; para minha mãe, uma dor que se somava à responsabilidade de seguir adiante.

Eu ainda atravessava a adolescência quando fui empurrado, quase sem aviso, para um território que não escolhi: o da vida adulta. A separação impôs uma urgência que não permitia hesitações. Era preciso amadurecer — não por vontade, mas por necessidade. Os dias da despreocupação juvenil ficaram para trás, substituídos por um senso precoce de dever.

Meus irmãos mais velhos já haviam seguido seus próprios caminhos, constituído família e buscado seus rumos em outras cidades. Restávamos nós, os mais novos, e uma mãe

que, apesar da dor, jamais se deixou abater. Foi nesse contexto que surgiu a necessidade de contribuir financeiramente para o sustento da casa. A infância, ainda inacabada, teve de dividir espaço com a responsabilidade.

Em 1971, surgiu a oportunidade que marcaria o início da minha vida profissional. Por intermédio de meu irmão, consegui um emprego como desenhista projetista na área de instalações telefônicas — um campo que, de certa forma, já me era familiar. Desde cedo eu convivia com esse universo: meu pai e meu irmão trabalhavam para uma multinacional alemã, e foi nesse ambiente, entre plantas, esquemas e conversas técnicas, que desenvolvi naturalmente uma afinidade com o desenho e a precisão.

Esse trabalho não representou apenas uma fonte de renda. Foi o início de um aprendizado profundo, que moldou não apenas minha trajetória profissional, mas também meu caráter. A responsabilidade deixou de ser um conceito abstrato e passou a ter peso concreto: ajudar minha mãe, garantir o sustento da casa, contribuir para que meus irmãos mais novos pudessem seguir estudando e sonhando.

O amadurecimento veio cedo, talvez cedo demais, mas veio como precisava vir. Não houve escolha, apenas o entendimento silencioso de que era hora de crescer. E, mesmo sem perceber naquele momento, foi ali — entre pranchetas, compromissos e a urgência da vida — que comecei a construir o homem que me tornaria.

A Força Silenciosa de Minha Mãe

Se houve um pilar que sustentou nossa família naquele período de instabilidade, esse pilar tinha nome, rosto e coragem: minha mãe. Em meio à ruptura que se instalou em nossa casa, foi ela quem permaneceu de pé quando tudo ao redor parecia desmoronar. Não houve dramatizações nem lamentos públicos. Houve, sim, uma força contida, quase austera, que se expressava nos gestos mais simples — no café preparado cedo, na roupa lavada, na palavra firme dita no momento exato.

A separação não a tornou frágil; ao contrário, revelou uma mulher de fibra rara. Ela assumiu, sozinha, a condução de

uma família que precisava mais do que nunca de direção. Não se permitiu o luxo da desordem emocional, porque sabia que seus filhos olhavam para ela em busca de segurança. E foi essa consciência que a fez erguer-se todos os dias com dignidade, mesmo quando o cansaço lhe pesava nos ombros.

Minha mãe tornou-se, naquele período, mais do que mãe — tornou-se referência. Seu exemplo não vinha de discursos longos ou de palavras grandiosas, mas da coerência entre o que dizia e o que fazia. Ensinava-nos, sem alarde, que a vida exige coragem silenciosa, que o trabalho dignifica e que a honestidade é um valor que não se negocia, mesmo quando tudo parece conspirar contra.

Foi olhando para ela que aprendi que responsabilidade não é castigo, mas compromisso; que amadurecer, muitas vezes, é aceitar tarefas antes do tempo; e que amar também é sustentar, proteger, resistir. A serenidade com que enfrentou aquele período difícil transformou-se em farol para mim — um norte seguro que me orientaria nas escolhas futuras.

Se hoje reconheço em mim a capacidade de seguir em frente diante das adversidades, devo isso, em grande parte, à mulher que me ensinou, pelo exemplo, que a força verdadeira não grita, não impõe, não se exibe. Ela simplesmente permanece. E sustenta.

Capítulo 26 — Entre o Dever e o Sonho

Houve um tempo em que a vida deixou de me perguntar se eu estava pronto. Simplesmente avançou. O ano de 1971 chegou como chegam as mudanças verdadeiras: sem alarde, mas com força suficiente para deslocar tudo o que parecia estável. A separação de meus pais redesenhou o contorno da casa, do afeto e das responsabilidades. A infância, que até então se espreguiçava lentamente, começou a se recolher, como quem percebe que já não há espaço para a inocência permanecer inteira.

Foi nesse cenário que iniciei minha vida profissional. Não por ambição precoce, mas por necessidade concreta. Trabalhar passou a ser menos uma escolha e mais um gesto de sobrevivência — e, ao mesmo tempo, de dignidade. Havia algo de silenciosamente solene naquele primeiro emprego: a sensação de atravessar um limiar invisível entre o menino que fui e o adulto que começava a se formar.

O ambiente era exigente, marcado por cobranças e ritmos que não esperavam por ninguém. Ali aprendi, ainda muito jovem, que o mundo não oferece concessões gratuitas. Era preciso observar, aprender, errar em silêncio e insistir. Aos poucos, o esforço diário começou a desenhar reconhecimento. O trabalho, antes apenas uma obrigação, tornou-se também um espaço de construção pessoal. Cresci tecnicamente, ganhei confiança, e acabei assumindo funções de maior responsabilidade, até tornar-me desenhista projetista e, mais adiante, instrutor de equipes.

Ensinar — percebi então — é uma forma profunda de aprender. Ao orientar outros, eu organizava meus próprios pensamentos, amadurecia minhas certezas e reconhecia meus limites. Sem perceber, já me aproximava do gesto que marcaria minha vida adulta: o de transformar conhecimento em caminho.

Foi nesse contexto que uma pergunta, aparentemente simples, ecoou com força inesperada. Um dos sócios da empresa, talvez percebendo algo que eu ainda não via

com clareza, perguntou se eu já havia pensado em prestar vestibular. A pergunta não exigia resposta imediata, mas abriu uma fresta por onde a ideia começou a entrar. Levei-a comigo para casa, onde o silêncio da noite e o olhar atento de minha mãe e de minha avó lhe deram peso e direção.

Minha avó, com sua presença firme e discreta, foi o alicerce invisível daquele momento. Não discursava, não pressionava — sustentava. Minha mãe, por sua vez, enxergava naquele possível futuro a continuidade de tudo o que havia sacrificado. Entre as duas, encontrei o apoio necessário para ousar. Decidi tentar.

Preparar-me para o vestibular significou reorganizar a vida. Os dias eram ocupados pelo trabalho; as noites, pelo estudo. Havia cansaço, mas havia também um tipo novo de esperança — aquela que nasce quando se percebe que o esforço tem propósito. Quando a aprovação veio, não foi apenas uma conquista acadêmica. Foi a confirmação de

que os caminhos difíceis também conduzem a lugares possíveis.

A partir dali, passei a viver em dois tempos: o do trabalho que sustentava o presente e o do estudo que construía o futuro. Entre um e outro, fui aprendendo a sustentar o peso das escolhas e a reconhecer o valor do que se edifica aos poucos. Hoje, olhando para trás, compreendo que aquele período não foi apenas uma etapa de transição, mas um verdadeiro rito de passagem — o momento em que a vida deixou de ser promessa e começou, enfim, a se tornar projeto.

Capítulo 27 — Entre o Trabalho, os Livros e a Madrugada.

Houve um tempo em que meus dias pareciam não ter começo nem fim. O relógio deixara de marcar horas e passara a medir resistências. Trabalhava durante o dia e estudava à noite — e, entre um e outro, aprendia a sustentar o próprio cansaço como quem aprende a sustentar a própria vida.

As manhãs pertenciam ao trabalho. O corpo obedecia à rotina, enquanto a mente se mantinha em constante vigília. Mas era à noite que começava a verdadeira travessia. Quando a cidade diminuía o ritmo e as luzes se recolhiam atrás das janelas, eu seguia para a universidade. Ali, entre salas silenciosas e corredores iluminados artificialmente, o tempo ganhava outra densidade.

As aulas avançavam noite adentro. Havia cálculos rigorosos, projetos minuciosos, estudos longos sobre a história da arquitetura — um universo que se revelava pouco a pouco, exigente e fascinante. Muitas vezes, o cansaço pesava sobre os olhos, mas algo mais forte me mantinha desperto: a

sensação de estar construindo, linha por linha, um futuro possível.

Nem tudo, porém, acontecia apenas dentro das salas de aula. Parte importante da formação acontecia fora delas — nos trabalhos em grupo, nas reuniões improvisadas, nos encontros que se estendiam pelas casas dos colegas. Ali, entre mesas improvisadas, plantas abertas e xícaras de café esquecidas, aprendíamos tanto quanto nos bancos da universidade. Eram noites de debate, de troca, de descobertas coletivas. E, entre cálculos e pranchetas, surgiam também os primeiros olhares, os sorrisos tímidos, os pequenos flertes que davam à juventude um sabor leve, quase cúmplice.

Às vezes, esses encontros aconteciam em minha própria casa. A prancheta ocupava a sala, os livros se espalhavam, e a casa ganhava um movimento diferente — mais jovem, mais vivo. E ali, discreta e atenta, estava sempre minha mãe, Inahzinha. Ela compreendia, sem precisar perguntar, que aquele movimento fazia parte do meu crescimento. Surgia com um café quente, um lanche simples, um gesto silencioso de

cuidado. Seu apoio era constante, quase invisível, mas absolutamente essencial.

As noites avançavam, e a madrugada nos encontrava ainda acordados. O estudo exigia entrega, mas também criava laços. Aprendíamos juntos, errávamos juntos, ríamos do cansaço. E, pouco a pouco, fui entendendo que a formação não se dava apenas no domínio técnico, mas também na convivência, no afeto, na partilha.

Assim se passaram aqueles anos: entre o trabalho que sustentava o presente e os estudos que desenhavam o futuro; entre a disciplina e o sonho; entre a solidão da concentração e a alegria dos encontros. E foi nesse equilíbrio delicado — feito de esforço, apoio e descobertas — que fui, sem perceber, me tornando quem eu viria a ser.

Capítulo 28 – Memórias do Bom Fim

Na atmosfera efervescente do Bom Fim — onde as ruas guardam histórias, risadas e segredos — vivi dias que moldaram parte da minha adolescência e, de certo modo, a minha maneira de estar no mundo. Era um tempo em que a simplicidade das coisas se misturava à alegria das descobertas, e cada dia parecia carregar a promessa silenciosa de algo novo. Meu primo Luiz Antônio, o Bola, e seus amigos do bairro eram os protagonistas dessa trama viva, tecida de encontros, afetos e lembranças que o tempo não conseguiu apagar.

As noites em torno do famoso murinho da Rua Felipe Camarão ainda vivem nítidas na memória. Ali os encontros eram para trocar histórias, fazer confidências e sonhar futuros que pareciam infinitos. Entre risadas soltas e silêncios cúmplices, a amizade se fortalecia. A Turma do Murinho ganhava forma e identidade: além do Bola, do Xexê e do Bauer — primos, estavam presentes figuras fundamentais — especialmente as vozes femininas que traziam leveza e equilíbrio ao grupo. Tininha, Tita, Maria Adélia, (a Neca), e Ana Lúcia, (a Ratinha) — estas duas

últimas minhas primas — compunham aquele pequeno universo onde todos tinham lugar, nome e importância.

Com o tempo, os encontros se estendiam ao barzinho Tivoli, ponto eleito pela turma para saborear o sanduíche aberto e um chope gelado. Ali, as conversas fluíam fáceis, e as horas pareciam sempre insuficientes. A lanchonete Líder era outro de nossos refúgios: o aroma dos lanches misturava-se ao burburinho animado das vozes, criando um cenário quase ritualístico. E como esquecer o cachorro-quente do Zé do Passaporte? Degustado na Redenção, tornava-se um gesto sagrado — uma pausa deliciosa entre caminhadas, brincadeiras e conversas sem hora para terminar.

Havia ainda os encontros para comer um bauru no Trianon, quase sempre acompanhados de uma cerveja gelada. Eram momentos simples, mas densos de significado, em que a mesa se transformava em extensão da calçada, e a amizade se reafirmava a cada gole, a cada história repetida sem cansaço.

Não posso deixar de lembrar das reuniões dançantes nas casas da Tita e do Iujo — verdadeiros acontecimentos

sociais. A música ecoava pelas paredes, e a energia contagiante fazia esquecer o mundo lá fora. Cada passo de dança era uma celebração; cada gargalhada, um lembrete silencioso de que aqueles instantes eram preciosos e irrepetíveis. Somava-se a isso o período do Carnaval, quando os encontros aconteciam no Polônia, clube localizado no Quarto Distrito de Porto Alegre. Eram dias intensos, marcados pela música, pela festa e por uma sensação quase absoluta de liberdade encontros muitas vezes articulados pelo Radziuk — Iujo, que parecia ter o dom raro de reunir a turma nos momentos exatos.

Foi por meio do Bola e do Xexê que conheci uma galera extraordinária. Raulzinho, eterno promotor de festas e as seleções das músicas, além de ser apaixonado pelos Beatles, garantia trilhas sonoras que até hoje nos transportam àquele tempo. O Bola, fã declarado dos Bee Gees, fazia de suas músicas a moldura sonora de muitos encontros. Havia também o Mario Cezar, o Gordo, goleiro do Aliança — o Aranha — famoso não apenas por suas defesas improváveis, mas por gostar de uma boa confusão durante os jogos, mas com o passar do tempo serenou, pois o amor feminino falou

mais alto, e marcou presença ao seu lado, a Cuca, sua companheira de vida, presença querida e amiga leal, a qual trazia consigo uma serenidade acolhedora. Serginho, o craque do time, completava o espetáculo.

E como esquecer o Juarez — (o Jucinho) — sempre metido a conquistador, empenhado em impor regras à turma, quase nunca acatadas — mas, acima de tudo, nosso músico. O violão fazia parte de sua paixão pela música e parecia extensão natural de suas mãos. Entre um acorde e outro, suas canções iam se espalhando pelos encontros, servindo de trilha íntima para conversas, silêncios e sonhos compartilhados. Foram muitos outros — alguns cujos nomes a memória já não alcança, mas cujas presenças seguem reconhecidas e alinhadas ao longo da vida.

A Turma do Murinho resistiu ao tempo. Mais do que resistir, transformou-se — e seguiu crescendo. A partir daqueles amigos e amigas, novos laços foram se somando: chegaram outros amigos, surgiram os amores, nasceram os filhos, depois os netos. Celebramos conquistas que nos encheram de orgulho e atravessamos perdas inestimáveis

que nos ensinaram sobre a ausência e a permanência. O que começou como encontros despretensiosos numa calçada tornou-se uma rede de afetos que atravessou décadas, sustentada pela memória, pelo cuidado e pela lealdade silenciosa.

Passaram-se mais de 55 anos, e seguimos nos encontrando pelo menos uma vez ao ano. Não nos reunimos para viver apenas de recordações — embora elas estejam sempre presentes, como velhos amigos que chegam sem avisar. Reunimo-nos para falar do presente: das viagens recém-feitas ou sonhadas, dos novos amores que reacendem entusiasmos, dos filhos que cresceram dos netos que agora ocupam o centro das atenções. Falamos da vida que continua acontecendo — e é isso que nos mantém unidos.

Nos encontros mais recentes, aproximei-me ainda mais de pessoas como José Inácio, (o Kiko), e da Neca, sua esposa, que se tornaram presenças importantes na minha vida — assim como a Cris, minha amada companheira, que passou a ocupar, junto delas, um lugar essencial dentro da Turma do Murinho.

O Bom Fim não é apenas um bairro. É um território afetivo, um pedaço do meu coração, onde cada rua guarda um rosto, cada esquina abriga uma história, e cada lembrança confirma que certos laços não se desfazem — apenas se renovam. Sou grato por tudo o que vivi, por cada amigo que cruzou meu caminho e por todas as memórias que sigo carregando comigo, como quem carrega um bem precioso.

Capítulo 29 — Quando a Adolescência Pediu Carona

Há idades que não passam quando o calendário avança. Algumas ficam suspensas, esperando uma brecha. A minha adolescência ficou assim. Aos dezesseis anos, a separação dos meus pais me empurrou para um território onde o tempo precisava ser administrado com seriedade: trabalho, estudo e compromisso financeiro com a família passaram a dividir espaço com aquilo que, até então, era espontâneo. Aprendi cedo a organizar horários, conter excessos e tratar o futuro como assunto urgente.

Aos dezoito, morando na casa da vó Adelina, eu já dominava essa nova geometria da vida. Havia disciplina, responsabilidade e uma rotina que funcionava. O que eu não sabia — ou talvez apenas tivesse esquecido — era que a juventude não desaparece quando é interrompida; ela espera. Às vezes, espera por alguém que a coloque de volta em movimento.

Foi nesse ponto que o Bola reapareceu.

Meu primo Luiz Antônio, o Bola, nunca foi dado a grandes explicações. Ele não anunciava fases, não justificava

escolhas. Apenas surgia, ocupava espaço e fazia o tempo andar de outro jeito. Onde eu vinha vivendo em linha reta, ele introduzia curvas. Onde tudo parecia excessivamente planejado, ele oferecia passagem.

O convite veio assim, sem cerimônia: um baile da escolha da Rainha do Colégio Militar de Porto Alegre. A proposta vinha completa, embora mal explicada: atravessar a madrugada e, ao amanhecer, seguir direto para Capão Novo, até a casa da Tininha. Aceitei quase sem pensar. Havia algo em mim que reconhecia aquele chamado — não como rebeldia, mas como lembrança de quem eu ainda era.

O baile cumpriu seu papel com eficiência juvenil: música alta, corpos cansando aos poucos, risadas que não pediam permissão. Eu alternava entre dançar e observar; o Bola simplesmente existia no ritmo do ambiente, como se não precisasse provar nada a ninguém. Quando a festa terminou, não houve grandes despedidas. O próximo cenário já estava implícito. Rodoviária. Ônibus. Estrada.

Dentro do ônibus, o Bola fez o que sempre fez melhor: dormiu. Encostou a cabeça e desapareceu do mundo. Eu

fiquei acordado. Não por heroísmo, mas por hábito. Dormir pouco havia se tornado parte da minha reorganização precoce da vida. Enquanto ele descansava, eu observava a madrugada escorrer pela janela.

Foi assim que assisti ao episódio do passageiro que pediu para descer pouco antes de Osório. Um desconhecido, tomado por uma urgência fisiológica inegociável, transformou a beira da estrada em palco de uma tragicomédia humana. Enquanto resolvia sua emergência e acenava desesperadamente para que ninguém olhasse, criava-se entre os acordados uma estranha comunhão: empatia, constrangimento e riso contido. O Bola dormia. Talvez por isso aquela cena tenha ficado tão viva para mim. Alguém precisava estar desperto para registrar o absurdo.

Seguimos viagem em silêncio. O homem voltou ao ônibus como quem retorna de um território que não será comentado. Certas experiências dispensam legenda.

Chegamos a Capão Novos, ainda desalinhados pela noite mal dormida. A casa da Tininha nos recebeu como um intervalo necessário. Ela representava isso: o lugar onde o corpo podia

ceder sem culpa, onde não era preciso explicar nada. Tininha não fazia discursos; oferecia abrigo. O Bola escolheu um canto e voltou a dormir. Eu o acompanhei. Com ele, descansar parecia autorizado.

Ao chegar da tarde provou-se que, entre adolescentes, o descanso é sempre provisório. Raulzinho — amigo do Bola e especialista em desmontar qualquer tentativa de ordem — entrou em cena com sua engenharia juvenil: pasta de dente nos ouvidos e pés amarrados à cama. O susto veio primeiro. A indignação durou pouco. A gargalhada acabou vencendo. Raulzinho cumpria sua função: provocar o caos necessário para lembrar que ainda não éramos adultos completos.

O Bola riu por último, como de costume. Seu riso não era escandaloso, mas encerrava os acontecimentos. Quando ele ria, as coisas encontravam limite.

O resto do fim de semana seguiu nesse equilíbrio delicado: Tininha garantindo o abrigo, Raulzinho criando pequenas rupturas, o Bola marcando o ritmo e eu oscilando entre viver e observar — talvez já ensaiando, sem saber, o narrador que um dia escreveria tudo isso.

Quando voltei para casa, retomei a rotina que me aguardava: trabalho, estudos, responsabilidades. A vó Adelina seguia ali, firme, silenciosa, sustentando o cotidiano. Mas algo havia mudado. O Bola, sem intenção consciente, tinha reaberto uma fresta da adolescência que eu julgava parcialmente perdida — não para negar as obrigações, mas para torná-las mais habitáveis.

Hoje entendo que aquele fim de semana não foi apenas uma viagem ou uma sequência de episódios curiosos e descontraídos. Foi o momento em que a adolescência interrompida cedo demais, pediu carona.

E o Bola, sem discursos nem promessas, simplesmente parou o ônibus.

INTERLÚDIO I

A Estrada se Abre

Há momentos em que a vida não muda de direção de forma brusca. Ela apenas se alarga.

Ao olhar para trás, vejo que a infância ficou guardada nas casas onde vivi, nos quintais que percorri, nos trilhos que me ensinaram a observar a cidade e nos braços daqueles que me ensinaram a caminhar. A adolescência, por sua vez, deixou suas marcas nas responsabilidades assumidas cedo demais, nos estudos que atravessaram madrugadas, nos amigos que se tornaram companheiros de jornada e nos sonhos que insistiram em sobreviver mesmo quando a realidade parecia exigir apenas prudência.

Sem perceber, fui deixando para trás os dias em que a vida era feita de promessas. O futuro, que antes parecia uma paisagem distante, começava agora a tomar forma concreta diante de mim.

Já não caminhava apenas guiado pelos exemplos de meus pais ou pela proteção da família. Chegara o tempo de fazer escolhas próprias, de assumir riscos, de construir caminhos que ninguém poderia percorrer em meu lugar.

A estrada que se abria à minha frente não era reta nem previsível. Trazia curvas, encontros, despedidas, conquistas e desafios que eu ainda não podia imaginar. Mas carregava comigo aquilo que os anos anteriores haviam me dado de mais valioso: as raízes.

Foram elas que me ensinaram a permanecer firme quando os ventos mudassem de direção. Foram elas que me lembraram que nenhuma conquista tem sentido se não estiver acompanhada de caráter, trabalho, afeto e gratidão.

Assim, entre a herança recebida e os caminhos ainda por percorrer, iniciei uma nova travessia.

"A partir daqui, a vida deixaria de ser apenas aprendizado. Passaria a ser construção".

PARTE III — Construindo o Caminho

Capítulo 30 — Entre o Despertar e o Amparo

A passagem da adolescência para a vida adulta nem sempre acontece por datas ou cerimônias. No meu caso, ela aconteceu pelo afeto — inesperado, intenso e breve. Eu tinha dezoito anos e carregava comigo toda a inexperiência de quem ainda não sabia distinguir desejo, admiração e amor. Foi então que surgiu uma figura feminina.

Ela era colega de trabalho. Tinha vinte e oito anos, uma década inteira de vida a mais do que eu, e trazia consigo uma segurança que me desconcertava. Não foi apenas uma paixão; foi um espelho antecipado do mundo adulto. Ao seu lado, descobri sentimentos que até então eu só intuía. Com ela, experimentei o que significava a paixão de um homem por uma mulher — não mais a curiosidade difusa da juventude, mas algo mais profundo, que envolvia entrega, silêncio, presença.

Durou pouco. E talvez por isso mesmo tenha sido tão marcante. Não houve promessas grandiosas nem despedidas dramáticas. A vida simplesmente seguiu. Mas algo em mim já havia mudado. Ao olhar para trás, percebo que aquela

mulher não marcou apenas um tempo; marcou uma travessia. Depois dela, eu já não era apenas um jovem — começava, ainda que sem perceber, a me tornar homem.

A vida, fiel à sua natureza, não concedeu pausas longas para contemplações. Em determinado momento, fui morar com minha avó materna, dona Adelina. Portuguesa afável, de fala firme e gestos cuidadosos, ela reunia em si duas forças aparentemente opostas: o carinho silencioso e a cobrança constante. Era amor expresso em forma de responsabilidade.

Dona Adelina não admitia descuidos. Cobrava-me os estudos com rigor e acompanhava de perto meu desempenho no trabalho. Mas, junto com a exigência, vinha o apoio concreto. Era ela quem me ajudava na compra dos livros, dos materiais indispensáveis para o exercício dos estudos: réguas, lapiseiras, canetas para nanquim, papéis. Tudo aquilo que, naquela época, era extensão da mão e da mente. Não havia atalhos digitais, não existiam aplicativos nem softwares. O pensamento precisava passar pelo corpo; o traço exigia precisão, paciência e tempo.

Aprendi muito sob o teto de minha avó. Aprendi que disciplina não é oposição ao afeto. Que o cuidado verdadeiro, muitas vezes, se manifesta como exigência. E que investir no estudo era, para ela, uma forma de garantir que o futuro não me encontrasse despreparado.

Foi também nesse período que retomei com mais intensidade o convívio com meus primos. Entre eles, Luiz Antônio se destacou naturalmente. Regulávamos de idade, compartilhávamos inquietações semelhantes e uma cumplicidade que só existe quando os caminhos ainda estão sendo escolhidos. Nosso convívio foi fértil em experiências, risos, descobertas e pequenas transgressões da juventude — memórias que, mais tarde, pediriam espaço próprio.

Hoje reconheço que aquele tempo foi um delicado ponto de equilíbrio. Entre a paixão que me despertou para o mundo dos afetos adultos, a avó que me sustentou com firmeza e os laços familiares que se reacendiam, fui sendo moldado sem alarde. Nada foi abrupto. Tudo foi acontecendo.

E talvez seja isso que mais me comove ao revisitar essas lembranças: perceber que, mesmo nos momentos breves, a

vida estava cuidadosamente me preparando — com amor, disciplina e encontros — para os capítulos que ainda viriam.

Capítulo 31 — Quando o Caminho Começou a se Reconhecer

Com o passar do tempo, a rotina deixou de ser apenas resistência. O corpo se acostumou ao ritmo, e o cansaço, antes pesado, passou a caminhar ao meu lado como um companheiro silencioso — daqueles que não se combate, apenas se compreende. Já não se tratava apenas de sobreviver aos dias longos, mas de aprender a habitá-los.

A universidade, pouco a pouco, deixou de ser um território estranho. Seus corredores tornaram-se familiares, as salas ganharam nomes e memórias, e os professores deixaram de ser vozes distantes para se tornarem referências, provocações, espelhos. Havia algo de transformador na maneira como cada disciplina revelava novas formas de olhar o mundo. A arquitetura deixava de ser apenas técnica; tornava-se linguagem, gesto humano, resposta sensível ao tempo e às pessoas.

As noites de estudo continuavam intensas. Muitas vezes, a madrugada me encontrava inclinado sobre a prancheta, cercado de desenhos, livros e pensamentos em movimento.

Ainda assim, já não havia apenas esforço — havia pertencimento. Começava a reconhecer naquele caminho um lugar possível para mim.

Os trabalhos em grupo tornaram-se parte essencial dessa travessia. Entre reuniões improvisadas, discussões acaloradas e risos inesperados, aprendíamos a conviver, a ouvir, a construir juntos. Cada colega trazia consigo uma maneira singular de enxergar o mundo, e era justamente nesse encontro de diferenças que algo maior se formava. Havia cumplicidade, troca, amizade — e, naturalmente, os primeiros encantamentos que surgem quando juventude e sonho dividem o mesmo espaço.

Muitos desses encontros aconteciam em minha casa. A sala transformava-se em ateliê improvisado, a mesa em território de ideias, e a noite em tempo compartilhado. E ali estava sempre minha mãe, presença discreta e constante. Não interferia, mas cuidava. Um café deixado ao lado dos papéis, um prato colocado em silêncio, um olhar atento que dizia, sem palavras: siga em frente.

Foi nesse convívio entre estudo, afeto e descoberta que compreendi que a formação não se limitava ao diploma que um dia viria. Ela acontecia nos gestos cotidianos, nas conversas prolongadas, nos vínculos construídos em torno de uma mesa ou de uma prancheta. Aprendi que projetar não era apenas desenhar espaços, mas compreender pessoas — seus desejos, suas fragilidades, suas histórias.

Aos poucos, o jovem que apenas buscava sustento começou a reconhecer o próprio caminho. Entre o trabalho que garantia o presente e o estudo que desenhava o futuro, algo se consolidava: a certeza de que eu não estava apenas escolhendo uma profissão, mas definindo uma forma de estar no mundo.

Foi nesse ambiente de trocas constantes que algo se deslocou silenciosamente dentro de mim. Os debates, os projetos e as longas conversas foram ampliando não apenas meu repertório técnico, mas também meu lugar no olhar dos outros. Eu já não era apenas mais um estudante tentando acompanhar o ritmo; começava a ser visto, escutado, considerado.

Foi então que um professor se aproximou. Não o fez com solenidade, mas com a naturalidade de quem reconhece um caminho possível. Convidou-me para uma conversa reservada e falou sobre meu envolvimento, minha postura, a maneira como eu parecia compreender o espaço para além do desenho. Em seguida, lançou a pergunta que mudaria o curso da minha história: se eu aceitaria trabalhar com ele em uma fundação do Estado.

A proposta vinha acompanhada de algo raro — não apenas melhores condições financeiras, mas a possibilidade concreta de respiro para nossa casa. Eu e minha mãe dividíamos, há anos, o peso silencioso do orçamento familiar, aprendendo juntos a equilibrar necessidades e sonhos. Naquela noite, sentei-me com ela e contei tudo. Não apenas sobre o convite, mas sobre o que ele significava para mim, para nós. Ela ouviu em silêncio, como sempre fazia quando percebia que algo importante estava sendo dito. Havia preocupação em seus olhos, mas também orgulho. Falamos do medo da mudança, da responsabilidade que ela trazia, e da esperança de dias menos apertados. Quando terminou, segurou minha mão e, com a serenidade de quem sempre soube cuidar mesmo em

meio às dificuldades, disse que eu deveria seguir adiante. Que caminhos verdadeiros, quando se apresentam, não pedem permissão — pedem coragem.

Ainda assim, pedi tempo. Havia compromissos, havia lealdades, havia uma trajetória em construção. Levei a questão comigo naquela noite, sentindo o peso delicado de uma escolha que ultrapassava o imediato.

Na manhã seguinte, procurei o diretor da empresa onde trabalhava. Falei com franqueza sobre a proposta recebida. Ele me ouviu com atenção e, para minha surpresa, respondeu com generosidade: ofereceu equiparar o salário, reconhecendo meu empenho e dedicação. Aquela resposta, no entanto, não me confundiu — esclareceu. Percebi que minha decisão não se apoiava apenas em valores financeiros, mas em coerência com o caminho que eu vinha traçando.

Expliquei-lhe, então, que minha escolha era vocacional. Que desejava seguir adiante, aprofundar-me na área que havia escolhido, crescer a partir dos desafios que me eram propostos. Ele compreendeu. Pediu apenas que eu indicasse alguém de confiança para ocupar meu lugar.

Não hesitei. Indiquei meu irmão mais novo, certo de sua capacidade e de seu comprometimento. Assim, fechei um ciclo com responsabilidade e gratidão, entregando o que havia construído com o mesmo cuidado com que o recebera.

Ao final daquele período, compreendi que não se tratava apenas de uma mudança profissional. Era a consolidação de um caminho iniciado muito antes — entre pranchetas, livros, noites longas e sonhos insistentes. Um caminho que, finalmente, começava a ganhar forma, sentido e direção.

Capítulo 32 — O Natal que Chegou Depois

Era época de Natal de 1976, e eu havia recebido um presente que não vinha embrulhado em papel colorido nem trazia laço: um novo emprego. Com ele, vinham melhores condições financeiras e a promessa — ainda tímida — de crescimento profissional.

Mas o que desejo narrar não é exatamente sobre esse emprego. É sobre os pedidos de Natal dos meus irmãos mais jovens, José Carlos, o Zé, e a Simone. Meses antes, com a fé que só a infância sustenta, eles haviam escrito suas cartas ao Papai Noel. O pedido era claro, direto e impossível: duas bicicletas.

Impossível para mim e impossível para Inahzinha, nossa mãe. Ela sempre soube fazer contas com a precisão de quem administra escassez: nada sobrava, tudo tinha destino. Nossos salários mal davam conta das necessidades básicas da casa, e ainda assim ela conseguia que nada faltasse do essencial — comida simples, roupa limpa, dignidade preservada.

O Natal chegou, os presentes não. As bicicletas não estavam ali. Coube a ela dizer. Não com dureza, mas com a serenidade de quem aprende cedo que frustrações também educam. Explicou que aqueles pedidos só poderiam ser atendidos no próximo Natal. Houve silêncio, olhos baixos, um desconforto contido. Ela permaneceu ali, inteira, acolhendo a decepção sem permitir que ela se transformasse em ressentimento.

O novo emprego começou apenas no final de dezembro, o que significava que eu não receberia salário algum que permitisse mudar aquela realidade naquele momento. Minha mãe entendeu antes mesmo que eu explicasse. Ela tinha esse dom: compreender sem exigir explicações.

Janeiro passou. E quando chegou o final do mês, o salário veio gordo — praticamente o dobro do que eu ganhava antes. A primeira coisa que me ocorreu não foi comprar algo para mim. Foi sentar com ela, à mesa da cozinha, e dizer que agora era possível atender aos pedidos das cartinhas. Não faria falta para os compromissos da casa nem para a família.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos. Não era surpresa, era cuidado. Então, com a voz embargada, perguntou:

— E você… o que vai receber de presente?

Naquela pergunta estava tudo: a mãe que protege, a mulher que renuncia, a guardiã de um equilíbrio frágil que nunca podia ruir.

Respondi sem pensar muito:

— O meu presente eu já recebi. Agora é hora de atender as cartinhas. Aquilo que parecia impossível.

As bicicletas não chegaram envoltas em festa nem em manhã especial. Chegaram num dia comum, desses em que o sol parece apenas cumprir tabela. Talvez por isso tenham sido ainda mais verdadeiras.

Minha mãe fez questão de participar de tudo. Foi comigo até a loja, observou com atenção, tocou o guidão, perguntou sobre tamanho, resistência, durabilidade — como se escolhesse algo que precisaria resistir não só ao uso, mas ao

tempo. Havia nos olhos dela uma alegria contida, quase vigiada, como quem aprende a comemorar sem alarde.

Quando as bicicletas entraram em casa, foi ela quem primeiro percebeu a suspensão do tempo. José Carlos parou no meio da sala, olhou, piscou, olhou de novo. Simone veio logo atrás, prendendo o ar no peito, temendo que aquilo fosse apenas imaginação.

Não houve gritos. Houve espanto. Um espanto manso, respeitoso — do jeito que ela havia ensinado a ser.

Minha mãe observava tudo à distância curta, braços cruzados, postura firme, olhos marejados. Não precisou dizer nada. Ela sabia — e eu também — que ali não se entregavam apenas duas bicicletas. Entregava-se uma lição silenciosa: a de que esperar valia a pena; a de que promessas adiadas não são promessas quebradas; a de que o amor verdadeiro às vezes chega atrasado porque precisou sustentar a casa antes.

Naquele dia, entendi que muito do que eu viria a ser tinha nascido ali, sob o olhar atento de uma mulher que jamais se

colocou no centro, mas sempre foi o eixo. A que segurava tudo sem pedir reconhecimento.

E, curiosamente, não senti falta de nada.

Porque naquele fim de janeiro, ao ver meus irmãos pedalando pela rua, compreendi que o meu presente — aquele recebido em silêncio semanas antes — carregava o rosto, o gesto e o ensinamento da minha mãe.

Capítulo 33 — Quando o Acaso Virou Projeto de Vida

O encerramento da minha vida de estudante não aconteceu de forma brusca ou solene. Não houve um dia exato em que eu pudesse dizer: *a partir de agora, tudo muda*. A mudança foi acontecendo aos poucos, quase em silêncio, à medida que novas responsabilidades passaram a ocupar o espaço antes reservado aos estudos, às conversas longas e aos projetos ainda indefinidos.

Eu ainda cursava a faculdade quando surgiu o novo emprego — não apenas como uma oportunidade profissional, mas como uma promessa concreta de estabilidade. Pela primeira vez, o trabalho deixava de ser apenas um meio e passava a ser um caminho. O salário trazia segurança, mas, mais do que isso, trazia a sensação de chão firme, de pertencimento a uma rotina que exigia compromisso, postura e constância.

Foi nesse ambiente profissional que conheci Maria Inês, engenheira civil, colega de trabalho, dona de uma presença serena e de um olhar atento. Nosso encontro não teve nada

de ensaiado ou romântico. Aconteceu como tantas coisas importantes na vida: por acaso.

Ao final do expediente, enquanto muitos já se despediam, eu costumava permanecer na minha sala, preparando projetos para apresentar à noite na faculdade. Em um dos finais dessas tardes, Inês passou em frente à sala, observou-me na elaboração dos meus desenhos por alguns instantes e fez uma pergunta simples, quase despretensiosa:

— *Tu sabes desenhar projeto estrutural?*

Em referência à sua indagação, ela me contou que estava elaborando um projeto para a construção de uma residência, mas não dispunha de alguém que fizesse os desenhos técnicos. Perguntou se eu poderia ajudá-la e mencionou, com naturalidade, que poderia pagar pelo trabalho. Sem hesitar, aceitei. O que começou como uma colaboração profissional logo se transformou em conversas mais longas, afinidades silenciosas e uma proximidade que crescia sem alarde.

Aos poucos, os traços técnicos deram lugar ao afeto. O respeito profissional se misturou à admiração pessoal, e aquele vínculo construído entre pranchetas, cálculos e prazos se transformaria em amor. Um amor tranquilo, sólido, feito de diálogo e parceria.

Casamo-nos em pouco tempo. E, antes mesmo da minha formatura, a vida tratou de se adiantar mais uma vez. Em novembro de 1979, no mês anterior de eu receber o diploma de arquiteto e urbanista, nasceu nosso primogênito, Marcos. A coincidência nunca me pareceu banal: enquanto eu encerrava um ciclo acadêmico, iniciava outro infinitamente mais profundo — o de ser pai.

Alguns anos depois, em 1984, nasceu Pedro, nosso filho caçula, completando a família que havia começado a se formar quase sem que eu percebesse. Dois filhos, dois amores imensos, dois novos sentidos para tudo aquilo que eu fazia e planejava.

Foi também nesse período que o trabalho começou a devolver, de forma concreta, o empenho e a dedicação investidos. Uma promoção profissional, acompanhada de

um valor significativo, nos permitiu conquistar nosso primeiro apartamento. Não era apenas um imóvel: era o nosso lar. Um espaço construído com esforços, escolhas conscientes e a esperança silenciosa de quem acredita no futuro.

Aquele apartamento simbolizava estabilidade, segurança e pertencimento. Ali vivemos intensamente os primeiros anos da vida em família, entre noites mal dormidas, risadas infantis, planos feitos à mesa e sonhos compartilhados em voz baixa.

Com o passar do tempo, porém, os filhos cresceram — e, com eles, cresceram também as necessidades. O apartamento que um dia representara conquista começava a revelar seus limites. Já não comportava, com a mesma generosidade, os movimentos de uma família em expansão.

Foi durante um almoço, em meio a uma conversa despretensiosa, que os filhos expressaram um desejo sincero: gostariam de morar em uma casa. Um lugar onde cada um tivesse seu próprio dormitório, mais espaço para estudar, receber amigos e construir sua individualidade. Não

era apenas um pedido por mais espaço físico, mas por autonomia, convivência e liberdade.

A decisão não foi simples. Estávamos estruturados, com a vida estabilizada e organizada. Mudar significava enfrentar riscos, sair da zona de conforto e recomeçar. Mas, após muitas conversas, reflexões e silêncios compartilhados, eu e Inês decidimos aceitar o desafio.

O plano era ousado e claro: vender o apartamento, comprar um terreno, elaborar o projeto e construir a casa — tudo dentro de um prazo máximo de dez meses, determinado pelo comprador do imóvel.

E então aconteceu algo que até hoje me parece quase mágico. Quando se pensa de forma positiva e se age com convicção, parece que o universo conspira a favor. Em apenas um mês, o apartamento foi vendido dentro das regras estabelecidas pela família ao comprador. Logo depois, o terreno já estava adquirido e o projeto elaborado em tempo recorde. A construção avançou com uma fluidez surpreendente e, exatamente dentro do prazo estipulado, a casa estava pronta.

Cada etapa foi vivida com intensidade e algumas surpresas. Não se tratava apenas de erguer paredes, mas de materializar um novo capítulo da nossa história. Quando finalmente deixamos o apartamento, não houve arrependimento — apenas a certeza de que estávamos fazendo o que precisava ser feito.

Hoje, ao revisitar esse período, compreendo que a vida se organiza como um bom projeto: exige planejamento, coragem, flexibilidade e, sobretudo, disposição para mudar quando o espaço já não comporta aquilo que nos tornamos.

Nada foi por acaso. Ou talvez tudo tenha sido — mas de um acaso generoso, que soube desenhar o futuro com linhas firmes, afetos profundos e bases sólidas.

Capítulo 34 — Da Construção ao Habitar

Memória da primeira ocupação, do silêncio noturno e do tempo necessário para que uma casa se tornasse lar.

A mudança para a casa nova aconteceu em agosto de 1991. Não foi um acontecimento solene, nem definitivo à primeira vista. Foi, antes, um gesto cauteloso — como quem atravessa um limiar sem saber exatamente o que encontrará do outro lado. Entramos na casa devagar, levando apenas o essencial, como se ainda pedíssemos licença aos espaços.

Do apartamento vieram os móveis da sala e da cozinha, as camas, a mesa de jantar, os eletrodomésticos e as roupas. Apenas isso. Tudo o que antes preenchia cem metros quadrados agora se espalhava, tímido, por uma casa de quatrocentos e quarenta. O vazio era visível, quase palpável. Os ambientes amplos pareciam esperar por nós, como páginas ainda em branco.

Ali começou um novo tipo de desafio. Não bastava morar — era preciso **habitar**. Dar sentido aos espaços, distribuir a vida, escolher com cuidado o que entraria e quando entraria.

A casa estava pronta, mas o lar ainda precisava amadurecer. O tempo, mais uma vez, seria o principal construtor.

A primeira noite foi estranha. Havia um silêncio diferente, profundo, denso, interrompido apenas por sons que não reconhecíamos. Estávamos habituados ao abrigo do apartamento, à proximidade dos vizinhos, à presença invisível da zeladoria. Agora, na casa, a vigília nos pertencia. Cada ruído parecia um chamado à atenção.

Quase não dormi. O piso de madeira, recém-instalado — cerca de setenta metros quadrados entre salas e escadarias — reagia às variações do clima e ao próprio assentamento. As tábuas rangiam, estalavam, ajustavam-se ao seu novo destino. Para mim, soavam como passos. Passos que percorriam corredores ainda vazios, amplificados pela ausência de móveis, ecoando como se a casa estivesse testando a própria voz.

Naquela noite, compreendi que as casas também falam. E que, no início, é preciso aprender a escutá-las.

Com o passar dos dias, os sons foram se tornando familiares. À medida que os móveis chegavam, que quadros encontravam paredes, que cortinas filtravam a luz e o ruído, o eco foi cedendo lugar ao aconchego. A casa começou a se aquietar — ou talvez fôssemos nós que estávamos aprendendo a pertencer a ela.

Foi nesse tempo de adaptação que chegou Walker, o filhote de pastor alemão prometido aos filhos quando ocupássemos o novo lar. Veio com três meses de idade, já iniciando seu adestramento, trazendo consigo um tipo diferente de presença: viva, vigilante, afetuosa. Onde antes havia silêncio excessivo, ele introduziu movimento; onde havia vazio, trouxe companhia.

Walker escolheu Marcos como seu tutor quase imediatamente, mas Pedro não demorou a ocupar esse lugar sempre que o irmão se ausentava. O cão percorreu a casa como se ajudasse a preenchê-la, reconhecendo territórios, guardando limites, costurando os espaços com sua fidelidade silenciosa.

Os anos passaram. A casa deixou de parecer grande demais. Cada ambiente encontrou sua razão de ser. Os filhos cresceram, ocuparam seus quartos, criaram rotinas, sonhos e projetos próprios. Nós, como casal, também amadurecemos ali, entendendo que um lar não nasce no dia da mudança, mas se constrói lentamente, na repetição dos gestos, na convivência, no tempo compartilhado.

Hoje sei que aquela casa precisou de nós tanto quanto nós precisávamos dela. Tivemos de aprender a habitá-la, assim como ela precisou aprender a nos acolher. Foi um processo lento, feito de escuta, paciência e permanência.

E assim, entre rangidos noturnos, espaços vazios que aos poucos se preencheram, móveis escolhidos com cuidado e a presença fiel de um cão, a casa ganhou alma. Tornou-se parte da família.
E nós, finalmente, passamos a chamá-la de lar.

Capítulo 35 — A Casa em Plena Vida

Memória do tempo em que os espaços se encheram de vozes, conflitos, afetos e sonhos em movimento.

Com o passar dos anos, a casa deixou de ser apenas abrigo para se tornar palco. Já não havia silêncio excessivo nem vazios constrangedores. Havia vida — intensa, múltipla, às vezes caótica — ocupando cada ambiente com naturalidade. A casa respirava conosco.

Os filhos entraram na adolescência, essa fase em que o corpo cresce mais rápido do que as certezas e o mundo parece grande demais para caber dentro do quarto. Os corredores passaram a ouvir passos apressados, portas fechadas com mais força do que o necessário, risadas repentinas e longos silêncios carregados de pensamento. Cada quarto tornou-se território, refúgio, laboratório de identidade.

A sala ganhou novas funções. Ora era ponto de encontro, ora palco improvisado para conversas intermináveis, músicas altas, risadas que atravessavam a noite. Amigos

chegavam sem cerimônia, sentiam-se à vontade, ocupavam sofás, espalhavam-se pelo chão. A casa, generosa, acolhia a todos como se reconhecesse a importância daquele tempo — o tempo de descobrir o mundo com os pares.

Houve festas. Algumas planejadas, outras quase espontâneas. O som preenchia os espaços, as vozes se misturavam, a alegria tomava conta do ambiente. A casa vibrava. Não havia medo do excesso — havia compreensão de que aquilo também era crescimento. Cada encontro deixava marcas invisíveis: lembranças, cumplicidades, histórias que seriam revisitadas anos depois com um sorriso discreto.

Mas nem tudo era leveza. Houve conflitos. Divergências próprias de quem aprende a se posicionar. Discussões à mesa, discordâncias sobre horários, escolhas, caminhos. A casa testemunhou embates e reconciliações, palavras ditas no calor do momento e silêncios que pediam tempo. Ainda assim, nunca deixou de ser chão firme. Mesmo nos dias difíceis, ela sustentava.

Walker, já adulto, acompanhava tudo com sua presença vigilante. Circulava pela casa como um guardião atento, participava das rotinas, deitava-se perto de quem precisava de companhia. Tornou-se parte da paisagem afetiva, um elo silencioso entre todos nós.

Para nós, como casal, aquele período foi também de reinvenção. Aprendemos a soltar aos poucos, a confiar, a observar de longe sem perder o vínculo. Os sonhos passaram a incluir não apenas o que desejávamos para nós, mas o que imaginávamos para eles. A casa nos ensinava diariamente sobre convivência, paciência e escuta.

Com o tempo, percebemos que cada espaço guardava uma história. A mesa de jantar acumulava conversas importantes. A sala carregava ecos de risadas e músicas. Os quartos continham segredos, descobertas e planos. Nada ali era neutro. Tudo estava impregnado de vida.

Hoje, ao revisitar esse período, compreendo que a casa cumpriu plenamente seu papel. Ela foi abrigo, escola, palco e testemunha. Acolheu a infância tardia, a adolescência intensa e os primeiros passos rumo à autonomia. Foi cenário

de encontros e despedidas sutis, de conflitos necessários e sonhos em construção.

A casa estava viva — não porque era grande, mas porque foi habitada por inteiro. E nós, sem perceber, também crescíamos com ela, aprendendo que um lar não é feito apenas de paredes e telhado, mas da coragem de permitir que a vida aconteça dentro dele.

Capítulo 36 — Quando o Amor Mudou de Forma

Memória de uma separação sem ruídos, do fim de um casal e da permanência da família

Cinco anos após a construção da casa, a vida nos conduziu a uma decisão silenciosa e consciente. Não houve um acontecimento único, nem um gesto definitivo que pudesse ser apontado como causa. O que houve foi o desgaste natural de uma história que já havia cumprido seu ciclo como união entre homem e mulher.

A decisão de nos separar nasceu do diálogo. Longas conversas, feitas com respeito, lucidez e verdade. Não havia ressentimento, tampouco conflito. Havia, acima de tudo, a compreensão de que insistir na forma antiga do amor seria desrespeitar tudo o que havíamos construído juntos.

Falamos com os filhos. Com cuidado. Com honestidade. Explicamos que algumas histórias não terminam — apenas se transformam. Que deixávamos de ser casal, mas não deixávamos de ser pai e mãe. E, sobretudo, não deixávamos

de ser família. Aquela base permaneceria intacta, ainda que o desenho da convivência precisasse mudar.

A separação foi consensual. Serena. Sem disputas. Também foi decidido, de comum acordo, que não haveria partilha de bens. Tudo o que até então havia sido construído — a casa, os projetos, os esforços acumulados — permaneceria como patrimônio destinado ao futuro dos filhos. Não como renúncia, mas como escolha consciente. Um gesto de continuidade.

A separação tampouco rompeu aquilo que, com o tempo, havia se tornado essencial: a amizade. Marco e Inês seguiram ligados por um vínculo construído na confiança, no respeito e na história compartilhada. Uma amizade despojada de expectativas de retorno, sem qualquer pretensão de reatamento, sustentada apenas pela maturidade de quem compreendeu que algumas relações mudam de lugar, mas não precisam ser descartadas. Essa permanência não era contradição — era consequência natural de um encerramento bem feito.

Nos dias que se seguiram à decisão, a vida precisou ser reaprendida nos detalhes. Novos horários, novos silêncios, novas formas de ocupar os mesmos espaços. Nada parecia estranho, mas tudo era diferente. A ausência não era de presença física, mas de um papel que já não existia. Ainda assim, havia uma tranquilidade rara: a de saber que não estávamos fugindo, apenas seguindo adiante com honestidade.

A casa, mais uma vez, foi testemunha. Não de brigas, mas de encerramentos feitos com dignidade. Ela acolheu conversas difíceis, silêncios longos, olhares que diziam mais do que palavras. Continuou de pé, firme, como se soubesse que sua função maior sempre fora abrigar a família — independentemente da forma que ela assumisse.

Houve dor, sim. Toda despedida carrega um luto discreto. Mas não houve ruído. O que se rompeu foi apenas a expectativa de permanência do casal. O respeito, a parceria na criação dos filhos e a consciência do que éramos uns para os outros permaneceram.

Com o tempo, compreendi que maturidade também é saber encerrar ciclos sem destruir pontes. Que amor não se mede apenas pela permanência conjugal, mas pela capacidade de preservar o que realmente importa. E que família é aquilo que resiste quando as estruturas formais se desfazem.

Seguimos adiante. Diferentes como casal. Unidos como pais. Inteiros como família.

E a casa — sempre ela — continuou sendo o lugar onde tudo fazia sentido. Não porque guardava um casal, mas porque sustentava uma história construída com responsabilidade, afeto e escolhas conscientes. Uma história que, mesmo transformada, permanecia viva.

Capítulo 37 – O Peso das Escolhas

Era 1998, e apesar de já estar profissionalmente estabilizado, algo dentro de mim insistia em não se acomodar. Eu tinha 46 anos, uma idade que, para muitos, convida à segurança e à permanência no conhecido, mas que para mim se mostrava especialmente propícia aos desafios. Havia uma inquietação constante, quase silenciosa, que me empurrava a buscar novos caminhos. Deixar o setor público e retornar à iniciativa privada não foi apenas uma decisão racional; foi também um ato de coragem, acompanhado de incertezas.

Pelotas representou um desses recomeços. Como consultor em uma empresa de transporte de passageiros, mergulhei de corpo e alma na reformulação operacional. Foram quase três anos de entrega intensa em noites longas, decisões difíceis e a responsabilidade de saber que cada ajuste impactava diretamente a vida de pessoas. Os resultados surgiam, mas, junto deles, crescia a sensação de que aquele ciclo, em algum momento, se encerraria.

O retorno a Porto Alegre trouxe o conforto do conhecido, mas não a tranquilidade. O convite para atuar em Viamão reacendeu minha motivação. Desde o início, percebi que havia espaço para contribuir de forma concreta, e isso me envolveu profundamente. Ver as metas sendo atingidas e a confiança depositada em meu trabalho gerava um sentimento raro de pertencimento.

Quando, em 2001, recebi a proposta para assumir um cargo diretivo em São Leopoldo, fui tomado por sentimentos contraditórios. A empolgação pela possibilidade de independência financeira vinha acompanhada do peso da escolha. Aos 46 anos, eu sabia que decisões desse porte não eram impulsivas: carregavam consigo história, responsabilidade e consequências duradouras.

Comunicar à direção da empresa em Viamão a possibilidade de encerrar o contrato foi um dos momentos mais delicados da minha trajetória profissional. Havia receio, respeito e até uma pontada de culpa. A reação do diretor, ao pedir que eu aguardasse e não tomasse nenhuma decisão precipitada, trouxe alívio, mas também ampliou a responsabilidade. Pela

primeira vez, senti que minha presença era, de fato, indispensável.

Na reunião com a diretoria geral, ao expor a proposta recebida, fiz questão de agir com total transparência. Não buscava leilões nem disputas, apenas coerência com minha trajetória. Quando me ofereceram o cargo de assessor de diretoria, senti algo que ultrapassava a lógica profissional: era reconhecimento, confiança e pertencimento.

Aceitar permanecer foi uma decisão que uniu razão e emoção. Eu já conhecia profundamente a organização, seus desafios e o compromisso com a cidade onde atuávamos. Havia ali uma missão que eu ainda desejava cumprir.

Os dez anos que se seguiram foram marcados por aprendizado, resultados consistentes e amadurecimento pessoal. A estabilidade conquistada refletiu também na minha vida fora do trabalho.

Nesse período, adquiri a casa que, aos poucos, se transformou em extensão de mim mesmo — um lugar modelado pelo meu gosto e em sintonia com a natureza ao

seu redor. Jardins, árvores, passarinhos e pequenos animais silvestres tornaram-se companhia diária. Ali, cada manhã era um despertar suave, um convite a respirar, observar e criar.

O silêncio acolhia.

O verde inspirava.

O tempo parecia se estender, e minhas ideias floresciam.

A casa deixou de ser apenas abrigo. Tornou-se porto seguro, refúgio da alma, terreno fértil para minhas inspirações. Ali, trabalho, sentimentos e vida interior se entrelaçavam em equilíbrio.

Em meio à luz, aos aromas e ao canto das aves, percebi: avançar, mesmo na idade em que muitos buscam apenas segurança, pode ser também um gesto de coragem — e de poesia.

Capítulo 38 – Quando o silêncio começa a falar

A estabilidade alcançada ao longo daqueles anos trouxe conforto, reconhecimento e segurança. Profissionalmente, eu estava em um lugar que muitos considerariam definitivo. As decisões eram respeitadas, os resultados consistentes, e minha trajetória dentro da organização já fazia parte da sua própria história. Externamente, tudo parecia em ordem.

Mas havia o silêncio.

Um silêncio que não incomodava no início, apenas se fazia presente. Ele surgia nos intervalos, nos finais de tarde, nos momentos em que o barulho das responsabilidades cessava. A casa, cercada por árvores, pássaros e natureza, oferecia paz — mas também espaço para pensar. E pensar, às vezes, é perigoso para quem já percorreu longos caminhos.

Com o passar do tempo, comecei a perceber que os desafios, antes tão estimulantes, tornavam-se previsíveis. Não menos importantes, mas conhecidos. Eu sabia como resolver, como conduzir, como antecipar. A experiência, que sempre foi minha aliada, começava a reduzir o inesperado. E foi então

que compreendi: não era cansaço, era maturidade pedindo novos sentidos.

Aos poucos, perguntas passaram a me acompanhar. Não eram urgentes, mas persistentes. Até quando? Para onde mais posso ir? O que ainda faz sentido construir? Não se tratava de insatisfação, mas de consciência. A mesma consciência que, anos antes, havia me feito mudar de rumo aos 46 anos agora voltava, mais calma, porém mais profunda.

Eu sabia que mudanças nem sempre chegam como rupturas. Às vezes, elas se anunciam como um desconforto leve, quase imperceptível, mas constante. E aprendi, ao longo da vida, que ignorar esses sinais costuma cobrar um preço alto.

Foi nesse período que comecei a olhar para além do cargo, do reconhecimento e da rotina. Passei a observar mais as pessoas, as relações, o tempo. Entendi que a verdadeira estabilidade não está apenas no que se constrói fora, mas na capacidade de continuar se reinventando por dentro.

Sem pressa, sem decisões abruptas, algo começou a se mover novamente. Ainda sem forma, sem nome — mas vivo.

INTERLÚDIO II

O Que Permanece

Durante muitos anos, a vida pareceu seguir o ritmo das construções.

Construí conhecimento, profissão, amizades, relações e projetos. Construí casas, caminhos e responsabilidades. Como tantas pessoas, passei boa parte da existência olhando para frente, movido pela certeza de que havia sempre algo a realizar, algo a conquistar, algo a transformar.

E houve beleza nessa caminhada.

Mas chega um momento em que a estrada muda de paisagem.

Não porque os sonhos terminem, mas porque aprendemos a olhar para eles de outra maneira.

Com o tempo, compreendi que algumas das maiores conquistas da vida não são aquelas que acumulamos, mas aquelas que permanecem quando o tempo passa.

Permanecem os afetos.

Permanecem os ensinamentos recebidos.

Permanecem as amizades verdadeiras.

Permanecem os filhos, os netos, as histórias compartilhadas e as pessoas que ajudaram a moldar quem nos tornamos.

Foi nessa fase da vida que comecei a perceber algo curioso: aquilo que durante muitos anos considerei chegada era, na verdade, apenas mais uma passagem.

A vida continuava me convidando a aprender.

Mas agora as lições vinham em outro idioma.

Vinham através da companhia serena de quem escolhe caminhar ao nosso lado.

Vinham nos encontros familiares que atravessam gerações.

Vinham na contemplação silenciosa de uma casa, de um jardim, de uma lembrança.

Vinham na compreensão de que certos amores não terminam, apenas encontram novas formas de permanecer.

Sem perceber, deixei de medir a vida pelas metas alcançadas e passei a reconhecê-la pelos significados construídos.

A estrada seguia adiante.

Mas agora eu caminhava com outro olhar.

Um olhar capaz de reconhecer que o mais importante não era aquilo que eu havia conquistado ao longo do caminho.

Era aquilo que o caminho havia deixado em mim.

E foi assim que comecei a compreender o verdadeiro valor do que permanece.

Sem promessas grandiosas.

Apenas como a chegada serena de um novo tempo.

O tempo de reencontrar o amor, de redescobrir a companhia, de valorizar os afetos que resistiram à passagem dos anos e de compreender que as maiores riquezas da vida não são aquelas que construímos para possuir, mas aquelas que construímos para compartilhar.

A estrada continuava.

Mas agora conduzia menos às conquistas e mais aos significados.

"E foi por ela que segui caminhando".

Parte IV — As Colheitas da Estrada

Capítulo 39 – Quando o Amor Chega Sem Avisar

Naquele período da minha trajetória, eu era um homem separado, mas nunca ausente. Mantinha minha responsabilidade com a família, com os filhos, com os compromissos que a vida adulta exige. Havia em mim um senso claro de dever — e também de limites. A vida seguia estruturada, previsível, equilibrada.

Foi então que o inesperado encontrou espaço.

Nunca fui homem da noite. Tampouco boêmio. Ainda assim, mantinha contato com amigos — e foi em um desses encontros que surgiu um convite para um jantar dançante. Hesitei por instantes. Aquilo não fazia parte da minha rotina. Mas algo dentro de mim respondeu com serenidade: por que não?

Aceitei.

No local, entre cumprimentos e apresentações, não percebi nada além do ambiente festivo. Foi meu amigo quem chamou minha atenção para um olhar que se repetia em

minha direção. Procurei discretamente — e então vi. Havia ali um convite silencioso.

Tomei coragem. Aproximei-me. Convidei-a para dançar.

Ela aceitou de imediato.

Meu coração pulsou de maneira diferente. Não era ansiedade juvenil, mas uma emoção serena, difícil de nomear. A conversa fluiu com naturalidade. A dança tornou-se cumplicidade. E, naquela noite simples, iniciava-se uma história que marcaria onze anos da minha vida.

Ela era uma mulher madura, inteligente, íntegra. Mãe de duas filhas com idades semelhantes às dos meus filhos. Carregava firmeza e doçura na medida exata.

Com o tempo, nossa relação deixou de ser apenas encontros e tornou-se construção — no sentido mais literal e simbólico da palavra.

Ela havia adquirido um apartamento que desejava transformar em seu porto seguro, um espaço que representasse estabilidade e acolhimento para ela e suas

filhas. Como tantas vezes ocorrera em minha trajetória, vi-me novamente envolvido na elaboração de um projeto — não apenas técnico, mas afetivo.

Participei da concepção da reforma, do desenho dos ambientes, das escolhas que refletiam sonhos antigos. Cada parede ajustada, cada ambiente redesenhado carregava intenção. Não era apenas uma obra; era a materialização de um recomeço.

Acompanhei de perto a construção, sugeri soluções, organizei etapas. Ao ajudar a construir o refúgio dela e das filhas, reafirmava também minha própria essência: a de alguém que estrutura, que ampara, que transforma planos em realidade.

Mas o que mais me marcou não foram apenas as paredes erguidas — e sim o que se edificava entre nós.

Amar aos quarenta e tantos anos é diferente. Não há promessas impensadas nem ilusões juvenis. Há consciência. Tanto eu quanto ela já trazíamos histórias escritas,

aprendizados acumulados, cicatrizes que nos ensinaram prudência.

Talvez por isso o amor tenha crescido sem pressa.

Não buscávamos preencher vazios; queríamos compartilhar inteiros. Cada encontro era escolha, não necessidade. Cada gesto era intencional, não impulsivo.

Aprendi que o amor maduro não se impõe; ele se constrói. Não exige; dialoga. Não aprisiona; respeita.

Havia filhos, responsabilidades, passados que não se apagavam — e nem precisavam ser apagados. Nosso vínculo não veio substituir nada; veio somar.

Descobri que, nessa estação da vida, amar é também compreender limites. É saber que o outro caminha ao lado por decisão, não por dependência.

Vivemos onze anos assim. Sem alardes. Sem promessas grandiosas. Mas com verdade.

Hoje entendo que o amor, quando chega à maturidade, traz serenidade. Ele não é tempestade; é maré constante. Não é chama que consome; é brasa que aquece.

E foi nesse calor tranquilo que construímos nossa história — feita de presença, parceria e respeito.

Entre tantas memórias desses anos, uma permanece especialmente viva: os momentos na praia de Imbé, onde a paisagem pareceu traduzir, em silêncio, tudo o que vivíamos.

Mas essa lembrança merece seu próprio capítulo.

Capítulo 40 — O Cantinho do Imbé

Onde a Vida Aprendeu a Habitar

As vivências narradas no capítulo anterior não permaneceram apenas no campo das relações e dos sentimentos. Elas também encontraram expressão concreta nos lugares que passamos a habitar e transformar. Em certos momentos da vida, os espaços deixam de ser apenas cenário e passam a participar da própria história que se constrói. Foi assim que nasceu, para mim, uma memória muito especial: a construção afetiva de um pequeno refúgio à beira-mar.

Essa memória torna-se marcante porque se entrelaça diretamente com aquela fase da vida e com os vínculos que ali se fortaleciam. Foi nesse contexto que ganhou forma um espaço que ajudei a recuperar e que passei a chamar de "O Cantinho do Imbé".

Não era apenas um lugar à beira-mar; era um pequeno mundo construído por várias mãos — inclusive as minhas — onde cada detalhe nascia do cuidado, da convivência e da vontade compartilhada de transformar o espaço em abrigo.

Ali, nada era apressado. Tudo acontecia no tempo exato do afeto.

Recordo-me com nitidez das idas para escolher as mudas das plantinhas, selecionadas uma a uma, como quem escolhe sonhos para plantar. Depois vinha o trabalho paciente de acomodá-las ao redor dos caminhos de brita cor-de-rosa, delicadamente contornados por seixos rolados, desenhando trilhas que pareciam conduzir não apenas pelo jardim, mas também pela própria memória.

Foi também ali que, mais uma vez, meu olhar de arquiteto encontrou espaço para se manifestar. Não de forma impositiva ou técnica, mas como parte natural do processo de cuidar do lugar. Pensar os caminhos, organizar os espaços, imaginar pequenas transformações — tudo acontecia de maneira orgânica, quase intuitiva, como se o próprio ambiente sugerisse suas possibilidades. Projetar, naquele contexto, era sobretudo um gesto de afeto.

Ao cair da tarde, regávamos as plantas com uma atenção quase reverente, observando cada folha, cada sinal de vida.

Havia naquele gesto uma calma profunda, como se o tempo, naquele lugar, aprendesse a caminhar mais devagar.

E então havia a casa — nascida de uma antiga garagem, transformada pouco a pouco em um abrigo seguro, simples e acolhedor. Aquele espaço, reinventado com dedicação, tornou-se o pequeno cais: um lugar de chegada e permanência, onde as temporadas em família encontravam abrigo, onde amigos se reuniam e o convívio ganhava forma. Não era apenas uma construção; era refúgio, porto e lar.

Ao lado, a churrasqueira coberta completava o cenário. Seu telhado acolhedor e o balcão que a circundava tornaram-se ponto de encontro, palco de longas conversas, risadas soltas e partilhas sinceras. Ali, os encontros ganhavam corpo, as histórias se alongavam noite adentro, e o tempo parecia suspenso entre um gesto e outro.

E havia ainda o ritual do corte da grama com o Antoninho — sempre motivo de risos. Seus movimentos desordenados, a máquina teimosa, os caminhos tortos que depois exigiam

correção… tudo se transformava em alegria espontânea, dessas que não se planejam. O retrabalho vinha, é verdade, mas vinha leve, envolto pela cumplicidade de quem sabe que o verdadeiro valor está no tempo vivido juntos.

Assim, o Cantinho do Imbé foi se tornando mais do que um espaço recuperado. Tornou-se um território de memórias compartilhadas — um lugar onde o trabalho das mãos, o olhar da arquitetura e a convivência cotidiana se misturaram de forma tão natural que já não era mais possível separar construção e afeto. Ali compreendi, talvez com mais clareza do que nunca, que habitar um lugar é também deixar nele uma parte de si.

Com o passar do tempo, percebi que lugares como aquele não são apenas construídos — eles também nos constroem. Cada gesto de cuidado, cada pequeno arranjo no jardim, cada encontro ao redor da mesa ia tecendo algo maior do que o próprio espaço. O Cantinho do Imbé tornou-se, assim, mais do que um refúgio de temporadas: transformou-se em um capítulo silencioso da nossa história, daqueles que permanecem vivos não apenas na lembrança, mas na forma

como passamos a compreender o sentido de habitar, conviver e pertencer.

Capítulo 41 — Paternidade e o Privilégio do Tempo

Tornei-me pai ainda jovem. Tinha apenas 26 anos quando a vida me apresentou Marcos, meu primeiro filho. Alguns anos mais tarde, em 1984, aos 31 anos, chegou Pedro, trazendo consigo uma nova dimensão de alegria e responsabilidade. A decisão de formar família cedo foi tomada ao lado de Maria Inês, mãe dos meus filhos. Hoje, ao revisitar essas lembranças, tenho a certeza de que aquela escolha silenciosa moldou profundamente a minha vida — e também a deles.

Ser pai na juventude me concedeu um privilégio que nem todos recebem: o privilégio do tempo.

Tempo para acompanhar cada fase do crescimento de meus filhos. Tempo para caminhar ao lado deles desde os primeiros dias na escola até a chegada à universidade. Mas, sobretudo, tempo para compartilhar aquilo que realmente constrói os vínculos mais profundos da vida: as conversas sem pressa, as perguntas que surgem no meio do caminho, os conselhos oferecidos com carinho e, às vezes, as

repreensões necessárias que fazem parte do aprendizado de viver.

Vi meus filhos atravessarem a porta da vida adulta. Testemunhei seus primeiros amores, suas escolhas, seus caminhos. Com respeito e diálogo, aprendi também a aceitar que os sonhos de cada um podem levá-los para horizontes distantes. Assim foi quando decidiram viver no exterior, construir suas famílias e trilhar novas histórias em outras terras. A distância geográfica existe, é verdade, mas o afeto não conhece fronteiras — permanece vivo, firme e próximo dentro do coração.

Sinto orgulho ao reconhecer, nas trajetórias de Marcos e Pedro, homens conscientes, responsáveis e seguros de si. Acredito que nossas muitas conversas — e, quando necessário, as firmes orientações de pai — ajudaram a formar o caráter que hoje vejo refletido em suas vidas. Para um pai, poucas recompensas são maiores do que essa.

Com o passar dos anos, a vida ainda me reservou uma alegria especial: a de ser avô. Hoje, seis netos dão continuidade a essa história de afeto que atravessa gerações.

Marcos e Aline me presentearam com Maria Antônia, cujo nome carrega uma delicada homenagem — um encontro entre parte do meu nome e o da avó. Um gesto simples, mas profundamente simbólico, que me emociona sempre que o pronuncio.

Pedro e Luna escolheram a Austrália para escrever suas histórias de família. Foi lá que nasceu Kaio, o primeiro. Depois veio Flora, trazendo ainda mais cor à família. E, como se a vida quisesse multiplicar as alegrias, chegaram os netos gêmeos, Bruno e Ian, ampliando os laços de amor que nos unem, mesmo quando separados pela distância de um oceano.

Mais recentemente, Marcos, em seu segundo casamento, trouxe ao mundo o pequeno João Pedro, renovando em mim a emoção de ver a família crescer e florescer novamente.

A vida, no entanto, ainda tinha outras surpresas guardadas para mim.

Em minha maturidade, encontrei uma mulher especial, alguém que passou a caminhar ao meu lado em uma fase da

vida marcada pela consciência, pela serenidade e pela profundidade dos sentimentos. Com ela, novos afetos também se somaram à minha história. Seu filho e sua nora, que vivem na Alemanha, nos trouxeram a alegria da chegada do pequeno Miguel, mais um elo nessa grande corrente familiar que o tempo continua tecendo.

Essa mulher, que escolhi já na maturidade da vida, terá um capítulo próprio nestas memórias. Porque algumas histórias não chegam para substituir o passado — chegam para iluminá-lo, acrescentando novos sentidos ao caminho já percorrido.

E certas presenças merecem, naturalmente, um lugar especial na memória e no coração.

Capítulo 42 — O Lugar Que Tinha o Meu Jeito

Lá pelos idos de 2003, a vida parecia enfim desacelerar o próprio passo e encontrar algum equilíbrio. Eu já havia conquistado certa estabilidade material, mas ainda me faltava aquilo que nenhum conforto financeiro consegue oferecer por completo: um lugar onde a alma pudesse repousar. Naquele tempo, morava de favor na casa de minha irmã Simone, envolvido pelo afeto da família, mas carregando comigo um desejo silencioso — o de encontrar um espaço que tivesse a minha essência, um lugar onde eu pudesse finalmente pertencer.

Foi então que o destino, desses que chegam mansamente, sem anunciar a própria importância, cruzou meu caminho através de uma colega de trabalho. Ela insistiu para que eu conhecesse uma casa. E, quando paramos diante dela, pronunciou uma frase simples, mas que atravessaria os anos intactos dentro de mim:

— Esse lugar tem o teu jeito.

E tinha.

A casa ficava na cidade onde eu havia me estabelecido profissionalmente, dedicando-me à atividade na qual havia

encontrado minha vocação. Mas, mais do que uma construção, aquele lugar parecia respirar em harmonia com a natureza. Erguida em um terreno de esquina, a casa era abraçada por árvores antigas, sombras generosas e perfumes que mudavam conforme o tempo do dia.

Havia pitangueiras oferecendo frutos e lembranças, uma palmeira desenhando o céu com sua elegância silenciosa, bromélias escondidas entre o verde e jasmins que perfumavam as manhãs e os finais de tarde como se anunciassem serenidade.

As três laranjeiras floresciam cada uma em seu próprio tempo, espalhando pelo ar um perfume doce e inesquecível, desses que permanecem na memória muito depois de desaparecerem do vento. Mais adiante, nos meses frios do inverno, chegava a vez do pessegueiro. Suas flores suaves tingiam o quintal com delicadeza, como pequenos milagres brotando em silêncio.

Cada estação transformava aquele espaço de maneira única, como se o jardim possuísse alma própria e conversasse baixinho com quem estivesse disposto a escutá-lo.

O gramado amplo e vivo parecia convidar ao descanso da alma.

A casa possuía três dormitórios, uma sala de jantar onde os encontros ganhariam voz e memória, uma sala de estar aquecida pela lareira e uma varanda que, mais tarde, transformei em abrigo para o carro e também em extensão das celebrações da vida. Foi ali que nasceu a churrasqueira — testemunha silenciosa de risadas soltas, abraços demorados, conversas sem pressa e domingos compartilhados entre amigos e familiares.

Antes mesmo de ocupar definitivamente aquele espaço, senti necessidade de deixá-lo impregnado da minha identidade. Reformei os pisos, renovei as pinturas internas e externas e escolhi cada cor como quem escolhe emoções para morar nas paredes. Queria que tudo dialogasse com a paisagem ao redor, como se casa e natureza fossem partes de uma mesma canção silenciosa.

E, de algum modo, eram.

Foi ali também que vivi um dos gestos mais simbólicos da minha trajetória: plantei minhas primeiras Quaresmeiras — ou Tibouchinas, como também são conhecidas. Ainda hoje guardo a lembrança daquele instante simples e profundo, quando minhas mãos abriram espaço na terra sem imaginar

que, junto das árvores, eu também plantava raízes, pertencimento e futuro.

Com o passar do tempo, aquela casa deixou de ser apenas uma construção de tijolos, portas e janelas.

Tornou-se refúgio.

Tornou-se abrigo emocional.

Tornou-se extensão de mim.

Meu porto seguro.

Hoje, ao olhar para trás, compreendo que aquela casa me acolheu justamente num momento em que eu também precisava reconstruir a mim mesmo. Talvez por isso cada árvore, cada flor e cada canto daquele terreno tenham se transformado em parte viva da minha história.

As laranjeiras floresciam como quem anunciava esperança. Os jasmins perfumavam os finais de tarde com uma delicadeza impossível de esquecer. E o velho pessegueiro, em sua beleza breve e silenciosa, parecia ensinar que algumas das coisas mais bonitas da vida existem justamente porque passam.

Ali plantei minhas primeiras Quaresmeiras. E sem perceber, enquanto enterrava pequenas mudas na terra, eu também começava a criar raízes dentro de mim.

Com o tempo, compreendi que certas casas não servem apenas para nos proteger da chuva ou do frio.
Algumas possuem o raro dom de nos salvar por dentro.
E aquela casa, cercada de verde, perfumes e silêncio, salvou um pedaço de mim.

Capítulo 43 — O Presente dos Primeiros Passos

Quando completei 52 anos, já habitava meu abrigo de paz em Viamão. A casa, conquistada depois de tantos caminhos percorridos, havia se tornado mais do que paredes e telhado — era meu porto seguro, refúgio de meus filhos, ponto de encontro da família e lugar onde o tempo parecia repousar com serenidade.

Eu não queria deixar aquela data passar em silêncio. Uma trajetória de mais de meio século merecia ser lembrada e celebrada não pelo peso dos anos, mas pelas histórias que eles carregavam. Reuni então familiares e amigos mais próximos para partilhar comigo aquele momento tão simbólico.

Muito antes da casa, eu havia comprado um terreno no mesmo condomínio. Sonhava construir ali minha morada definitiva. Mas a vida, com seus desvios silenciosos, me conduziu a outro destino: adquiri a casa pronta, e o terreno permaneceu intacto, guardando um futuro que eu ainda desconhecia.

Naquele mesmo período, cerca de um ano antes, havia chegado ao mundo meu sobrinho Gustavo — o nosso querido Guga — filho caçula de meu irmão José Carlos e de minha cunhada Cristiane. Guga nasceu com síndrome de Down, mas desde o primeiro instante foi envolvido por uma corrente infinita de amor. Nunca lhe faltaram braços acolhedores, olhares de ternura e estímulos para florescer no seu próprio tempo.

E foi justamente no dia do meu aniversário que a vida resolveu escrever uma de suas mais belas coincidências.

Enquanto conversávamos na varanda da casa, entre risos e afetos, Guga surpreendeu a todos. Como quem anuncia silenciosamente uma nova etapa da existência, levantou-se e deu seus primeiros passos. Pequenos passos para o corpo de uma criança, mas imensos para o coração de toda a família.

Ainda hoje consigo recordar a emoção daquele instante. O tempo pareceu suspenso. Não houve presente maior naquele aniversário de cinquenta e dois anos. A vida, generosa e misteriosa, havia me ofertado um milagre simples: testemunhar o começo do caminhar de alguém tão amado.

Tomado pela emoção daquele momento, chamei meu irmão e minha cunhada para conversar em particular. Disse a eles que desejava entregar o terreno de presente à família. Queria ver Guga crescer com espaço para correr, brincar e descobrir o mundo. Desejava vê-los construindo ali não apenas uma casa, mas uma vida mais ampla, mais luminosa e cheia de possibilidades.

E assim foi feito.

Meu irmão vendeu o apartamento onde viviam e, pouco a pouco, sobre aquele chão antes silencioso, ergueu-se uma casa. Em menos de um ano, o terreno vazio transformou-se num verdadeiro castelo familiar — construído não apenas de concreto, mas de esperança, coragem e amor.

Hoje, passados vinte e dois anos daquele aniversário inesquecível, olho para trás com a serenidade de quem compreende os desígnios da vida.

Aquele menino de passos inseguros tornou-se homem.

O pequeno Guga, envolvido desde a infância por amor e incentivo, cresceu no seu próprio compasso — firme, sereno

e luminoso. Os passos vacilantes daquela varanda transformaram-se em caminhos concretos. Anos depois, formou-se como tecnólogo em Administração pelo Instituto Federal e passou a exercer uma função administrativa em um importante hospital de Porto Alegre.

E sempre que penso nisso, compreendo que alguns passos dados na infância continuam ecoando por toda a vida.

Hoje entendo, com a alma em paz, que existem presentes que não cabem em embrulhos nem se medem pelo valor das coisas. Alguns presentes assumem à forma de passos vacilantes sobre uma varanda — passos pequenos aos olhos do mundo, mas capazes de transformar para sempre a história de uma família inteira.

Tomado pela emoção daquele momento, chamei meu irmão e minha cunhada para conversarmos em particular.

Disse a eles que desejava entregar o terreno de presente para a família.

Queria ver Guga crescer com espaço para correr, brincar, cair e levantar tantas vezes quantas fossem necessárias.

Desejava vê-los construindo ali não apenas uma casa, mas um lar cheio de horizontes, liberdade, esperança e possibilidades.

E assim aconteceu.

Meu irmão vendeu o apartamento onde viviam e, pouco a pouco, sobre aquele chão antes vazio e silencioso, começou a erguer-se uma nova história.

Em menos de um ano, o terreno transformou-se em um verdadeiro castelo familiar — construído não apenas de concreto, tijolos e telhas, mas de coragem, união e amor.

Hoje, passados vinte e dois anos daquele aniversário inesquecível, olho para trás com a serenidade de quem aprendeu a compreender os delicados desenhos do destino.

Aquele menino de passos inseguros tornou-se homem.

O pequeno Guga, cercado de carinho e incentivo desde os primeiros dias de vida, cresceu, estudou, formou-se em Administração e hoje ocupa um cargo administrativo em um importante hospital de Porto Alegre.

E então compreendo, com a alma tranquila, que existem presentes que não cabem em embrulhos nem podem ser medidos pelo valor das coisas materiais.

Alguns presentes chegam de maneira silenciosa.

Assumem à forma de pequenos passos atravessando uma varanda.

E, sem que percebamos naquele instante, acabam transformando para sempre a história de uma família inteira.

Capítulo 44 — Cristiane: Amor e Presença

Naquela época, eu vivia sozinho em um condomínio de casas em um município lindeiro à capital. Já haviam passado dois anos desde o fim do meu último relacionamento. Embora nunca me faltassem amigos para conversas, jantares e risadas, existia um silêncio que apenas a companhia verdadeira consegue preencher.

Ao longo da vida, aprendi que as pessoas chegam até nós no momento certo. Nunca fui de procurar alguém desesperadamente; sempre acreditei que a vida, com sua sabedoria silenciosa, nos apresenta aquilo de que realmente precisamos quando estamos preparados para receber. E foi assim que Cristiane entrou na minha história — transformando meus dias com sua presença serena, seu cuidado constante e seu amor generoso.

Em uma dessas noites entre amigos, um companheiro de longa data perguntou se eu estava namorando. Respondi que não. Disse que estava vivendo um tempo de reflexão, tentando compreender melhor meus próprios caminhos. Foi

então que ele me falou algo que ficou gravado em minha memória:

— “O tempo passa rápido. Muitas vezes deixamos escapar a oportunidade de conviver com alguém que possa nos fazer bem e transformar nossa vida.”

Naquela mesma noite, ele me apresentou a um site de encontros. Instalou o aplicativo em meu celular e me ensinou, pacientemente, como iniciar conversas. Confesso que aquele universo me parecia estranho no início, quase distante da forma como eu enxergava os relacionamentos. Ainda assim, no começo de janeiro de 2011, decidi abrir espaço para o inesperado.

Entre tantas conversas, uma se destacou imediatamente: Cristiane.

Havia nela algo raro. Um jeito inteligente e sensível de se expressar. Respondia às minhas perguntas com interesse genuíno, leveza e profundidade ao mesmo tempo. Suas palavras transmitiam firmeza, mas também acolhimento. Era

como se, mesmo antes de nos conhecermos pessoalmente, já existisse entre nós uma sintonia silenciosa.

Naquele período, ambos estávamos de férias com nossas famílias. Cristiane viajou com sua mãe e seu filho para a serra gaúcha, enquanto eu fui com meu filho Marcos para Santa Catarina, onde ele realizava exames físicos para o concurso da Polícia Civil. Mesmo distantes, nossas conversas continuavam acontecendo naturalmente, como se o cotidiano insistisse em aproximar duas vidas que ainda nem haviam se encontrado.

Quando as férias terminaram e a rotina retomou seu ritmo habitual, aconteceu algo simples — mas decisivo. Em uma noite qualquer, vi Cristiane online e resolvi chamá-la para conversar. Ela respondeu imediatamente. Falamos durante horas. Compartilhamos histórias das viagens, experiências de vida, lembranças, sonhos e pequenos detalhes cotidianos que, sem perceber, já começavam a criar intimidade entre nós.

Ao final daquela conversa, tomei coragem e sugeri que nos encontrássemos pessoalmente.

Ela aceitou na mesma hora.

Nosso primeiro encontro trouxe um gesto que jamais esqueci: Cristiane pediu que eu fosse buscá-la em casa. Aquele ato de confiança me tocou profundamente. Havia timidez, naturalmente, mas também uma estranha sensação de familiaridade — como se nos conhecêssemos havia muito tempo e estivéssemos apenas retomando uma conversa interrompida pela vida.

Cristiane é mais jovem do que eu, dona de uma personalidade forte, decidida e, ao mesmo tempo, profundamente amorosa. Sempre demonstrou um cuidado atento e discreto com minha saúde, preocupando-se comigo de forma natural, sem excessos, apenas por afeto verdadeiro. Sua atenção nunca se limitou apenas a mim. Ela se estendia aos meus amigos, às pessoas próximas, aos que precisavam de apoio. Em sua área profissional, era admirável sua dedicação, solidariedade e disponibilidade para ajudar.

Sua generosidade era percebida por todos que conviviam com ela.

Um dos pilares mais sólidos do nosso relacionamento sempre foi a parceria. Costumo dizer a Cristiane que quase tudo se torna possível quando duas pessoas caminham na mesma direção. Planejamos juntos nossos sonhos, objetivos financeiros, projetos de vida e conquistas materiais. Mas, acima de tudo, construímos algo ainda mais importante: uma visão compartilhada de futuro.

Não apenas sonhamos. Concretizamos.

Muitas vezes eu sugeria encontros com amigos nos finais de semana, mas ela sorria de maneira tranquila e respondia:

— “Nós já nos bastamos.”

E havia verdade naquela frase.

Não precisávamos de grandes distrações para sermos felizes. Nossa própria companhia preenchia os espaços com leveza, conversa, afeto e paz. Foi nessa simplicidade que nossa cumplicidade se fortaleceu de forma profunda e silenciosa.

Ao longo da vida, eu nunca havia me permitido viver férias internacionais. Cristiane foi quem despertou em mim esse

sonho adormecido. Graças ao seu incentivo, ultrapassamos fronteiras e conhecemos lugares que antes pareciam distantes demais: Europa, Oceania e América do Norte.

Mas as viagens nunca foram apenas sobre destinos.

Elas se transformaram em experiências de aproximação com filhos, noras, netos e amigos. Cada caminho percorrido trouxe novas histórias, risos compartilhados, descobertas e memórias que permanecerão para sempre em nossa vida. Em cada aeroporto, estrada, fotografia ou jantar distante de casa, fortalecíamos nossos laços familiares e afetivos.

Nosso cotidiano também se tornou um exercício constante de aprendizado mútuo.

Os pequenos gestos passaram a carregar enorme significado: uma refeição preparada juntos, uma conversa sobre o futuro, um cuidado silencioso nos momentos difíceis, uma presença firme durante a doença ou o cansaço. Aos poucos, percebemos que o amor verdadeiro não se constrói apenas em grandes acontecimentos, mas principalmente na repetição delicada do cuidado diário.

Cada desafio enfrentado nos aproximou ainda mais, tornando nossa relação sólida, resiliente e profundamente humana.

Cristiane também foi a maior incentivadora para que eu escrevesse estas memórias. Em encontros com amigos e familiares, era comum que eu relatasse histórias da minha trajetória de vida — episódios simples, engraçados, difíceis ou emocionantes, guardados ao longo do tempo. Ela sempre ouvia atentamente e dizia que aquelas lembranças não poderiam permanecer apenas nas conversas passageiras do cotidiano. Insistia, com carinho, que minhas experiências mereciam ser registradas, preservadas e compartilhadas.

Foi graças ao seu incentivo constante que estas páginas começaram a ganhar vida.

Cristiane me ensinou o significado mais profundo da solidariedade e do amor ao próximo. Com ela, aprendi que amar é cuidar, apoiar, ouvir, compreender e dividir sonhos. É planejar juntos, mas também compreender que, muitas vezes, a simples presença silenciosa já é suficiente.

É construir uma vida baseada no respeito, na confiança e na cumplicidade.

Hoje, ao olhar para trás e perceber os quinze anos que compartilhamos — entre chegadas e partidas, desafios e conquistas — compreendo que nosso amor não se sustenta apenas nos momentos felizes. Ele se fortalece diariamente no cuidado mútuo, na parceria constante, na capacidade de permanecer ao lado um do outro e na alegria simples de compartilhar a vida.

Esta memória, mais do que um registro, é uma homenagem.

À Cristiane, que me ensinou que amar é estar presente. É cuidar sem pedir nada em troca. É sonhar junto, apoiar, permanecer e transformar a vida do outro através dos pequenos gestos cotidianos.

De certa forma, estas memórias também carregam as mãos de Cristiane, porque foi ela quem me ensinou que recordar também é uma forma de amar.

Que nossa história continue sendo escrita assim: com amor, parceria, cumplicidade, coragem e horizontes sempre novos diante de nós.

Capítulo 45 — Inahzinha: O Amor Que Permanece

Para Inahzinha, minha mãe.

Há amores que não passam. Apenas mudam de lugar.

Este capítulo não é apenas lembrança — é reencontro.

É fechar os olhos e ainda assim vê-la, caminhando pela casa, organizando a vida com mãos simples e um coração imenso.

Inahzinha foi dessas presenças que não fazem alarde, mas sustentam o mundo. O nosso mundo.

Seu amor nunca precisou de grandes discursos. Ele vinha em forma de frases — curtas, firmes, repetidas — como sementes lançadas no cotidiano. E nós, sem perceber, fomos crescendo dentro delas.

Hoje entendo: cada palavra era cuidado disfarçado de correção, cada bronca era amor tentando nos proteger da vida.

“Marco Antônio…”

Bastava ouvir o nome completo para o tempo desacelerar dentro de mim. Ali vinha a sentença — justa e inevitável.

— “Você não arrumou o seu quarto! Tá pensando que sou sua empregadinha?”

E eu, ainda menino, ensaiava uma defesa silenciosa: dividia o quarto com Zé e Corélio (apelidos de meus irmãos José Carlos e Marco Aurélio. respectivamente) as bagunças nem sempre eram minhas. Mas, no fundo, sabíamos — aquela fala não era sobre o quarto. Era sobre responsabilidade. Era sobre vida. E a vida, com ela, sempre vinha acompanhada de lições.

Quando a dor chegava — um joelho ralado, uma queda de bicicleta, ou alguma imprudência nas peladas de rua — vinha também sua voz, misto de aflição e verdade:

— “Ah, meu Deus!... tá vendo só? Eu te avisei, meu filho…”

E naquele instante, a dor diminuía um pouco — porque era abraçada.

Havia também os dias de prestação de contas, quando a escola chamava, e o silêncio no caminho de volta já dizia tudo:

— “Quando chegarmos em casa, vamos ter uma conversinha…tá me ouvindo?”

E estávamos. Sempre estivemos. Mas é curioso como a memória escolhe guardar, com delicadeza, aquilo que antes parecia apenas rotina.

A casa limpa. O esforço invisível de manter tudo de pé com o salário de uma professorinha rural. A dignidade vestida de simplicidade. E nós, entrando sem cerimônia, trazendo a rua nos pés e a despreocupação nos gestos.

— “Você viu a cor desses pés em cima do meu sofá?”

Hoje sorrimos. Naquele tempo, aprendíamos.

— “Vocês pensam que tenho cara de banco?”

Hoje entendemos. Profundamente. Porque por trás dessas palavras havia renúncia, havia luta, havia coragem silenciosa. E havia amor — sempre.

Mas, entre todas as lembranças, há aquelas que não apenas voltam — elas permanecem.

Nas madrugadas da vida adulta, quando o cansaço dividia espaço com os sonhos e o silêncio era companhia constante, lá vinha ela, com a mesma doçura firme de sempre:

— "Não se esqueça de alimentar, meu filho…"

E naquele cuidado simples morava um amor inteiro.

Inahzinha nunca precisou levantar a mão. Sua autoridade vinha do olhar, da palavra, da presença.

— "Não adianta correr… porque vai ser pior."

E, de alguma forma, sempre era.

Hoje, o tempo fez o que sempre faz: seguiu. E levou consigo sua presença física, depois de 66 anos caminhando junto comigo e entre nós. Mas há coisas que o tempo não leva. Não leva a voz que ecoa na memória. Não leva o ensinamento que virou raiz. Não leva o amor que virou quem somos.

Mãezinha…

Se hoje somos homens e mulheres de caráter, se conseguimos seguir em frente, se sabemos amar — é porque um dia fomos guiados por você.

Obrigado pelas palavras que educaram. Pelas broncas que protegeram. Pelos gestos que nos sustentaram.

Obrigado por ter sido casa, mesmo quando tudo parecia fora do lugar.

Você não está mais onde nossos olhos alcançam — mas permanece onde a vida acontece de verdade: em nós. Porque há amores que não passam.

Apenas continuam. E o seu, Inahzinha, segue vivo — em cada memória, em cada escolha, em cada gesto de amor que carregamos para o mundo.

EPÍLOGO — Entre Raízes e Estradas

Quando comecei a escrever estas memórias, imaginei que estivesse reunindo lembranças.

Hoje percebo que estava fazendo muito mais do que isso.

Estava voltando para casa.

Ao percorrer estas páginas, revi lugares que já não existem da mesma forma, ouvi vozes que o tempo levou para longe e reencontrei pessoas que continuam vivas dentro de mim. Algumas seguiram caminhando ao meu lado. Outras permaneceram apenas na memória. Mas todas, de alguma maneira, ajudaram a construir a história que acabo de contar.

Durante muito tempo, acreditei que a vida fosse feita dos grandes acontecimentos: a formatura, o primeiro emprego, a construção da casa, o nascimento dos filhos, as conquistas profissionais. Hoje sei que não.

A vida acontece, sobretudo, nos intervalos.

Nos cafés compartilhados antes do amanhecer.

Nas palavras simples ditas no momento certo.

Nos gestos de cuidado que quase passam despercebidos.

Nas despedidas que nos transformam.

E nos reencontros que nos devolvem a esperança.

Ao olhar para trás, vejo que cada estrada que percorri começou muito antes de mim.

Começou nos valores recebidos de meus pais.

Na coragem silenciosa de minha mãe.

Nos exemplos de trabalho, dignidade e perseverança que encontrei ao longo da vida.

Começou nas raízes que me sustentaram quando os ventos mudaram de direção.

Talvez por isso tenha escolhido este título.

Entre Raízes e Estradas não é apenas a história dos lugares por onde passei.

É a história dos afetos que me formaram e dos caminhos que escolhi percorrer.

As raízes me ensinaram quem eu era.

As estradas me mostraram quem eu poderia me tornar.

Hoje, ao contemplar os filhos, os netos, os amigos que o tempo preservou e as pessoas que continuam dividindo comigo os dias, compreendo que a maior riqueza da vida nunca esteve nas conquistas acumuladas, mas nos vínculos construídos ao longo da caminhada.

Nada do que vivi foi obra exclusivamente minha.

Em cada capítulo desta história existem mãos que me ampararam, palavras que me orientaram, olhares que me encorajaram e corações que caminharam ao meu lado.

A todos eles, minha gratidão.

Se estas memórias permanecerem, espero que não permaneçam apenas como registro de uma vida.

Espero que sejam um testemunho de que vale a pena amar, trabalhar, recomeçar, perdoar, aprender e seguir adiante.

Porque a vida não é medida pelo número de anos que atravessamos.

Ela é medida pelas marcas de amor que deixamos no caminho.

E, se há algo que aprendi depois de tantas estradas percorridas, é que nenhum caminho termina verdadeiramente enquanto houver alguém para lembrar, contar e continuar a história.

Assim encerro estas páginas.

Não com a sensação de chegada.

Mas com a serenidade de quem compreende que a vida continua florescendo muito além das palavras.

Porque algumas histórias terminam.

Mas os amores que lhes deram sentido permanecem.

"Toda vida começa antes da memória."

Entre raízes e caminhos,
a vida se constrói em silêncio e movimento.

Cada memória guarda um pedaço do que fomos –
e ilumina aquilo que ainda podemos ser.

Neste relato sensível, Marco Antonio Azevedo
convida o leitor a percorrer não apenas uma história,
mas um caminho de significado, pertencimento
e transformação.

Somos feitos das raízes que nos sustentam
e das estradas que escolhemos seguir.

ISBN 978-65-01-23456-7
9 786501 234567